UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ANA CLÁUDIA MUNIZ

Um programa para a longevidade: uma etnografia do UniversIDADE da UNICAMP

CAMPINAS
2019

ANA CLÁUDIA MUNIZ

Um programa para a longevidade: uma etnografia do UniversIDADE da UNICAMP

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. GUITA GRIN DEBERT

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA ANA CLÁUDIA MUNIZ, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. GUITA GRIN DEBERT.

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

M925p

Muniz, Ana Cláudia, 1989-
Um programa para a longevidade : uma etnografia do UniversIDADE da UNICAMP / Ana Cláudia Muniz. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Guita Grin Debert.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Universidade da Terciera Idade. 2. Envelhecimento - Aspectos sociais. 3. Idosos - Condições sociais. 4. Velhice. 5. Sociabilidade. I. Debert, Guita Grin, 1948-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: A program for longevity : an ethnography of the UniversIDADE of UNICAMP
Palavras-chave em inglês:
University of the Third Age
Aging - Social aspects
Elderly - Social conditions
Old age
Sociability
Área de concentração: Antropologia Social
Titulação: Mestra em Antropologia Social
Banca examinadora:
Guita Grin Debert [Orientador]
Mirian Goldenberg
Helena Maria Sant'Ana Sampaio Andery
Data de defesa: 26-02-2019
Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: orcid.org/0000-0002-1927-5077
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/4308750596927201

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelas Professoras Doutoras a seguir descritas, em sessão pública realizada em 26 de fevereiro de 2019, considerou a candidata Ana Cláudia Muniz aprovada.

Profa. Dra. Guita Grin Debert
Profa. Dra. Mirian Goldenberg
Profa. Dra. Helena Maria Sant'Ana Sampaio Andery

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Dedico este trabalho à memória do meu amado pai, Marcos José Muniz.
(15/06/1967-10/04/2018)

E à memória do meu querido tio e padrinho, Marco Aurélio Souza Leite do Brasil.
(16/10/1962-28/10/2018)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço às coordenadoras do programa UniversIDADE – Alice Helena de Danielli e Isabel Cristina Araújo Floriano – que, em 2016, abriram-me as portas do programa para que fosse possível realizar esta pesquisa. À coordenadora Profa. Dra. Kátia Stancato, por manter esta parceria em 2017. E também a todas as alunas e alunos participantes do programa, instrutores e membros da equipe coordenadora, que são os interlocutores presentes nesta pesquisa, agradeço pela abertura, simpatia com que me receberam e pela disposição em participar da pesquisa.

Agradeço à UNICAMP e seus funcionários: do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), em particular à Márcia Goulart; das bibliotecas que frequentei; do xérox do IFCH e da Física; dos restaurantes universitários; do CECOM (Centro de Saúde à Comunidade) e do SAPPE (Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica ao Estudante), em particular, à psicoterapeuta Renata que tanto me ajudou no grupo de terapia no ano de 2017.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de mestrado concedida de setembro de 2016 a fevereiro de 2018.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da UNICAMP: Suely Kofes, Artionka Capiberibe, Maria Filomena Gregori, Nashieli Loera, Susana Durão e Antônio Guerreiro, que contribuíram para minha formação na trajetória do mestrado.

Às professoras Helena Maria Sant'Ana Sampaio Andery e Myriam Moraes Lins de Barros agradeço pela apreciação crítica e ótimas sugestões e contribuições no exame de qualificação.

À professora Mirian Goldenberg e, novamente, à professora Helena Sampaio agradeço por terem aceito o convite de participar da banca de defesa da dissertação.

O agradecimento especial é para minha orientadora, professora Guita Grin Debert, seu trabalho que tanto me instiga inspirou esta pesquisa, agradeço por acolher minha proposta, pela confiança e, principalmente, pela orientação tão cuidadosa.

Agradeço aos colegas de orientação pelas contribuições nas reuniões: Marcelo Danowski, Vanessa Paula Ponte, Mariana Marques, agradeço pelas sugestões e contribuições

no primeiro texto que apresentei sobre a pesquisa; Sofia e Dominique, agradeço pela ótima parceria na pesquisa com a oficina “Confraria dos/as Avós”.

Aos colegas do PPGAS/UNICAMP, turma de 2016, em particular: Júlia, Brunela, Rafael e Nathanael, agradeço pelos comentários e sugestões na aula de Seminários de Projetos e Etnografia. À Natália Negretti pelas contribuições no evento “Interseccionando pesquisas” (2017). Às amigas Marina, Larissa Vibe, Ralyanara, Jordana, Luiza e Lorena pela força nos estudos no dia a dia do percurso do mestrado. Em especial à Maiane pela parceria nos estudos na biblioteca, pela companhia nos almoços do “bandejão” e nos intervalos do café no IFCH e à Lígia por toda força e ombro amigo.

Às minhas colegas de trabalho, Adriana Negretti e Marcinha Franco, da escola estadual CEEJA Jeanette de A. G. A. Martins onde trabalhei no ano de 2018, ano sofrido por muito luto, agradeço pela simpatia diária e por me acolherem em momentos de inseguranças e incertezas da carreira profissional e acadêmica.

Por fim, agradeço à minha querida família que sempre me apoiou: meus avôs e minhas avós, minha tia-madrinha Matina e minha prima Pati. Ao meu amado pai Marcos (*in memoriam*), meu querido irmão Rodrigo e à minha amada mãe Cláudia, que me apoiam sem medidas. Ao Leo, que esteve sempre ao meu lado neste percurso me dando apoio, estímulo, amor e fazendo os dias serem mais bonitos. A Deus agradeço pela vida e tudo de bom que ela me traz, pela possibilidade de ter realizado este trabalho e estar concluindo esta etapa de formação na UNICAMP, meu grande sonho.

RESUMO

O objetivo desta dissertação foi compreender, por meio da abordagem etnográfica, os significados envolvidos no "UniversIDADE: um programa para a longevidade" da UNICAMP. Buscou-se descrever como o programa foi criado, como se caracteriza, quem são os instrutores que atuam ministrando as atividades e os participantes – alunos inscritos no programa. Verificou-se que o programa se insere num contexto de ampliação de direitos e políticas sociais voltados ao segmento mais velho da população. Novos conhecimentos e o desenvolvimento de uma nova sociabilidade são alguns dos valores mais prezados por este programa, que amplia e redefine funções e objetivos das instituições de ensino superior.

Palavras-chave: Universidade da Terceira Idade; Envelhecimento – Aspectos sociais; Idosos – Condições sociais; Velhice; Sociabilidade.

ABSTRACT

The objective of this dissertation was to understand, through the ethnographic approach, the meanings involved in "UniversIDADE: um programa para a longevidade" of UNICAMP. The aim was to describe how the program was created, how it is characterized, who are the instructors who perform the activities and the participants – students enrolled in the program. It was verified that the program is inserted in a context of expansion of rights and social policies aimed at the elderly population. New knowledge and the development of a new sociability are some of the most important values of this program, which broadens and redefines the functions and objectives of higher education institutions.

Keywords: University of the Third Age; Aging – social aspects; Elderly – social conditions; Old age; Sociability.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Número de inscritos de 2015 a 2017 49
Quadro 2 – Eixos temáticos e atividades (2016) 50
Quadro 3 – Instrutores do segundo semestre de 2017 62
Quadro 4 – Atividades assistidas e número de participantes por sexo (2016) 65
Quadro 5 – Número de inscritos por faixa etária (2016) 67
Quadro 6 – Cidade de residência dos inscritos (2016) 68
Quadro 7 – Nível de escolaridade dos inscritos (2016) 69
Quadro 8 – Renda individual dos inscritos (2016) 70
Quadro 9 – Profissão/formação dos instrutores das atividades oferecidas no segundo semestre de 2017 132

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto da apresentação do Coral no dia 02/10/2015.....53
Figura 2 – Foto da apresentação do Coral no dia 04/10/2016.....55

LISTA DE ABREVIATURAS

EI – Estatuto do Idoso

IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

ONU – Organização das Nações Unidas

PNI – Política Nacional do Idoso

SESC – Serviço Social do Comércio

SESC-SP – Serviço Social do Comércio de São Paulo

UnATI – Universidade Aberta à Terceira Idade

UnATI/UERJ – Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UTI – Universidade da Terceira Idade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

Objetivos e metodologia 17

Composição 19

CAPÍTULO 1 – Envelhecimento e a "Terceira Idade" 20

1.1 Entre natureza e cultura: envelhecimento como um processo social e seus limites fisiológicos 21

1.2 A Gerontologia e o problema social da velhice 23

1.3 Os programas para a terceira idade e a reprivatização da velhice 25

CAPÍTULO 2 – Os novos sujeitos de direitos, envelhecimento bem-sucedido e os desafios de uma etnografia no programa UniversIDADE 31

2.1 Direito de envelhecer com dignidade 31

2.2 Educação e lazer para um envelhecimento bem-sucedido 34

2.3 As Universidades da Terceira Idade 35

CAPÍTULO 3 – "UniversIDADE: um programa para a longevidade" 44

3.1 Identificando lacunas e levando sustos: como surgiu o programa 45

3.2 As atividades oferecidas pelo programa: oficinas, palestras, eventos de abertura e seminários 49

3.3 Atores envolvidos na "troca": equipe, instrutores voluntários e alunos do programa ... 58

3.3.1 A UniversIDADE dos funcionários da UNICAMP: perfil dos instrutores e equipe coordenadora 60

3.3.2 Perfil dos alunos inscritos no programa 64

CAPÍTULO 4 – “Um conhecimento com carinho”: sentidos e significados do programa UniversIDADE 72

4.1 Um centro de convivência na “multiversidade” 72

4.2 Envelhecimento bem-sucedido longe da depressão: a sociabilidade e o conhecimento como “antídoto” 76

4.2.1 Entre ‘indivíduo’ e ‘família’ 80

4.2.2 Entre indivíduo e sociedade: o programa UniversIDADE como congregação 89

4.3 Família e UniversIDADE 90

CONSIDERAÇÕES FINAIS 95

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 102

Anexo 1 - Atividades do primeiro semestre de 2016 111

Anexo 2 - Atividades do segundo semestre de 2016 115

Anexo 3 - Atividades do primeiro semestre de 2017 120

Anexo 4 - Atividades do segundo semestre de 2017 122

Anexo 5 - Mapa da UNICAMP *Campus* Barão Geraldo 128

Anexo 6 - Resolução GR 038/14 129

Anexo 7 - Formação/profissão/vínculo dos instrutores 132

Anexo 8 - Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP 141

INTRODUÇÃO

Como é muito falado, a partir das últimas duas décadas do século XX e no início do século XXI observamos uma mudança da pirâmide etária demográfica mundial e brasileira. Além do aumento da expectativa de vida contamos também com uma diminuição da taxa de natalidade que faz com que a população idosa aumente cada vez mais. Temas como "independência e vida ativa com o envelhecimento" e "fortalecimento da prevenção e da promoção da saúde e qualidade de vida no envelhecimento", assuntos contemporâneos, tornaram-se parte da agenda de diferentes organizações nacionais e internacionais como a Organização Mundial de Saúde (OMS). De acordo com as Nações Unidas Brasil, "as pessoas mais velhas têm, cada vez mais, sido vistas como contribuintes para o desenvolvimento, e suas habilidades para melhorar suas vidas e suas sociedades devem ser transformadas em políticas e programas em todos os níveis"[1]. É pensando neste fenômeno social e sua demanda por políticas públicas que se justificam pesquisas em diversas áreas do saber acadêmico, que buscam, à sua maneira, contribuir para um desenvolvimento social que promova a cidadania desta população. De acordo com Minayo e Coimbra Jr. (2002) "é muito importante ouvir a 'lógica interna desse grupo socioetário' e contar com ele para a realização de seus anseios e para a construção de um padrão de vida que lhes seja adequado" (p. 12).

Desse modo, a pesquisa antropológica se torna imprescindível, podendo compreender o processo de envelhecimento em sua complexidade, ao tratar de diversas questões, e contribuir com um olhar crítico que identifique problemas, sofrimentos e preconceitos (GOLDENBERG, 2011). Debert (2012) aponta que o antropólogo tem o papel importante na renovação do diálogo com gerontólogos e geriatras no que diz respeito às velhas questões, do tipo: "como conciliar a reinvenção da velhice bem-sucedida com a 'facticidade' do declínio biológico e do espectro terrificante do prelúdio da morte social?" (p. 253).

Com algumas aproximações e o interesse de pensar sobre este contexto cheguei até a pesquisa que apresento nesta dissertação. Em minha graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG) fiz iniciação científica[2] e o trabalho de conclusão de curso que tiveram como base uma pesquisa etnográfica realizada em um Projeto de Extensão

[1] Disponível em: https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/ Último acesso em: 16/10/2017.
[2] Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski.

Universitária intitulado "Formação de agentes sociais e licenciandos para o tratamento das temáticas da Diversidade Étnico-Racial e da Identidade Racial". Neste trabalho analisei o impacto que a formação teve na representação de si[3] dos sujeitos participantes do projeto. A partir desta aproximação com a extensão universitária e também com o estudo teórico-conceitual sobre a representação de si, observei que na Unifal-MG a Pró-Reitoria de Extensão executava um programa voltado para pessoas idosas, a Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI); e, simultaneamente, fiz a leitura do livro "A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento" de Guita Grin Debert (2012[1999]) me interessando muito pela temática. A fim de desenvolver um projeto de pesquisa para realizar o mestrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)[4], meu interesse se voltou para o programa que havia sido criado em 2015 na UNICAMP, o "UniversIDADE: um programa para a longevidade". Deste modo, surgiu a ideia de propor esta pesquisa, com o objetivo mais geral de refletir sobre os significados do processo de envelhecimento em nossa sociedade, investigando de perto um programa voltado às pessoas mais velhas.

No final de setembro de 2015 entrei em contato via *e-mail* com a coordenação do programa UniversIDADE expondo minhas intenções de pesquisa. A coordenadora, Alice Helena de Danielli, logo me respondeu interessada na proposta e marcamos um encontro para conversar sobre o assunto. Além de marcar nossa reunião ela me fez o convite para participar do "II Seminário sobre Longevidade e Qualidade de Vida da UNICAMP", em comemoração ao Dia Internacional da Pessoa Idosa, no dia 1º de outubro de 2015. Em outubro de 2015, encontrei com as coordenadoras do programa, Alice Helena de Danielli e Isabel Cristina Araújo Floriano, para conversar a respeito da pesquisa. Elas me receberam em sua sala, no prédio da reitoria da UNICAMP, com entusiasmo. Contei que pretendia fazer um estudo qualitativo do programa refletindo antropologicamente sobre os significados do envelhecimento. Comentei que minha orientadora seria a professora Guita, que elas já conheciam por ser professora da casa – UNICAMP e também em função dos seus trabalhos sobre o tema envelhecimento. Elas disseram ter gostado da proposta e que o programa estava de portas abertas para mim e para a professora Guita. Combinei com as coordenadoras do programa de que minha pesquisa de campo tivesse início após avaliação do meu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP. Essa dissertação é resultado da pesquisa intitulada "Representações

[3] A partir do conceito trabalhado por Sylvia Caiuby Novaes na obra "Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros" (1993), em que a autora especifica as dimensões da representação de si, que seria composta pela identidade, noção de pessoa e autoimagem.
[4] Realizei o processo seletivo no ano de 2015 para ingresso em 2016.

do corpo e os significados do envelhecimento no programa UniversIDADE". Submeti o projeto via Plataforma Brasil em maio de 2016 e tive o parecer positivo liberado em 27 de julho de 2016.[5]

Objetivos e metodologia

A pesquisa teve como objetivo oferecer elementos para a compreensão das formas de periodização da vida, especialmente representações sobre a velhice e formas de gestão de envelhecimento em nossa sociedade. O foco da análise foram a experiência social e os significados da participação em um programa de universidade para a terceira idade, o "UniversIDADE: um programa para a longevidade" da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Com base na etnografia realizada sobre este programa e na revisão bibliográfica sobre a temática, pretendo, nesta dissertação, oferecer elementos para a compreensão dos programas para a terceira idade. Esses programas são pensados como uma das formas de gestão do envelhecimento em nossa sociedade, que visam promover um "envelhecimento bem-sucedido". Deste modo, busco compreender que valores são acionados pelos sujeitos envolvidos no programa e como estes vivenciam a experiência de participar do programa UniversIDADE.

Em outras palavras, procurei observar como os participantes vivenciam as atividades que visam proporcionar a "longevidade" e a "qualidade de vida", e que significados elas adquirem para as pessoas envolvidas – participantes, instrutores voluntários, equipe coordenadora do programa UniversIDADE. Para esta reflexão, pretendo partir de uma perspectiva relacional que define o envelhecimento como um processo de dimensões subjetivas e intersubjetivas, que se realiza em diferentes contextos socioculturais e em situações interativas em que são relevantes distinções de classe, gênero, geração e raça/etnia (LINS DE BARROS, 2011).

Realizei uma pesquisa qualitativa envolvendo uma abordagem etnográfica, com observação direta de contextos e situações, conversas informais e também discussões em grupos

[5] Número do parecer: 1.650.952 e número do CAAE: 56569016.0.0000.5404. O parecer consubstanciado está no Anexo 8 da dissertação.

de estudantes do programa. Também foi utilizado como dados para análise o que é difundido na mídia a respeito do programa UniversIDADE: áudios, vídeos e textos, que são veiculados no *site* do programa[6], no *site* da UNICAMP e também na página do programa no *site* da rede social *Facebook*[7]. E por fim foi sistematizado um conjunto de dados socioeconômicos das pessoas inscritas no primeiro semestre de 2016, dados que foram cedidos pela coordenação do programa.

As descrições e análises, que trago aqui, foram decorrentes de minhas observações em eventos promovidos pelo programa, como as aberturas e apresentações do programa em início dos semestres letivos e os seminários promovidos anualmente – eventos que objetivam reunir todas as pessoas inscritas no programa; bem como observações em outras atividades do programa. Participei nos eventos de abertura do primeiro e do segundo semestre do ano de 2016, e do primeiro e do segundo semestre de 2017. Participei também de três seminários: ano de 2015, 2016 e 2017. Os dados foram registrados em cadernos de campo e em alguns destes eventos fiz gravação em áudio e transcrição.

Outra estratégia metodológica foi oferecer uma oficina para os alunos do programa UniversIDADE com a intenção de realizar conversas a respeito dos papeis dos avós na contemporaneidade. A oficina foi oferecida em dois momentos, no segundo semestre de 2016 e no segundo semestre de 2017, e teve três sessões em cada semestre. O objetivo da oficina era o de propor uma reflexão dos participantes sobre os novos significados de ser avós, intitulada "Confraria dos/as Avós". Não se tratava de uma oficina sobre a experiência no programa UniversIDADE, mas boa parte das participantes relataram as razões que as levaram a se inscrever no programa e as vantagens obtidas nesta participação. Os depoimentos das participantes nestas oficinas foram gravados em áudio e transcritos.

Os nomes utilizados para as alunas participantes do programa UniversIDADE que tiveram suas falas gravadas em áudio e transcritas, incluindo as que participaram da oficina Confraria das Avós, são fictícios. Medida usada para garantir a privacidade das participantes. Nos depoimentos e falas de caráter público foram mantidos os nomes verdadeiros dos interlocutores, como os dos reitores e das coordenadoras do programa, bem como nos depoimentos de participantes postados na internet no modo público, na rede social *Facebook* e também no *site* do programa UniversIDADE.

---

[6] Disponível em: http://www.programa-universidade.unicamp.br/. Último acesso em 06/10/2017.
[7] Disponível em: https://www.facebook.com/programauniversidadeunicamp/ . Último acesso em: 19/01/2018.

Composição

A dissertação é composta por quatro capítulos. No Capítulo 1 – "Envelhecimento e a "Terceira Idade"" – apresento análises e reflexões empreendidas na área de ciências sociais sobre o envelhecimento humano, de modo a contextualizar o surgimento da categoria "terceira idade" e dos programas e atividades voltados ao público idoso, trazendo as interpretações de alguns estudiosos sobre este fenômeno.

No Capítulo 2 – "Os novos sujeitos de direitos, envelhecimento bem-sucedido e os desafios de uma etnografia no programa UniversIDADE" – procuro mostrar como surgiram os programas nas universidades voltados para o público acima dos quarenta cinco e cinquenta anos e como estes programas estão pautados nas políticas que foram criadas para as pessoas idosas a partir do final do século XX. Faço também uma seleção de pesquisas e trabalhos relevantes sobre programas de universidade para a terceira idade apresentando suas principais conclusões.

No Capítulo 3 – "UniversIDADE: um programa para a longevidade" – realizo uma descrição do modo como foi criado o programa na UNICAMP, quais são as atividades oferecidas e busco apontar o perfil sociológico dos instrutores e dos alunos participantes, realçando o sucesso do empreendimento em especial para o corpo de funcionários da UNICAMP.

O Capítulo 4 – ""Um conhecimento com carinho": sentidos e significados do programa UniversIDADE" – se volta para os significados do programa para o público envolvido, interessa particularmente mostrar como as relações com a família de origem e a convivência com os colegas são concebidos, e o modo como a universidade pode se constituir como "antídoto" contra a depressão entre outras doenças tidas como próprias do envelhecimento.

Por fim, nas considerações finais, retomo reflexões apresentadas em cada um dos capítulos de modo a entender o sucesso desta experiência em que a longevidade entra como um novo desafio nas práticas universitárias.

CAPÍTULO 1 – Envelhecimento e a "Terceira Idade"

O envelhecimento humano tem sido entendido como um processo múltiplo e complexo. Várias áreas do saber científico se debruçam sobre este processo. É, sobretudo, a partir da década de 1960, que as ciências sociais começam a tratar a temática da velhice e do envelhecimento (BRITTO DA MOTTA, 2009). Norbert Elias em "Envelhecer e Morrer" (2001 [1982]) aponta que há extensa literatura na ciência sobre os processos fisiológicos do envelhecimento, que são parcialmente compreendidos, mas que a própria experiência do envelhecimento seria pouco compreendida. Elias (2001) se propõe a examinar não os sintomas físicos do envelhecimento, mas o que as pessoas que envelhecem experimentam subjetivamente.

Em 1970, Simone de Beauvoir publica a obra *"La vieillesse"* na França, que logo foi traduzida para o português[8]. A autora afirma na obra que na espécie humana é difícil definir a velhice pela multiplicidade de aspectos que a mesma apresenta, que são irredutíveis uns aos outros, e defende que não basta descrever de modo analítico seus diversos aspectos, mas que devemos apreendê-la no movimento definido desta circularidade.

> Ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, consequências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como característicos da idade avançada. Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence. O que torna a questão complexa é a estreita interdependência desses diferentes pontos de vista. Sabe-se hoje que é abstrato considerar em separado os dados fisiológicos e os fatos psicológicos: eles se impõem mutuamente (BEAUVOIR, 1990, p.15).

Neste sentido, Alda Britto da Motta (2009) afirma que é difícil definir a velhice inclusive como delimitação referida ao biológico, por sua inseparabilidade do social. Em "Envelhecimento e sentimento do corpo" (2002), a autora mostra que a maior parte de estudos sobre o envelhecimento no Brasil se refere ao campo da saúde e áreas correlatas e que se

[8] Publicada em português em 1970 em dois volumes – "A velhice: a realidade incômoda" e "A velhice: as relações com o mundo". A edição em português que aqui cito foi publicada em um único volume em 1990 com o título "A velhice".

encontram nestes estudos simultaneamente corpos naturais e simbolicamente descorporificados e mudos.

A obra de Simone de Beauvoir (1990), que tem como propósito denunciar a conspiração do silêncio revelando como a sociedade trata os velhos que são estigmatizados, ignorados, abandonados, influencia muito o discurso gerontológico brasileiro e vários trabalhos sobre envelhecimento no Brasil, inclusive os da antropóloga Mirian Goldenberg que pesquisa o envelhecimento na sociedade brasileira. Goldenberg (2015 [2013]) busca focar nos aspectos positivos do envelhecimento, destacando o que chama de categoria marginal na obra de Beauvoir, a de "bela velhice", como podemos observar neste trecho da obra "A Velhice":

> Para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só há uma solução – é continuar a perseguir fins que deem sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, a coletividades, a causas, trabalho social ou político, intelectual, criador. Contrariamente ao que aconselham os moralistas, é preciso desejar conservar na última idade paixões fortes o bastante para evitar que façamos um retorno sobre nós mesmos. A vida conserva um valor enquanto atribuímos valor à vida dos outros, através do amor, da amizade, da indignação, da compaixão. Permanecem, então, razões para agir ou para falar. (BEAUVOIR, 1990, p. 661).

Este fragmento evidencia alguns significados que a ideia de "terceira idade" aciona e que é reiterado em diferentes eventos promovidos pelo programa UniversIDADE. Para discutir esta ideia, pretendo, neste capítulo, destacar o que a pesquisa socioantropológica sobre períodos da vida nos mostra a respeito das representações da velhice e do envelhecimento.

1.1 Entre natureza e cultura: envelhecimento como um processo social e seus limites fisiológicos

Pierre Bourdieu (1983) no texto "A juventude é apenas uma palavra*"* aponta que as divisões entre as idades são arbitrárias e que a fronteira entre a juventude e a velhice é objeto de disputas em todas as sociedades. A manipulação das categorias de idades envolve uma luta política em que está em jogo a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida (BOURDIEU, 1983). Debert (1998) demonstra que a institucionalização do curso da vida, que é própria da modernidade, além de significar a

regulamentação das sequências da vida, significou a constituição de perspectivas e projetos de vida pelos quais os indivíduos se orientam e planejam suas ações.

Mike Featherstone (1998) argumenta que o curso da vida é um problema da intersecção da biologia e da cultura. O autor defende que para pensar questões do envelhecimento humano é preciso ir além de um simples determinismo biológico e também do construtivismo social, pois o corpo humano coloca limites às possibilidades para a vida social. De acordo com o autor,

> corpos não operam no mundo social como coisas "em si mesmas", sua capacidade de operar é mediada pela cultura. A cultura é escrita sobre os corpos e nós precisamos examinar os modos particulares de como isso acontece em diferentes sociedades, incluindo o papel das imagens sobre nossas percepções do corpo e os modos pelos quais a construção das identidades depende da construção das imagens do corpo. Seria preciso, portanto, explorar o desenvolvimento dos modos de conceber o envelhecimento e o curso da vida que vai além daquele dualismo que procura separar o corpo da cultura, e o corpo da vida social (p. 46).

Segundo Featherstone (1998), deve-se falar em cursos da vida, no plural, pois há variabilidade histórica e complexidade cultural quando falamos em condições e fases da vida. O autor coloca a questão se há limites à nossa capacidade para inscrever a cultura na natureza, e para respondê-la utiliza o termo "máscara da velhice" sobre o qual desenvolve sua reflexão. Featherstone (1998) afirma que na cultura de consumo "a velhice é apresentada com imagens que a retratam como uma fase da vida na qual sua juventude, vitalidade e atratividade podem ser mantidas" (p. 62). O autor considera que no ocidente se criou uma imagem mais positiva da velhice, como uma fase ativa, o que se associa às pensões mais generosas voltadas para a classe média. **"**O estilo da aposentadoria ativa na cultura de consumo deverá ser mais disponível para certos grupos que têm tempo e dinheiro para as modas da jovialidade, utilidade e beleza da manutenção do corpo" (FEATHERSTONE, 1998, p. 63).

Myriam Moraes Lins de Barros (2009 [1998]) afirma que ser velho no mundo ocidental contemporâneo remete a configurações de valores distintas de outros momentos históricos da nossa sociedade e de outras culturas; e aponta que "diferenças de gênero, de classe, de credos religiosos, de etnia, de inserção profissional também estão presentes nas construções das representações e das experiências do envelhecer" (p. 9).

Em "A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento" Debert (2012 [1999]) mostra como a periodização da vida na história da

civilização ocidental se transforma. Para Moody (1993), a sensibilidade investida na idade cronológica é radicalmente distinta por três etapas sucessivas:

> a pré-modernidade em que a idade cronológica é menos relevante do que o *status* da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma cronologização da vida; e a pós-modernidade, que operaria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário (DEBERT, 2012, p. 56).

O curso da vida moderno burocratiza os ciclos da vida através da escola, do mundo do trabalho e da aposentadoria, demarcando pelo menos três segmentos: a juventude/vida escolar, mundo adulto/trabalho e a velhice/aposentadoria. Na contemporaneidade (ou no curso da vida pós-moderno) assistimos a "uma proliferação de etapas intermediárias do envelhecimento" (DEBERT, 1999, p. 77), dentre elas a da "terceira idade" – categoria que produz novos estilos de vida e cria mercados de consumo específicos. Neste sentido, Lins de Barros (2011) aponta que em nossa sociedade as idades são apreendidas como etapas que definem estilos que podem ser adotados e que delimitam fronteiras, como no caso da "terceira idade como um modo de ser e de estar no mundo" (p.47).

1.2 A Gerontologia e o problema social da velhice

A velhice que foi considerada por muito tempo própria da esfera privada e familiar se transforma em uma questão pública, "um conjunto de orientações e intervenções, muitas vezes contraditório, é definido e implementado pelo aparelho de Estado e outras organizações privadas" (DEBERT, 2000, p. 302). É criado um campo de saber específico sobre o envelhecimento, a Gerontologia, que aciona uma visão homogênea das representações da velhice, criando uma nova categoria cultural, o idoso, como se fosse um conjunto autônomo e coerente.

Lima (1999) discute a "fase científica disciplinar" do discurso sobre a velhice. No final do século XIX e início do século XX, na Europa, contexto marcado pelo cientificismo e expansão do capitalismo, começa a se delinear um campo autônomo de estudos sobre a velhice e o envelhecimento, a Geriatria e a Gerontologia. O termo "gerontologia" foi criado em 1908,

em Paris, por um médico russo, Élie Metchnikoff, que significa o estudo do envelhecimento; e o termo "geriatria" foi criado por Ignaz Nascher, médico austríaco, em 1909 (LIMA, 1999). A Geriatria se baseia nas ciências médicas, enquanto que a Gerontologia está ligada às dimensões sociais do envelhecimento. Desse modo, "as questões ligadas à velhice começam a ganhar visibilidade, e ser objeto de discursos e práticas específicas, com a criação de instituições especializadas no tratamento da população de mais idade" (LIMA, 1999, p. 19).

A partir da segunda metade do século XX, como mostra Cohen (1998), começa a se desenvolver uma gerontologia "internacional". Em Viena, ano de 1982, é realizada a "Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento", que instituiu o ano internacional do idoso e propôs o "Plano de Ação Mundial sobre o Envelhecimento".

> A Assembleia Mundial sobre a Velhice em 1982 constituiu-se numa extensão do arquétipo da conferência gerontológica americana dos anos 50, com as mesmas duas funções: (1) *nomear* a velhice como um problema e (2) *doutrinar* os ignorantes para estabelecer a uniformidade de soluções. A "gerontologia internacional" é, portanto, o esforço de universalizar uma epistemologia cultural específica por meio da comunicação unidirecional. Qualifico de "internacionalista" o procedimento de invocar uma comunidade global de saber, a fim de difundir as pretensões de verdade de uma visão de mundo particular. A epistemologia subjacente à Assembleia Mundial, com sua especificidade "coletiva", é internacionalista, não internacional (COHEN, 1998, p. 73).

Segundo Lima (1999), um dos principais aspectos do aumento da visibilidade e importância da velhice, na última década do século XX, é o surgimento do discurso científico sobre o envelhecimento, "em nome do qual aparecem *experts* que se apresentam como agentes legítimos para falar da velhice" (p. 6). O autor argumenta que esta modalidade científica moderna de reflexão sobre a velhice, a gerontologia, desempenha em relação à velhice o papel de ocupar a lacuna deixada pelo declínio da *tradição* sobre os modos de gerir a experiência do envelhecimento.

Clarice Peixoto (2006) chama atenção para as modificações ao longo do tempo da representação social da pessoa envelhecida, segundo a autora

> a antropologia ou sociologia do envelhecimento constitui-se como campo específico de investigação a partir do surgimento de um novo fenômeno – o rápido aumento da população de mais de 60 anos –, que virou um "problema social". E o que tornou a velhice um problema social foram sobretudo as consequências econômicas, que afetaram tanto as estruturas financeiras das

> empresas – e posteriormente do Estado, com o advento das aposentadorias –, quanto as estruturas familiares, que até então arcavam com os custos de seus velhos, incapacitados para sustentar a si mesmos. A transferência desse encargo para outra instância afetou sensivelmente as relações entre as gerações nas diferentes classes sociais (p. 70).

Debert (2000) traça o movimento no qual as sociedades modernas, a partir da segunda metade do século XIX, tratam a velhice como uma etapa caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais. Essas imagens negativas sobre a velhice foram fundamentais para a legitimação de direitos sociais como a universalização da aposentadoria (HOCHMAN, 2000; SIMÕES, 2000). A criação da aposentadoria é concomitante a uma nova forma de conceber a velhice e a um conjunto de transformações que acompanharam o desenvolvimento capitalista levando a criação de instituições que tenderam a substituir "parcialmente a família no tratamento das gerações mais velhas" (DEBERT e SIMÕES, 1998, p. 29).

1.3 Os programas para a terceira idade e a reprivatização da velhice

A socióloga francesa Anne-Marie Guillemard (1986) analisa três grandes conjuntos de transformações pelo qual passa a sensibilidade em relação ao idoso na França. Segundo a autora, no período de 1945 a 1960, sobressai a questão dos meios de subsistência dos trabalhadores velhos, quando se generaliza o sistema de aposentadoria, que dá uma identidade de condições aos idosos e os diferencia de outras populações para as quais se prestam assistência social; neste período a velhice seria associada à situação de pobreza. De 1959 a 1967, seria o período em que se tem uma ênfase nas condições de vida do idoso e em práticas como lazer, férias e serviços de saúde; no qual haveria uma sensibilidade de reverter a condição de solidão e marginalidade que são tidas como próprias da experiência das pessoas mais velhas; este momento corresponde à ampliação das camadas médias assalariadas, em que a aposentadoria passa a ser pensada para um setor com níveis mais altos de aspirações, aptidões e consumo − que corresponde à ideia da "terceira idade". De 1967 até o final do século XX, teríamos a ideia da pré-aposentadoria, implicando uma revisão da idade cronológica própria à retirada do trabalho, a velhice passaria a ser definida como momento que é ilegítimo trabalhar. Formaram-se instituições e agentes com a função de tratar a velhice, se interpondo entre as gerações na família. Surgiram especialistas em geriatria e gerontologia, campos que atuam a

partir de um saber especializado sobre o envelhecimento. Na França, o Relatório de Laroque, em 1962, formula uma nova visão do problema da velhice, volta-se para a população idosa e propõe medidas que envolvem tratamentos geriátricos (e não mais a hospitalização do idoso), cuidados a domicílio, moradia, centros e restaurantes para idosos. É criado assim uma ideologia pública com recursos financeiros que vão intervir na condição das pessoas idosas.

É neste contexto que temos a invenção da ideia da "terceira idade". O sociólogo francês Remi Lénoir (1979) aponta que esta ideia significa uma negação do envelhecimento, com novos signos tais como a "idade do lazer" e a aposentadoria; a velhice, em vez de ser vista como o período de descanso, passa a ser vista como período de atividade, lazer e realização pessoal. Com isso as políticas voltadas para os idosos mudam de ênfase, não mais se preocupam em resolver problemas econômicos, mas sim em promover cuidados culturais e psicológicos para integrar esta população que seria marginalizada. Segundo Lénoir (1979), essas novas representações corresponderam à demanda por novas formas de gestão da velhice, que foram consequências de transformações nas relações entre gerações e das transformações relativas à aposentadoria ocorridas na França, em que se criou um novo mercado da previdência e se estabeleceu concorrência entre grupos financeiros, que ofereceram vantagens e serviços aos aposentados como férias, clubes, etc.; contribuindo para invenção da ideia de "terceira idade".

Peter Laslett (1987) mostra que a expressão "terceira idade" teve origem na França com a implantação das *Universités du Troisième Age* na década de 1970 e foi incorporada no vocabulário anglo-saxão com a criação das *Universities of the Third Age*. Esta experiência de envelhecimento da "terceira idade" requer, segundo o autor, a existência de uma "comunidade de aposentados" que dispõe de saúde, independência financeira e outros meios para tornar reais as expectativas de que este período é propício à realização e satisfação pessoal. Debert e Simões (1998) argumentam que essas formas de atribuir significado à experiência de envelhecimento e retirada da vida ativa corresponderam a modalidades distintas de gerir a relação entre velhice e sociedade.

Debert (2012) mostra que espaços foram abertos para que experiências heterogêneas de envelhecimento fossem vividas de maneira mais gratificante. A autora argumenta como estas práticas mantêm um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo, ressaltando que a expressão terceira idade só pode ser entendida como parte da luta contra os preconceitos e estereótipos ligados ao velho, e que transformou a aposentadoria em um direito social. Esta ideia de um processo contínuo de perdas foi sendo

substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal.

Deste modo, os novos padrões de aposentadoria englobam um contingente cada vez mais jovem da população entre os aposentados e a "nova estrutura de empregos é concomitante à criação de uma série de etapas intermediárias no interior da vida adulta, como a "meia idade", a "terceira idade", a "aposentadoria ativa"" (DEBERT, 2000, p. 304).

> A aposentadoria deixa de ser um marco a indicar a passagem para a velhice ou uma forma de garantir a subsistência daqueles que, por causa da idade, não estão mais em condições de realizar trabalho produtivo. As mudanças no aparelho produtivo, que levaram a uma ampliação das camadas médias assalariadas, são acompanhadas de uma nova linguagem empenhada em alocar o tempo dos aposentados. Nela, as idades não são mais marcadores pertinentes de comportamentos e estilos de vida. Uma parafernália de receitas envolvendo técnicas de manutenção corporal, medicamentos e novas formas de lazer são propostas, desestabilizando expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres mais velhos (DEBERT, 2000, p. 304).

Na obra "História social da criança e da família" (2014 [1981]), Philippe Ariés mostra que a modernidade assistiu à emergência de etapas intermediárias entre a infância e a idade adulta. Recentemente, podemos dizer que há uma proliferação de etapas intermediárias de envelhecimento: meia idade, terceira idade, e também a quarta e quinta idade, como Peixoto (2006) mostra que acontece na França.

Desta forma, no final do século XX, vários programas voltados para idosos foram criados em vários países, como "escolas abertas", "grupo de convivência do idoso", "universidade para a terceira idade". Estes programas e a categoria "terceira idade" podem ser entendidos como resultado da socialização crescente da gestão do envelhecimento.

Debert (2000) mostra que no Brasil esta visibilidade alcançada pela terceira idade passa a exigir uma reformulação do discurso gerontológico. A autora mostra quatro elementos que são recorrentes neste discurso, que se empenha em transformar a velhice em uma questão política ou em propor práticas que promovam um envelhecimento bem-sucedido. O primeiro elemento seria a iminência de uma explosão demográfica, que exige o aumento dos gastos públicos para atender às demandas da população idosa. O segundo seria uma crítica ao capitalismo, à forma selvagem como o sistema econômico se impõe no contexto brasileiro, no qual o velho por não constituir mão de obra apta para o trabalho, é desvalorizado e abandonado pelo Estado e pela sociedade. Terceiro, uma crítica à "cultura brasileira" que só valoriza o que

é novo e o que é jovem. E por fim, uma crítica ao Estado, uma vez que a modernização nos países de capitalismo avançado foi acompanhada por um declínio da família extensa e correspondeu também à criação do *welfare state*, que no Brasil "o declínio da família extensa, combinado com um Estado incapaz de resolver os problemas básicos na maioria da população, deixa os idosos em situação de extrema vulnerabilidade" (p. 308). Estes elementos são, segundo a autora, fundamentais na construção da imagem do velho brasileiro como vítima do sofrimento.

Essa imagem da velhice é reformulada na medida em que questões relacionadas ao envelhecimento ganham espaço entre os temas que preocupam a sociedade brasileira e esse interesse pode ser evidenciado em três tipos de manifestações que produzem imagens mais próximas dos valores da terceira idade do que os construídos pelo discurso gerontológico: 1) as pesquisas voltadas para a experiência do envelhecimento; 2) a abertura de espaços em agências governamentais e organizações privadas para iniciativas que se destinam a assegurar um envelhecimento bem-sucedido (os programas para a terceira idade); 3) o tratamento cada vez mais amplo que os idosos e as questões do envelhecimento recebem na mídia (DEBERT, 2000).

As pesquisas sobre o sentido desses programas para o público atendido evidenciam uma imagem positiva dessas experiências, estes programas ampliam o círculo social de amizades criando novos espaços de ação e configurando uma nova qualidade de vida para os indivíduos envolvidos. Na década de 1960 começam a ser implementados os primeiros programas voltados para a terceira idade no Brasil, com um aumento notável a partir dos anos 1990. Criam-se conselhos e comissões para orientar a administração pública, que buscam promover medidas que melhorem a qualidade de vida da população idosa[9].

Sobre o perfil das pessoas que participam destes programas, Debert (2000) argumenta que não se pode dizer que a invenção da terceira idade seja exclusivamente de grupos economicamente privilegiados, pois cada programa mobiliza públicos específicos de vários estratos socioeconômicos. A respeito da idade cronológica do público participante, a maioria é composta por pessoas abaixo dos setenta anos. Alguns programas inclusive propõem uma idade limite de quarente e cinco anos no mínimo. Este público tem níveis de independência funcional que possibilita o exercício de atividades como bailes, festas, coral, passeios, excursões, ginásticas, aulas, conferências. A tônica geral dos programas, segundo a autora, é de uma tentativa de rever os preconceitos e estereótipos com que, em nossa sociedade, se trata a velhice.

[9] Ver artigo "Os dilemas da democracia nos conselhos de idosos" (DEBERT; DESTRO DE OLIVEIRA, 2016).

> Os programas oferecem um espaço em que a reformulação de padrões tradicionais de envelhecimento possam ser uma experiência coletiva, e participar deles ativamente é viver intensamente uma nova etapa da vida, um momento propício para a exploração de identidades e de novas formas de expressão (DEBERT, 2000, p. 311).

Para Debert os conteúdos investidos na expressão "terceira idade", que foi entendida como resultado da socialização crescente da gestão do envelhecimento, são elementos ativos no que a autora chama de *processos de reprivatização da velhice*, que torna a velhice uma responsabilidade individual. Segundo ela, esses processos resultam da interlocução entre o discurso gerontológico, o público mobilizado nos programas para a terceira idade e a mídia.

Nos programas para a terceira idade o envelhecimento deixa de ser um processo de perdas, segundo Debert (2012), as experiências vividas e saberes acumulados são ganhos que propiciariam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades, de realizar projetos abandonados em outras etapas da vida e de estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. A nova forma de reprivatizar a velhice seria "a promessa de que – com esforço pessoal, adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas – a velhice possa ser excluída do leque das preocupações dos indivíduos e da sociedade" (p. 191).

Esses programas oferecem imagens gratificantes da terceira idade, mas contrastam com a falta de mecanismos para lidar com a velhice mais avançada, aquela da perda de habilidades cognitivas, de controles físicos e emocionais – fundamentais, em nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido como autônomo.

> A dissolução desses problemas nas representações entusiásticas da terceira idade é um elemento ativo na reprivatização do envelhecimento, na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem-sucedidas fecha o espaço para as situações de abandono e dependência funcional próprias do avanço das idades. Essas situações passam então a ser vistas como consequência da falta de envolvimento em atividades motivadoras ou da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. Nesse sentido, a velhice mais avançada pode então desaparecer do nosso leque de preocupações sociais, transformando-se num problema de consumidores desleixados, que foram negligentes com seus corpos (DEBERT, 2000, p. 303).

Assim como mostra Lima (1999),

> com um pouco de tintura, os cabelos brancos podem deixar de existir. Não importa se a nova cor, violeta ou cobre, não exista na natureza. Aliás, melhor ainda, pois se torna então uma evidência do controle sobre o corpo, emancipado da natureza e do comportamento, livre de convenções e limites associados à idade (p.4).

Featherstone (1994) desenvolve essa questão com a ideia de "máscara da velhice", que seria o estranhamento de uma pessoa perante as evidências físicas de que está envelhecendo sem experimentar subjetivamente essa realidade com a mesma intensidade. O que ocorre no contexto em que os sujeitos se representam como possuidores de uma "subjetividade autônoma, quando o EU é visto como uma entidade capaz de administrar o processo de envelhecimento" (LIMA, 1999). Nesta subjetividade pode ser inscrito um *projeto*[10] de envelhecimento.

> Além de desfazer e recriar estereótipos, a "terceira idade" desloca a velhice da natureza biológica. A ideia de que a velhice é um investimento cultural sobre um processo biológico faz parte dos novos modelos de gerir a experiência de envelhecimento. Essa experiência se "desnaturaliza" e, tornando-se maleável, passa ser vivida como um estilo de vida, como parte de um *projeto auto-reflexivo do EU*[11] (LIMA, 1999, p. 4).

A partir de vários estudos pode ser percebida a ambiguidade dos significados do envelhecimento; de um lado, perdas associadas a esse processo como: limitações físicas, doenças, solidão, perda de *status*, entre outros aspectos que acionam a dimensão dramática da velhice; por outro lado, encontram-se inúmeros aspectos positivos, tais como: experiência, amadurecimento, sabedoria, disponibilidade para o aprendizado. É neste quadro de ambiguidades de significados do envelhecimento que se inscreve minha pesquisa, que tem o interesse de observar como estes valores associados à ideia da "terceira idade" e do envelhecimento são atualizados no programa UniversIDADE da UNICAMP.

[10] Cf. "Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas" de Gilberto Velho (1981).
[11] Cf. Giddens (1991, 1993, 2002).

CAPÍTULO 2 – Os novos sujeitos de direitos, envelhecimento bem-sucedido e os desafios de uma etnografia no programa UniversIDADE

Os programas para a terceira idade indicam mudanças na sensibilidade em relação à velhice expressas em políticas sociais formuladas em planos internacionais, pelos Estados nacionais e por organizações não governamentais. Neste capítulo busco realizar uma breve apresentação das molduras legais e das políticas sociais do Estado brasileiro que tomam como alvo as pessoas idosas e mostrar como os programas para a terceira idade estão pautados na ideia de promover um "envelhecimento bem-sucedido", inclusive os programas de universidade aberta à terceira idade.

2.1 Direito de envelhecer com dignidade

O primeiro documento sobre a questão do envelhecimento que teve repercussão mundial da Organização das Nações Unidas (ONU) foi elaborado na Assembleia Mundial de Viena em 1982, onde foi estabelecida a meta de

> fortalecer a capacidade dos países para abordar de maneira efetiva o envelhecimento de sua população e atender às preocupações e necessidades especiais das pessoas de mais idade, e fomentar uma resposta internacional adequada aos problemas do envelhecimento com medidas para o estabelecimento da nova ordem econômica internacional e o aumento das atividades internacionais de cooperação técnica, em particular entre os próprios países em desenvolvimento.[12]

Este documento marcou o desenvolvimento de uma agenda de políticas públicas para a população idosa no contexto internacional[13]. Lima (1999) mostra que o desenvolvimento de uma política social brasileira especificamente voltada para as pessoas idosas se acelera a partir da década de 1970, coincidindo com a intensificação do papel do Estado como agente promotor de bem-estar social.

---

[12] Disponível em: http://www.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/index.htm Último acesso em: 06/10/2017.
[13] Cf. Destro de Oliveira (2015).

No Brasil, inspirada nos princípios constitucionais como o direito à vida, à dignidade humana e à cidadania[14], e no seguinte artigo da Constituição Federal,

> Art. 230. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida (BRASIL, 1988),

é implementada a lei 8.842 em 1994 que institui "Política Nacional do Idoso" (PNI). A PNI visa "assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade."[15] Esta lei contribuiu para colocar a pessoa idosa na pauta de políticas públicas, e destaca a necessidade de

> facilitar a participação das pessoas idosas em equipamentos sociais, grupos de terceira idade, atividade física, conselhos de saúde locais e conselhos comunitários onde o idoso possa ser ouvido e apresentar suas demandas e prioridades (BRASIL, 2006).

O item referente à área de educação da PNI diz que a norma regulamenta o apoio à "criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber" (BRASIL, 1994, art. 10, inciso III, alínea f)[16].

> A política estabelece, entre suas principais diretrizes, a viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações; a participação do idoso e da sociedade civil na formulação das políticas a serem desenvolvidas; a priorização do atendimento ao idoso através de suas próprias famílias, em detrimento do atendimento asilar; capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços; priorização do atendimento ao idoso em órgãos públicos e privados prestadores de serviços, quando desabrigados e sem família; apoio a estudos e pesquisas sobre as questões relativas ao envelhecimento (DESTRO DE OLIVEIRA, 2015, p. 3).[17]

---

[14] Cf. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm Último acesso em: 30/11/2018.
[15] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm Último acesso em: 06/03/2018.
[16] Também disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm Último acesso em: 18/10/2017.
[17] Sobre uma crítica da aplicação dessa lei ver Paz e Goldman (2006).

Em 2002, o Brasil assinou o Plano de Ação Internacional na II Assembleia Mundial do Envelhecimento, que foi promovida pela ONU e realizada em Madri. No artigo 1º deste documento consta que foi decidido

> adotar um Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento para responder às oportunidades que oferece e aos desafios feitos pelo envelhecimento da população no século XXI e para promover o desenvolvimento de uma sociedade para todas as idades. No marco desse Plano de Ação, resolvemos adotar medidas em todos os níveis, nacional e internacional, em três direções prioritárias: idosos e desenvolvimento, promoção da saúde e bem-estar na velhice e, ainda, criação de um ambiente propício e favorável.[18]

Em 2003, é aprovada outra lei, a 10.741, que instituiu o "Estatuto do Idoso" (EI), vigorando desde 2004. Conforme o Artigo 2º do Estatuto:

> O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, 2003).

O Estatuto do Idoso retoma os princípios constitucionais avançando na questão da ampliação dos direitos da pessoa idosa, tendo o objetivo de "regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos" (BRASIL, 2003). O Estatuto reitera o direito da pessoa idosa à educação, cultura, lazer e esporte, e regulamenta que o poder público criará oportunidades de acesso do idoso à educação e apoiará a criação de universidades abertas para as pessoas idosas.

[18] Documento completo disponível em: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf . Último acesso em: 06/10/2017.

2.2 Educação e lazer para um envelhecimento bem-sucedido

Após a publicação destas leis entramos numa fase marcada pelo incremento de políticas para a "terceira idade". Há um aumento significativo da variedade e número de iniciativas que são voltadas ao público idoso, como: cursos de teatro, cursos de dança, programas de universidade aberta à terceira idade (UnATI), programas de pré-aposentadoria, grupos de convivência, atividades de lazer, agências de turismo com programações específicas para idosos, bailes, passeios, entre outras realizações.

Antes mesmo das publicações das leis (PNI e EI), o Serviço Social do Comércio (SESC) sofisticou suas práticas e inaugurou em Campinas a "Escola Aberta para a Terceira Idade" em 1977, em que tomou como modelo as atividades realizadas na Universidade de Toulouse na França. Com isso "o lazer ganha como aliado a educação, apresentada em conceitos como 'educação continuada' ou 'educação permanente'" (LIMA, 1999, p. 84).

O SESC de São Paulo foi responsável pela implantação dos primeiros programas para a terceira idade no Brasil. A antropóloga Deborah Stucchi (1994) aponta que relatos sobre o início dos trabalhos do SESC com idosos mostram que, a princípio, o objeto principal de interesse não era a questão da velhice como "problema social", mas a necessidade de intervenção direta para aposentados ociosos. A autora mostra que discussões sobre a importância da educação para idosos e a relevância de experiências como as Escolas Abertas para a Terceira Idade levaram o SESC a promover debates e publicar artigos de *experts* no assunto.[19] A autora mostra que esses debates contêm duas perspectivas: a primeira, que entende a educação como um instrumento de promoção social; e a segunda, da promoção de um envelhecimento melhor para aqueles que mantém a mente ativa através de atividades educativas. Deste modo, a educação além de um instrumento para aquisição de novos conhecimentos seria uma espécie de ginástica mental, que evita a deterioração das atividades cognitivas.

> O lazer continua sendo, ao lado da educação, o principal instrumento para a promoção de um envelhecimento adequado. Porém, atualmente, também ele aparece com frequência justificado mais pelos efeitos subjetivos que promove,

[19] Como os de Cunha (1980), Pereira (1980), Salgado (1977), Washington (1980). A partir destes primeiros estudos o SESC-SP lança a revista "A terceira idade: estudos sobre envelhecimento" com sua primeira edição em setembro de 1988. Esta revista reúne trabalhos de pesquisadores de áreas variadas sobre a temática do envelhecimento e publica anualmente várias edições. Na edição de julho de 2014, a revista teve seu nome alterado para "Mais 60: estudos sobre envelhecimento".

> do que por seu papel social. O que antes era visto como um antídoto ao tédio e a falta de atividades, e um recurso de promoção e integração social, passa a ser valorizado pelo seu papel no desenvolvimento da personalidade individual. A "Educação Permanente" tende a ser vista cada vez menos como uma atividade social e mais como uma disposição pessoal em aprender (WASHINGTON, 1980, p. 85).

2.3 As Universidades da Terceira Idade

As Universidades da Terceira Idade já foram objetos de diferentes estudos em diferentes campos do conhecimento com focos também distintos. Nesta seção, pretendo realizar um pequeno balanço do que foi produzido.

Alguns estudos fizeram um levantamento geral sobre a ocorrência e a história das universidades da terceira idade no Brasil e no mundo. Por exemplo, Meire Cachioni e Samila Batistoni (2012), pesquisadoras na área da Psicologia, Educação e Gerontologia, traçam um histórico das universidades abertas à terceira idade (UnATI). As autoras também mostram que as primeiras iniciativas brasileiras que ofereceram lazer e educação aos mais velhos aconteceram nas décadas de 1960 e 1970 com as Escolas Abertas do Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC-SP), quase ao mesmo tempo que o aparecimento das Universidades do Tempo Livre, dos Grupos de Convivência e das Universidades da Terceira Idade europeias e norte-americanas.

Cachioni (2012) relata que a primeira Universidade da Terceira Idade (*Universités du Troisième Age* ou *The University Of Third Age*) foi criada em 1970 na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse na França, por iniciativa do professor Pierre Vellas, que pensava que a universidade poderia melhorar a vida das pessoas idosas. A partir desta iniciativa o movimento UnATI foi se espalhando pelo mundo e, segundo a autora, milhões de pessoas idosas podem participar destes programas que visam contribuir para um "envelhecimento ativo" e uma "velhice bem-sucedida".

As primeiras ações no modelo UnATI criadas no Brasil foram a partir da extensão universitária na área da Gerontologia no início da década de 1980, com grande expansão em todo território nacional na década de 1990 (CACHIONI, 2012).

Clarice Peixoto (1997) mostra que, num primeiro momento, estas universidades

> estavam mais interessadas em criar um espaço voltado quase exclusivamente às atividades culturais e a sociabilidade, tendo como objetivo ocupar o tempo livre de seus integrantes aposentados e favorecer as relações sociais entre eles. Talvez por isso, elas eram mais conhecidas como Universidades do Tempo Livre. Nessa época, não havia ainda uma preocupação com programas dirigidos à educação permanente, educação sanitária e assistência jurídica. De fato, seu objetivo era promover atividades ocupacionais e lúdicas. (p. 91)

Cahioni (2012), numa análise mais recente, mostra que as Universidades da (à, ou para a) Terceira Idade são marcadas pelo objetivo de manutenção da educabilidade dos idosos, da oportunidade de fortes interações sociais e da promoção da qualidade de vida. Desta forma, as UnATIs se inserem no conceito de *educação permanente* que foi proposto pela UNESCO[20] e que significa que o aprendizado deve estar presente ao longo de toda a vida. De acordo com Cunha (1980), um dos objetivos da educação permanente seria "o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Ela lhe abre novos horizontes, dando-lhes condições para experimentar maior liberdade interior e exterior e para sentir e expressar sua personalidade de forma mais autônoma e autêntica" (p. 7).

> A educação permanente é concebida como um fato educativo global, que surge da necessidade de instrumentalizar o homem para o convívio com as mudanças que ocorrem em todos os aspectos da vida humana, tanto em nível econômico como no político e cultural, tanto em nível científico como na interpretação da natureza e do universo. Ela se prolonga ao longo de toda a existência humana, sem limites cronológicos, remetendo a uma nova concepção de homem, que busca o aperfeiçoamento integral e integrado ao longo de todas as etapas do desenvolvimento de sua personalidade (IRIGARAY; SCHNEIDER, 2008, p. 212).[21]

Johannes Doll (2008) mostra que os primeiros grupos de convivência de idosos do SESC-SP ofereciam atividades sociais, esportivas e recreativas como jogos de salão, gincanas, bailes, passeios, etc. O foco na questão educacional surge mais tarde, em 1977, com o projeto das escolas Abertas da Terceira Idade do SESC, que é inspirado no modelo das UnATIs que segue a ideia de *educação permanente* proposta pela UNESCO.

---

[20] Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

[21] Diferentemente da educação permanente, temos a chamada "educação continuada" que significa a educação de adultos em um prolongamento do sistema escolar durante toda a vida (PALMA, 2000).

Doll (2008) lembra que o conceito de educação é ampliado, não significa apenas a formação das instituições educacionais clássicas, mas também atividades educacionais em outros ambientes, e pode ser subdividido em: educação formal, educação não formal e educação informal.[22] Sintetizando, a educação formal seria aquela clássica, de instituições específicas que têm determinada sequência, estrutura, currículo e que conduz a um nível de instrução que é oficializado por um diploma. A educação não formal seria as que não acontecem no sistema escolar, mas em outros ambientes; podem ser palestras, cursos, seminários para atender interesses específicos, mas que estão livres das normas de educação formal. E a educação informal seria aquela dada pela convivência, que não tem uma intencionalidade expressa ou organização específica.

A preocupação com as pessoas idosas ganhou uma nova dimensão. Observa-se, portanto, a criação de espaços voltados para reunião de pessoas idosas: grupos de convivência, associações de aposentados, escolas abertas e universidades da terceira idade. Estes programas é o que chamamos, genericamente de "programas para a terceira idade" (IRIGARAY; SCHNEIDER, 2008). As universidades da terceira idade (UTIs) se pautam na *educação permanente* e têm como objetivos a promoção de saúde, bem-estar psicológico e social e a cidadania das pessoas idosas (CACHIONI, 2005).

Gomes, Loures e Alencar (2005), a partir de uma pesquisa bibliográfica sobre as UnATIs, consideram que estes espaços constituem importantes centros de atividades e integração de idosos no Brasil, com o objetivo de promover um "envelhecimento digno". Segundo as autoras, em 1975, foi criada uma Associação Internacional em que se organizaram as Universidades da Terceira Idade – *Association Internationale des Universités du Troisiéme Age (AIUTA)* - com sede na Bélgica. Esta associação agrupa instituições que contribuam para melhorar as condições de vida dos idosos.

Cachioni (2012) em um levantamento feito em 2004 localizou cerca de 200 programas (UnATIs) nas instituições de ensino superior brasileiras, a maioria concentrada no estado de São Paulo, e mostra que os objetivos, conteúdos, estrutura curricular, atividades e professores de cada instituição são variados. A autora aponta também vários estudos da área de Psicologia[23] que avaliaram benefícios das UnATIs na vida dos idosos mostrando impactos "na qualidade de vida e na promoção de uma velhice bem-sucedida" (p.26).

---

[22] Sobre este assunto conferir as obras de autores clássicos na área da educação que tratam deste tema como Dewey (1979, 1975), Ghanem e Trilla (2008), Gohn (2011, 2013), Libâneo (2010) e Trilla (1992, 1993).

[23] Castro *et al.* (2007), Hebestreit (2008), Irigaray e Schneider (2008), Ordonez, Batistoni e Cachioni (2011).

> O termo velhice bem-sucedida que, dentre seus vários conceitos associados, destacam-se os vinculados ao bem-estar psicológico (BEP) – saúde mental positiva, que inclui auto aceitação, domínio sobre o ambiente, relações positivas com os outros, propósito, crescimento pessoal e autonomia; e ao bem-estar subjetivo (BES) – satisfação geral com a vida e com domínios específicos do funcionamento, tais como a saúde e as relações sociais, atividade, integração social, senso de controle e senso de significado da existência (CACHIONI; BATISTONI, 2012, p. 10).

A autora analisa uma série de pesquisas que também mostram que as iniciativas educativas para idosos trazem melhorias na qualidade de vida, sociabilidade e até mesmo na saúde. Segundo Cachioni (2012), esses benefícios seriam:

> 1. a participação em iniciativas educacionais tem relação com a manutenção de atividades, aumento da satisfação com a vida, melhora da saúde percebida e das habilidades cognitivas entre os participantes; todos estes elementos são indicadores de um envelhecimento bem-sucedido;
>
> 2. proporcionam a oportunidade de obter suporte emocional, informacional e instrumental, que podem ter efeitos poderosos no enfrentamento dos desafios inerentes ao envelhecimento e dos eventos de vida;
>
> 3. propiciam benefícios na vida diária, promovem o bem-estar, reavivam fatores motivadores para a aprendizagem, que estavam escondidos desde a juventude, bem como contribuem para a aquisição de novas habilidades cognitivas;
>
> 4. promovem sentimentos de bem-estar, proporcionam relações interpessoais e têm impacto positivo na vida dos idosos no que se refere à depressão e à satisfação social;
>
> 5. contribuem para o crescimento pessoal, proporcionam oportunidades de trabalhos na comunidade, favorecem o desenvolvimento da criatividade e da produtividade, criam espaços de socialização e aquisição de novos conhecimentos e contribuem com novas concepções e atitudes favoráveis em relação à velhice;
>
> 6. as perdas cognitivas decorrentes do envelhecimento podem ser compensadas por ganho de conhecimento, pois ele atua como poderosa fonte de enriquecimento e modulação da cognição em qualquer época da vida humana (p. 24).

Outros estudos trabalham com o perfil dos usuários e querem conhecer quem está estudando no programa investigado. A psicóloga e gerontóloga Tatiana Quarti Irigaray e o médico geriatra Rodolfo Herberto Schneider (2008) fizeram um estudo da Universidade para a Terceira Idade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UNITI/UFRGS), criada em 1991, que funciona no Instituto de Psicologia da UFRGS. Os autores descrevem o

funcionamento da UNITI mostrando que este programa comporta em média 150 pessoas por semestre de 60 anos ou mais; e que a maioria dos participantes são mulheres – mais de oitenta por cento. Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram ficha de dados sociodemográficos e questionário sobre a participação na UNITI com duas questões abertas sobre os motivos da busca pela UNITI e as mudanças trazidas pela participação. Concluem que a frequência na UNITI traz algumas mudanças na vida das idosas participantes como:

> não sentem mais solidão, apresentam melhor autoestima, adquiriram novos conhecimentos, apresentam mais alegria e prazer em viver, preencheram o tempo com atividades prazerosas e conquistaram um novo sentido de vida (IRIGARAY; SCHNEIDER, 2008, p. 215).

Há também estudos mais genéricos que falam dos benefícios em geral dos programas para terceira idade. Mazo et al. (2009) fazem um estudo do programa de extensão "Grupo de Estudos da Terceira Idade" (GETI), implementado em 1989 na Universidade do Estado de Santa Catarina, que tem como objetivo melhorar a saúde e qualidade de vida dos idosos atendidos pelo programa. O GETI oferece aos idosos diversas atividades, destacando-se as atividades físicas e de fisioterapia em que acadêmicos dos cursos de Educação Física e Fisioterapia atuam para adquirir habilidade e conhecimento "no trato com os idosos, e com isso, contribui para a formação de um profissional preparado para atender à população idosa" (p. 66).

Segundo os autores, a proposta do GETI é sustentada pela ideia do "envelhecimento ativo" como uma das estratégias de ação, que é entendido, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), como "o processo de otimização das oportunidades para a saúde, a participação e a segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem" (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2006, p.12). São vários esforços governamentais, de diversas entidades públicas e privadas, que buscam aumentar os níveis de atividade física de suas populações, uma vez que é reconhecida a atividade física como uma questão de saúde pública que traz benefícios para a maioria das doenças crônicas. Neste sentido, os programas que visam o envelhecimento ativo são, como Mazo et al. defendem, importantes para o sucesso econômico de países que enfrentam um acentuado envelhecimento populacional, como é o caso do Brasil, e que há, consequentemente, uma demanda crescente por serviços, principalmente da saúde pública.

O estudo de Patrícia Guerrero (1994) está mais preocupado com as expectativas e percepções dos participantes da UnATI investigada. A autora faz uma pesquisa qualitativa na

universidade para a terceira idade da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na qual observa que este programa "mobiliza um público muito ativo. (...) distante do idoso em crise, solitário, inativo, vivendo em condições precárias" (p. 50). A autora mostra que a solidão é uma das razões que leva os participantes a procurar o programa, pois o programa espera oferecer aos mesmos a oportunidade de ampliação do círculo de amizades com um grupo específico de pessoas. A participação no programa ajuda na formação de uma nova rede de apoio, se estabelecendo pelo contato contínuo com colegas e membros da equipe, o que contribui positivamente para o bem-estar de idosos.

Os trabalhos de Cahioni podem ser englobados em dois grupos de estudos que aqui exponho, no primeiro que citei sobre a ocorrência e a história dos programas de universidade para a terceira idade, e também no grupo dos estudos que utilizam metodologias de avaliação de impacto e de satisfação do usuário.

O objetivo da pesquisa de Cahioni (1998) foi verificar em que grau a frequência a uma Universidade da Terceira Idade corresponde às expectativas dos usuários, após um ano do ingresso; e levantar indicadores de opinião sobre o grau em que o programa afetou a qualidade da experiência de envelhecimento dos usuários, em termos de "bem-estar subjetivo" e de sua "autoimagem". Esta pesquisa foi realizada com quarenta mulheres participantes do programa investigado. Cahioni afirma que houve influência sobre a autoimagem, o bem-estar subjetivo, e a perspectiva de curso de vida. Como instrumento metodológico a autora utilizou-se de questionários e escalas – (1) para levantar dados sociodemográficos, (2) para levantar as avaliações e expectativas dos participantes sobre o programa, e (3) para avaliar a opinião dos mesmos sobre bem-estar decorrente de sua participação na UnATI.

O trabalho de Cachioni é, certamente, o mais sofisticado no que diz respeito às pesquisas de cunho quantitativo interessadas em medir o impacto das universidades na vida do seu público de terceira idade. Na pesquisa por ela realizada, escalas de cinco pontos (que vão de "nada" a "muito") são elaboradas com a pretensão de medir o bem-estar subjetivo (BES) e o bem-estar psicológico (BEP) de modo a desvendar a "percepção social e de atitudes em relação à velhice" como "aceitação social", "confiança nas capacidades", "credibilidade", "respeito" e "valorização". As participantes são convidadas a colocar um "X" nas opções referentes às afirmações apresentadas, em que 0 significa "nada" e 4 significa "muito".

Esse instrumento oferece aos participantes os termos e expressões pelas quais a avaliação deve ser feita. Por este tipo de instrumento, Cachioni reúne seus dados sobre o "bem-

estar subjetivo" e "autoimagem" das participantes do programa de Universidade da Terceira Idade investigado. Para analisar os resultados obtidos a partir desta escala, a autora realiza análises estatísticas descritivas "sobre as variáveis focalizadas, usando-se como variáveis os critérios de idade, escolaridade, estado civil e ocupação" (CACHIONI, 1998, p. 75). Apresentando assim que

> Os resultados demonstraram que as alunas da Universidade da Terceira Idade, participantes deste estudo, obtiveram benefícios ao frequentar o programa. Segundo a óptica delas, os benefícios foram relacionados ao autoconceito, ao senso de auto eficácia, ao bem-estar subjetivo e à perspectiva sobre o curso de vida. Além disso, o curso atendeu às suas motivações de busca de conhecimento, aperfeiçoamento pessoal, contato social e quanto à ocupação do tempo livre. (...) Os dados demonstraram que o programa trouxe benefícios ao bem-estar subjetivo das participantes, em relação à saúde física percebida, às atitudes em relação aos idosos, à auto percepção da capacidade física, à perspectiva de futuro, à atividade e às relações familiares (CACHIONI,1998, p. 84-86).

Esse instrumental, embora eficiente na mensuração dos níveis de satisfação, não dá pistas sobre quais foram as atividades realizadas pelos participantes nas UnATIs que produziram os efeitos avaliados e os motivos e razões do sucesso da experiência universitária.

A minha pesquisa, que se inscreve no quadro geral dos estudos sobre as universidades para terceira idade, tem também sua especificidade. A partir da contribuição da etnografia, procurei observar o que é dito pelos participantes em função das situações vividas em diferentes momentos. Considerando que uma fala não pode ser entendida como reflexo cristalizado de sentimentos e atitudes, procurei dar atenção especial às categorias por eles utilizadas bem como às ambiguidades envolvidas na avaliação das diferentes atividades oferecidas no universo pesquisado. Em outras palavras, é próprio do fazer antropológico e do interesse pela observação participante, complexificar o que é dito, levando em conta que as palavras podem ter significados distintos em função do contexto em que são emitidas e para quem elas são dirigidas. Esse tipo de abordagem se atenta à complexidade da fala, da escrita, e do fazer interpretativo próprio do trabalho etnográfico. Desta forma, o desafio da pesquisa antropológica é justamente entender quais são as categorias com as quais nossos interlocutores estão operando, por isto a centralidade do significado nas pesquisas que realizamos.

Há um imenso consenso sobre os benefícios que os programas para a terceira idade propiciam, o que foi observado nas pesquisas descritas que foram realizadas em diferentes universidades que contam com infraestruturas distintas e com um público distinto do ponto de

vista socioeconômico. As UnATIs parecem ser uma espécie de remédio milagroso no combate de todas as perdas relacionadas com o envelhecimento.

A abordagem metodológica que proponho nesta pesquisa no programa da UNICAMP é de investigar qualitativamente, através de conversas individuais e em grupos e observação de comportamentos, quais são os significados envolvidos para as pessoas participantes, buscando problematizar quais os sentidos de um "envelhecimento bem-sucedido", que o programa busca promover, e como os participantes respondem a essa promoção.

O trabalho do antropólogo Marcelo Alves Lima (1999) sobre a universidade aberta à terceira idade da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – a UnATI/UERJ, é um bom modelo de investigação para a minha proposta. A UnATI/UERJ iniciou suas atividades em 1993, com o objetivo de contribuir para a redução do isolamento e solidão dos idosos e de reintegrá-los à sociedade, e também de atuar na redefinição de imagens da velhice e do envelhecimento. Lima (2001) mostra que as narrativas dos alunos sobre o significado da UnATI/UERJ em suas vidas evidenciam um valor e significado positivos. O autor argumenta, como já apontado no primeiro capítulo, que, através dos programas para a terceira idade, a gerontologia, área do saber científico especializada na velhice, ocupa um "vácuo" consequente do declínio da influência da tradição sobre os modos de gerir a experiência de envelhecer. Com isso, assistimos à uma nova sensibilidade em relação à velhice, mas também uma nova concepção de Estado e das políticas sociais. Ao mesmo tempo que transfere responsabilidades às instituições como as UnATIs e o SESC, o Estado opta pela profilaxia do envelhecimento, legitimando, de certa forma, a responsabilidade de cada indivíduo pelo modo como envelhece. Na UnATI/UERJ, conclui o autor,

> seus *experts*[24], ao se utilizarem de um discurso que enfatiza o controle e a negação da velhice através de uma "tecnologia" gerontológica própria - ainda que apenas vagamente formulada e compreendida - vão ao encontro do uso que fazem os alunos de sua participação na instituição. O convívio com os alunos em sala de aula nos permite compreender que os alunos buscam no "consumo" do saber que lhes é oferecido, ou mesmo na possibilidade mesma de participar de um espaço caracterizado pelo "saber", não apenas uma "tecnologia" de "envelhecimento adequado", mas subsídios para uma construção autoreflexiva de suas identidades. A mídia e o discurso científico sobre a velhice e o envelhecimento contribuem para desconstruir imagens e estereótipos sobre a velhice e coincidem ao propor uma representação da velhice como uma responsabilidade individual. Participar das atividades da

[24] Que como coloca Lima (1999), são os especialistas em envelhecimento ou gerontólogos.

> UnATI/UERJ representa a escolha de um modo de gerir a experiência de envelhecer e o exercício dessa responsabilidade individual (LIMA, 2001, p. 78).

***

Portanto, após a publicação da PNI, na década de 1990, houve uma consolidação e expansão dos "programas para terceira idade", que marcam uma nova sensibilidade em relação a velhice; o Estado e as políticas sociais buscam promover uma certa "profilaxia do envelhecimento". Os programas para a terceira idade são pautados nas leis e políticas públicas acima expostas, que têm o objetivo de promover um envelhecimento digno, em que se preserve "a saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade" (BRASIL, 2003).

CAPÍTULO 3 – "UniversIDADE: um programa para a longevidade"

A UNICAMP implementou em 2015 o programa "UniversIDADE: um programa para a longevidade". Segundo sua descrição no *site*, ele foi criado para

> Proporcionar às pessoas da Comunidade da Unicamp e de Campinas, condições para a preparação do indivíduo em estágio pré-aposentadoria, aposentadoria e pós-aposentadoria, de modo a mantê-las ativa tanto física quanto mentalmente, atendendo as necessidades de prevenção, estimulação e capacitação do desenvolvimento físico e emocional através de atividades interdisciplinares que buscam fomentar os diálogos relacionados à Longevidade e Qualidade de Vida.[25]

Esta descrição é sempre reiterada na fala da equipe coordenadora nas apresentações públicas do programa em eventos de abertura de semestre para os participantes e convidados. Segundo ainda a descrição no *site*, o UniversIDADE "é um programa de extensão universitária que vincula a educação acadêmica à educação popular" e é voltado para pessoas acima de 50 anos.

O curso, a princípio, foi estruturado para ocorrer durante três semestres. No entanto, como foi falado em um evento de apresentação do programa no segundo semestre de 2016, dado o interesse dos alunos participantes que concluíam os três semestres em continuar participando, em 2016 e 2017 os alunos não tiveram um prazo para finalizar e puderam continuar se inscrevendo nas atividades conforme a disponibilidade das vagas. No período que investiguei o programa UniversIDADE, um ano após sua criação, pude perceber sua construção e o interesse da equipe coordenadora para novas iniciativas, como foi a generosa abertura para a proposta de oficina "Confraria dos/as Avós" que propus em parceria com as colegas Sofia e Dominique no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

[25] Disponível em: http://www.programa-universidade.unicamp.br/. Último acesso em 06/10/2017.

3.1 Identificando lacunas e levando sustos: como surgiu o programa

O programa da UNICAMP foi criado em 2015. Em relação a outros programas de universidade aberta a terceira idade, que se proliferaram no Brasil a partir da década de 1990[26], a UNICAMP "chegou atrasada", como identifica, na cerimônia de abertura de semestre em 2016, o próprio reitor, José Tadeu Jorge, que instituiu o programa nesta universidade.

A abertura formal do programa UniversIDADE aconteceu em novembro de 2014 no auditório do Centro de Convenções da UNICAMP[27]. Nesta abertura, o reitor da UNICAMP, José Tadeu Jorge (Gestão 04/2013 a 04/2017), disse que este projeto estava no seu programa de gestão e que já havia sido referendado pela comunidade. Apresentou também a funcionária da reitoria, Alice Helena de Danielli, afirmando que foi ela quem idealizou o programa.

Alice Helena é funcionária da Reitoria no Gabinete do Reitor, setor da Diretoria Geral de Recursos Humanos, ocupou o cargo de "Promotora cultural e de eventos" e coordenou o Programa UniversIDADE de 2015 a 2017. Ela é conhecida pelos participantes do programa como Leninha. É uma figura central na implementação e gestão do programa UniversIDADE. Na rede social *LinkedIn*, ela se apresenta nos seguintes termos:

> Atuei durante mais de 30 anos na UNICAMP, sendo dez deles dedicados à produção e organização de grandes eventos como shows com artistas renomados (Chico Buarque, Caetano Veloso, Roberto Carros, Baile com a Orquestra Tabajara e Cauby Peixoto), lançamento de livros, filmes, montagens de exposições, tendo como meu mestre e professor Fernando Faro. Atuei na organização de Jantares da Reitoria da UNICAMP. Desenvolvi grandes projetos para a UNICAMP: Carreira dos Funcionários, Processo Avaliatório da Carreira dos Funcionários, Projeto de Organização Estrutural de todas as Unidades da UNICAMP - organogramas e quadro de vagas, dois Projetos Piloto na Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Criei e implantei o Programa UniverIDADE na UNICAMP.[28]

---

[26] Cahioni (2012) mostra que as primeiras ações no modelo UnATI foram criadas, no Brasil, a partir da extensão universitária na área da Gerontologia no início da década de 1980, com grande expansão em todo território nacional na década de 1990.

[27] Conforme notícia publicada no *site* da UNICAMP. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2014/11/10/unicamp-abre-formalmente-o-programa-universidade Último acesso em 06/10/2017.

[28] Disponível em : https://www.linkedin.com/in/alice-helena-de-danielli-b2965526/?originalSubdomain=br Último acesso em: 27/12/2018.

Assim que o programa foi criado em 2015, contava no seu primeiro semestre, com 60 atividades, 109 instrutores e 351 alunos. No evento de abertura do primeiro semestre de 2017, realizada no dia 13 de março, que aconteceu em um dos auditórios do Centro de Convenções da UNICAMP, a equipe do programa representada pela coordenadora, Alice Helena de Danielli, e o reitor, José Tadeu Jorge, fizeram um balanço do programa desde quando o mesmo foi criado. Tanto a coordenadora quanto o reitor disseram que se surpreenderam com a demanda de alunos no programa, ela diz:

> Nós não esperávamos essa demanda toda, isso para nós foi até um choque, falei nossa e agora como nós vamos lidar com tudo isso, e esses números vêm crescendo semestre a semestre só que nós não estamos crescendo na mesma proporção.

Neste evento, a coordenadora falou que naquele momento o programa contava, no *campus* da UNICAMP de Barão Geraldo em Campinas, com uma secretaria, um auditório, um laboratório de informática e uma sala multiuso, onde acontecem algumas das aulas do programa; o auditório, laboratório e a sala multiuso, ficam no prédio da Diretoria Geral da Administração, em frente aos prédios da reitoria; e a secretaria fica num prédio anexo aos prédios da reitoria da UNICAMP. A coordenadora disse que o programa tem estes espaços graças ao reitor, mas que começaram do zero, e a cessão desses locais para o programa representa um avanço, pois antes disso o programa não tinha um espaço próprio. Lembro quando fui recebida em outubro de 2015 para conversar com as coordenadoras[29] sobre a pesquisa, a equipe trabalhava em uma das salas de um dos prédios da reitoria e as atividades eram realizadas em espaços cedidos das unidades da universidade. Em 2017, mesmo tendo estes espaços próprios, a maioria das atividades ainda depende dos espaços de outras unidades.

Na abertura do primeiro semestre letivo de 2017, o reitor fez um relato sobre a criação do programa, que apesar de longo vale a pena reproduzir:

> A nossa análise de quando nós construímos o programa de gestão, que eu e o professor Álvaro[30] apresentamos a comunidade, há quase 4 anos, era que havia uma lacuna que precisava ser preenchida aqui na universidade. A universidade não tinha a atenção específica aos idosos do ponto de vista de colocar à disposição dessas faixas etárias aquilo que a universidade produz. É claro que a nossa área da saúde, por exemplo, atende indistintamente qualquer idade e dá atenção aos idosos. Mas a universidade tinha um potencial, uma série de

[29] Alice Helena de Danielli e Isabel Cristina Araújo Floriano.
[30] Álvaro Crósta - Coordenador Geral da UNICAMP no período de gestão do reitor.

> atividades, de conhecimento, que poderia ser colocado a serviço de uma faixa etária específica que demandava isso na sociedade e preencher uma lacuna (...) Imaginamos que montaríamos um programa que a partir de estrutura nenhuma, porque era algo absolutamente novo, nós teríamos tempo suficiente pra ir crescendo junto com a adesão ao programa UniversIDADE. Acontece que nós levamos um susto no primeiro semestre porque o interesse, das inscrições, foram muito acima do que nós imaginávamos. Isso tem um lado extremamente positivo, ou seja, aquela avaliação que fazíamos de que era uma lacuna que precisava ser preenchida, era uma avaliação absolutamente correta tamanha a demanda que nós recebemos, o número de inscrições logo no primeiro semestre. E nos criou uma dificuldade que é importante, (...) montar o programa numa dimensão que nós não imaginávamos a partir do zero. Bom, e aí, certamente não era o reitor o responsável pelo que aconteceu na sequência, o responsável pelo que aconteceu na sequência está aqui do meu lado. É a Leninha. Porque ser reitor é fácil. Eu disse para ela o seguinte, você é que deu a ideia de enfiar essa coisa no programa de gestão, agora você se vira. A gente vai atendendo à medida que a gente der conta de atender, e foi isso que aconteceu. Foi a Leninha que implantou o programa. Colocar lá como objetivo de gestão, etc. É simples. Fazer o programa rodar efetivamente na prática é outra história, e fazer efetivamente o programa rodar é mérito amplo geral e restrito da Leninha. Ela começou só ela, foi formando a equipe, contou logo no começo com uma preciosíssima adesão que foi da Bel[31], e juntas elas montaram essa estrutura enorme que nós temos hoje, enorme se vocês imaginarem que nós não tínhamos nada. Então é do zero ao que nós temos hoje em aproximadamente três anos, três anos e pouquinho. É, o espaço físico, pessoas que pudessem tocar as oficinas, pessoas que pudessem efetivamente realizar as atividades e aí a coisa da adesão voluntária e do interesse dos nossos professores, funcionários, estudantes em colaborar com o programa foi algo realmente impressionante, algo que merece registro, acho que nunca na história da Unicamp houve uma atividade onde as pessoas se colocaram de maneira gratuita, de maneira pessoal, de vontade de colaboração, como no programa UniversIDADE. Então, o sucesso desse programa deve ser creditado às (coordenadoras), a equipe que foi montada que tem crescido, ao longo do tempo e ainda precisa crescer, o programa precisa ser dotado de mais espaço físico próprio para diminuir um pouco a dependência, da cessão do espaço de outras unidades, de outros órgãos, mas certamente pelo sucesso alcançado é um programa felizmente irreversível.

O programa é apresentado como uma iniciativa que visa preencher uma "lacuna", visto que atualmente são demandadas múltiplas funções das universidades, isto é, como se fosse próprio das instituições de ensino superior ter um programa específico voltado para as pessoas idosas[32]. Chama a atenção, portanto, a observação do reitor a respeito do atraso da UNICAMP em responder a essas novas demandas em relação às universidades, redefinindo o tipo de retorno que a instituição deve dar à comunidade, que vai além da formação de profissionais e do desenvolvimento científico. O programa UniversIDADE propõe-se, deste modo, a responder a

[31] Isabel Cristina Araújo Floriano, coordenadora associada do programa, funcionária da reitoria da UNICAMP.
[32] No próximo capítulo busco fazer uma discussão sobre os modelos de programas voltados para a terceira idade relacionando-os às características do programa da UNICAMP.

uma demanda que tem a ver com os funcionários da UNICAMP que estão perto da aposentadoria ou aposentaram e também uma resposta da universidade à comunidade, particularmente ao segmento mais velho da população de Campinas.

A surpresa causada pelo grande número de inscritos no programa UniversIDADE é uma das formas de legitimar o acerto da iniciativa, iniciativa essa que é colocada ao mesmo tempo como uma criação da gestão do reitor e que tem seu sucesso garantido graças ao voluntarismo dos funcionários da UNICAMP e da pessoa da coordenadora do programa. Ou seja, é um relato que combina uma "lacuna", preenchida por um reitor, que não só conseguiu mobilizar um grande número de inscritos no programa, o que garante a sua importância, mas também uma iniciativa que mobilizou professores, alunos e funcionários da universidade para uma ação social inteiramente voluntária.

No primeiro semestre de 2017, foram 1285 alunos cadastrados no sistema do programa e em torno de 850 alunos ativos inscritos nas atividades. Foram 500 propostas de atividades submetidas e 315 instrutores voluntários. Dados que foram apresentados no evento de abertura, pela coordenadora, que também apontou que o programa ainda enfrenta o problema da falta de espaço, que depende de espaço cedido pelas unidades, e que neste primeiro semestre de 2017 o número de empréstimos de salas de aula das unidades havia diminuído em relação ao semestre anterior.

Neste evento, a equipe apresentou o Programa UniversIDADE para os alunos dos semestres anteriores e para os alunos que se inscreveram no programa pela primeira vez. Na apresentação do ano anterior, no primeiro semestre de 2016, realizada no Espaço Cultural Casa do Lago da UNICAMP, muitos participantes assistiram o evento em pé, pois não havia cadeiras para todos sentarem no salão de lá. Já a abertura do primeiro semestre de 2017 foi realizada no Centro de Convenções da UNICAMP, que é um complexo de eventos com auditórios onde acontecem grandes eventos da universidade, mesmo assim, o auditório também ficou lotado e algumas pessoas tiveram que assistir em pé.

Quadro 1 – Número de inscritos de 2015 a 2017

Ano/Semestres	Número de inscritos
2015 – 1º semestre	351
2015 – 2º semestre	550
2016 – 1º semestre	856
2016 – 2º semestre	1024
2017 – 1º semestre	850
2017 – 2º semestre	860

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados divulgados nos eventos e em mídias sobre o programa divulgadas no *site* do programa UniversIDADE.

Como disse o reitor, dado esses números, o programa é "irreversível". Na cerimônia de abertura do primeiro semestre de 2017, o reitor José Tadeu Jorge também se despede do programa, pois a universidade estava em processo de escolha do novo reitor e a sua gestão iria até meados de abril de 2017. O novo reitor, Marcelo Knobel, manteve o programa mudando a coordenação executiva nomeando a professora doutora da Faculdade de Enfermagem da UNICAMP, Kátia Stancato, como nova coordenadora.

3.2 As atividades oferecidas pelo programa: oficinas, palestras, eventos de abertura e seminários

O programa oferece atividades que são classificadas em quatro eixos temáticos: "Arte e Cultura", "Esporte e Lazer", "Saúde Física e Mental" e "Sócio Cultural e Geração de Renda". No quadro abaixo trago o objetivo de cada eixo, como consta na Resolução GR 038/14[33], que institui o programa UniversIDADE, e um resumo de algumas das atividades que aconteceram no primeiro e segundo semestre de 2016.

[33] Disponível em sua íntegra no Anexo 6.

Quadro 2 – Eixos temáticos e atividades (2016)

Eixo temático	Objetivo	Atividades oferecidas em 2016
Arte e Cultura	Desenvolver a criatividade das pessoas para que elas possam utilizá-la em seu cotidiano.	Aulas de línguas – inglês, espanhol, italiano; aulas de artesanato; sessões cinema; aulas de coral; aulas de pintura; aulas de dança; aulas de teatro; aulas de fotografia; aulas de temas específicos na área de História; entre outras.
Esporte e Lazer	Preservar a saúde física e emocional das pessoas, de modo que elas se tornem menos propensas a sofrer acidentes e mais aptas a desempenhar suas atividades diárias.	Aulas de ginástica; palestras sobre esporte, atividade física e qualidade de vida; aulas de dança; aulas de exercícios físicos funcionais; aulas de vôlei; aulas de relaxamento; aulas de xadrez; aulas de Yoga; aulas de Badminton; entre outras.
Saúde física e mental	Contribuir com a prevenção de doenças e estimular o raciocínio lógico.	Palestras e oficinas sobre saúde, qualidade de vida e envelhecimento com especialistas de várias áreas como: Gerontologia, Nutrição, Psicologia, Odontologia, Biotecnologia, etc.; grupos de leituras; oficinas de memória; entre outras.
Sócio Cultural e Geração de Renda	Transmitir às pessoas orientações e conhecimentos específicos que poderão ser empregados posteriormente em sua vida pessoal e/ou no ambiente familiar.	Cursos e palestras de várias áreas como: Química, Geografia, Física, Computação, Economia, Administração, etc; oficinas de bordado; aulas de inclusão digital e informática; entre outras.

A lista completa das atividades oferecidas encontra-se nos anexos da dissertação: Atividades do primeiro semestre de 2016 no Anexo 1, do segundo semestre de 2016 no Anexo 2, do primeiro semestre de 2017 no Anexo 3 e do segundo semestre de 2017 no Anexo 4.

Os alunos participantes são orientados a se inscrever em pelo menos uma atividade de cada eixo temático. As atividades têm duração variada, uma oficina pode acontecer semanalmente ou duas vezes por semana ao longo do semestre, como também pode ser realizada em apenas três encontros durante todo o semestre. O mesmo vale para as palestras, que são outra modalidade de atividades, que às vezes ocorrem em apenas um encontro no semestre. Nas palestras são abertas vagas para um número maior de participantes, pois são realizadas em auditórios, espaços que comportam mais pessoas do que, por exemplo, algumas

oficinas que possuem uma quantidade de vagas reduzidas por turma, algumas para no máximo dez pessoas.

Observei, a partir de conversas informais com participantes, que, no período da pesquisa, as atividades mais procuradas no programa UniversIDADE foram as aulas do coral, a dança de salão, a *biodanza* e cursos de línguas (inglês e espanhol). Em uma apresentação de início de semestre, em 2016, a coordenadora solicitou para os participantes se matricularem nas atividades da área de saúde, como as palestras e oficinas da área de odontologia. O que demonstrou que não havia muita procura por este tipo de atividades e que é obrigatório os alunos se matricularem em pelo menos uma atividade de cada eixo temático. "Aqui não é escola particular de língua" disse a coordenadora ao pedir que os participantes não procurassem o programa para fazer apenas este tipo atividade, mas para fazer outras que visam proporcionar a "saúde" além do "bem-estar e qualidade de vida".

A maioria das atividades oferecidas não possui um perfil propriamente acadêmico, tendo em vista que elas são classificadas como "oficinas" e "palestras", atividades que não possuem determinada sequência, estrutura, currículo e que não conduzem a um nível de instrução que é oficializado por um diploma.

As oficinas e palestras são ministrados por instrutores voluntários de áreas variadas e qualquer pessoa pode submeter uma proposta de atividade para ser avaliada pela equipe coordenadora. Pelo que pude observar, os instrutores são alunos de graduação e pós-graduação da UNICAMP, professores e funcionários da UNICAMP (aposentados ou não), os próprios alunos participantes do programa, alguns membros da equipe do programa, entre outros.

As atividades acontecem na UNICAMP *campus* de Barão Geraldo, distrito da cidade de Campinas no estado de São Paulo, em vários espaços das diferentes unidades. O mapa do *campus*, que se encontra no Anexo 5, foi fornecido aos alunos no primeiro semestre de 2016 juntamente com um livreto contendo o cronograma de todas as atividades com datas, horários e locais. Já no ano de 2017, a divulgação das atividades foi feita via internet pelo *site* do programa. As atividades do primeiro semestre de 2016 foram realizadas nas seguintes unidades: Faculdade de Educação (FE), Faculdade de Engenharia Civil (FEC), salas e auditório da Biblioteca Central César Lattes (BCCL), Tenda no Hospital das Clínicas (HC), Escola Livre de Música, Museu de Zoologia, Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM), Instituto de Geociências (IG), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), Espaço Cultural Casa do Lago, Praça da Paz, Faculdade de Educação Física (FEF), Faculdade de Enfermagem (FEnf), Faculdade de Ciências Médicas (FCM),

Instituto de Computação (IC), Prédio Embrapa, Instituto de Física GlebWataghin (IFGW), entre outras.

Além destas atividades oferecidas pelo programa, também é promovido um evento anual que entra no calendário de eventos da UNICAMP e é aberto ao público em geral. Chama-se "Seminário sobre Longevidade e Qualidade de Vida da UNICAMP". O primeiro seminário aconteceu em 2014 antes mesmo do programa UniversIDADE ser implementado. Este seminário reúne especialistas que pesquisam sobre o envelhecimento e, a cada ano, é escolhido um tema específico dentro desta temática maior. Normalmente, é realizado na primeira semana do mês de outubro, pois no dia 1º de outubro é celebrado no Brasil "o dia do idoso" por referência ao dia que foi aprovada a lei 10.741 de 2003 que torna vigente o Estatuto do Idoso.

Esses seminários são momentos em que professores e pesquisadores de diferentes universidades são convidados para expor resultados de pesquisas que estão sendo por eles realizadas sobre temas relacionados com a velhice e o envelhecimento populacional. É também um momento em que todos os alunos inscritos no programa, cuja participação é restrita às atividades escolhidas, são convocados para uma atividade conjunta assim como nos eventos de abertura de semestre. No seminário, é também o momento de divulgar para pesquisadores e docentes de outras universidades o que a UNICAMP está realizando nesta área.

No dia 2 de outubro de 2015, participei do "II Seminário sobre Longevidade e Qualidade de Vida da UNICAMP: Novas tecnologias e fatores econômicos para o envelhecimento" que aconteceu no auditório do Centro de Convenções da UNICAMP. Foi um dia com palestras ministradas no período da manhã e no período da tarde. A maioria dos alunos inscritos no programa do segundo semestre de 2015 estavam presentes, eles vestiam uma camiseta vermelha com o logotipo do programa UniversIDADE. A coordenadora do programa e o vice-reitor da UNICAMP, Álvaro Crósta, fizeram a abertura do seminário, chamando atenção para a "riqueza da interação" que o programa trazia e como através dele os participantes podiam "viver melhor". Disseram que o programa era "o retorno que a universidade trazia para a sociedade" e agradeceram o grande número de voluntários que atuam ministrando as atividades do programa. As palestras da parte da manhã foram sobre inclusão digital para idosos: "Efeito do uso das tecnologias de informação e comunicação nos índices de capacidade funcional e cognitiva em pessoas idosas" com o matemático e pesquisador Adriano Pasqualotti da Universidade de Passo Fundo (UPF) do Rio Grande do Sul que mostra como o videogame melhora as funções neuropsicológicas em idosos. E a palestra "Impacto da tecnologia no cotidiano de trabalho de idosos: fatores relacionados às habilidades e competências" com a

professora Carla da Silva Santana da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto (USP) que é terapeuta ocupacional e pesquisadora na área da gerontologia. Após o intervalo para o almoço, a parte da tarde se iniciou com apresentação do coral "Flor da Terceira Idade", em que os alunos do programa que participam das aulas do coral se apresentaram.

Figura 1 – Foto da apresentação do Coral no dia 02/10/2015

Fonte: Fotografia feita pela autora.

As palestras do período da tarde foram sobre boa velhice, fatores econômicos do envelhecimento e questões demográficas: "Atividades, envolvimento social e boa saúde formam base de uma boa velhice" com a professora Anita Liberalesso Neri da Faculdade de Educação da UNICAMP que apresentou sua pesquisa sobre as concepções de idosos brasileiros sobre "o que é ser feliz na velhice"; a de Jorge Felix sobre "Economia da longevidade e mercado consumidor: o desafio para as empresas" em que o pesquisador apresenta os desafios estruturais para um envelhecimento ativo da população e a última palestra com a pesquisadora do IPEA,

Ana Amélia Camarano, sobre “Envelhecimento da população e as implicações para o mercado de trabalho”.

No dia 4 de outubro de 2016, participei também do terceiro “Seminário sobre Longevidade e Qualidade de Vida da UNICAMP”, neste ano com a temática “O idoso como novo personagem na sociedade atual”. As palestras deste seminário foram: “Envelhecer mantendo funções e a contribuição das ocupações” com a terapeuta ocupacional e gerontóloga Maria Helena Morgani de Almeida, professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP); “Psicologia do Envelhecimento” com a psicóloga Deusivania Vieira Silva Falcão também professora e pesquisadora da USP; e a palestra com a fisioterapeuta e gerontóloga Monica Perracini, professora na área de Gerontologia na UNICAMP. Neste evento, assim como no seminário do ano anterior, teve a apresentação dos alunos do coral, que pela foto abaixo podemos comparar com a foto anterior do coral (Figura 1) e visualizar o aumento do número de participantes.

Figura 2 – Foto da apresentação do Coral no dia 04/10/2016

Fonte: Fotografia feita pela autora.

Além das atividades ao longo do semestre – oficinas e palestras – e dos seminários anuais, outro tipo de evento do programa são as recepções de início de semestre em que a equipe coordenadora dá as boas-vindas a todos os participantes, apresenta o programa, dá recados e também serve de espaço para apresentação de dança, teatro, coral e exposição de artesanato pelos participantes das oficinas dos semestres anteriores. Os seminários e os eventos de abertura semestral são eventos que, em princípio, devem agregar todos os alunos, porque as demais atividades são realizadas em pequenos grupos.

Na recepção do início do primeiro semestre letivo de 2016, que aconteceu no dia dez de março na Casa do Lago na UNICAMP, o salão onde aconteceu o evento, como já foi dito, ficou lotado. Nesta cerimônia de abertura a coordenadora apontou que o programa contava com inscrições de aproximadamente 600 participantes para aquele semestre e que estava

oferecendo cerca de 130 atividades.[34] Ela apresentou a equipe do programa, agradeceu a parceria com um supermercado local que estava fornecendo o lanche naquele dia para os convidados, agradeceu também "o amor dos voluntários" dizendo que estavam criando uma "família", e que no primeiro ano do programa já tinha percebido a mudança dos alunos, na "saúde" e na "qualidade de vida". Em seguida, o reitor da UNICAMP, José Tadeu Jorge, se apresentou e disse que a universidade tem como matéria prima o conhecimento e que o programa UniversIDADE é um programa de "conhecimento com carinho". Disse que a ideia do programa foi da Leninha, funcionária da reitoria, que criou e implementou o programa, e que após ela ter tido a ideia ele quis colocar no seu programa de gestão. Que o sucesso desta ideia era tão grande que não estava cabendo na Casa do Lago, que estava tendo uma receptividade muito grande, que os alunos do programa "gostam de estar aqui, querem estar aqui, sem obrigação". Disse que o que está faltando é uma área física própria para o programa. A coordenadora disse também que na Casa do Lago "não dá mais", que não havia cadeiras para todo mundo e pediu desculpas dizendo que o programa ainda enfrentava algumas dificuldades.

Neste dia, após o almoço no "bandejão" – como é chamado o restaurante universitário da UNICAMP pelos estudantes – os participantes iriam realizar um "circuito saúde", que é feito em parceria com o Centro de Saúde da Comunidade da Unicamp (CECOM), a fim de "acompanhar mudanças na qualidade de vida". Os participantes do programa iriam ganhar o cartão estudantil da UNICAMP (registro acadêmico – RA) e iriam poder usufruir dos benefícios assim como os demais estudantes da instituição, como almoçar nos restaurantes universitários do *campus* pelo valor de R$2,00 a refeição (almoço, jantar) e R$1,00 o café da manhã[35], assim como fazer empréstimos nas bibliotecas entre outros benefícios. Neste dia, como o cartão ainda não estava pronto, os participantes do programa almoçaram gratuitamente no restaurante universitário. No circuito saúde, que aconteceu em um prédio em frente à reitoria da UNICAMP, o prédio da Diretoria Geral da Administração, os enfermeiros e demais profissionais do CECOM aferiram a pressão arterial dos participantes; acuidade visual; glicosimetria; peso, altura e índice de massa corporal; analisaram a mucosa oral e verificaram se a pessoa fazia uso de tabagismo.

No segundo semestre de 2016, participei como instrutora voluntária oferecendo uma oficina no programa UniversIDADE intitulada "Confraria dos/as Avós", em parceria com a professora Guita Debert e alunas do curso de Ciências Sociais da UNICAMP, Sofia Mortara

[34] A lista com todas as atividades oferecidas no primeiro semestre de 2016 encontra-se no Anexo 1.
[35] Valores referentes ao ano de 2016.

e Dominique Macedo. O nome da oficina foi sugerido pelas coordenadoras do programa em referência à uma outra oficina que já havia sido realizada chamada “Confraria Masculina”, que foi proposta por uma doutoranda em gerontologia da UNICAMP que, assim como nós, desenvolveu pesquisa com a temática do envelhecimento. Fizemos uma reunião conjunta com as coordenadoras do programa UniversIDADE, no dia 14 de setembro de 2016, quando decidimos por oferecer esta atividade, em que realizaríamos reuniões com os participantes que eram avós para conversar sobre os novos papeis dos avós na atualidade.

Esta oficina foi realizada em três encontros, que aconteceram na Biblioteca do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, em 2016. No segundo semestre de 2017, propomos novamente a mesma oficina e os encontros foram realizados numa sala chamada “Sala de treinamento” do prédio da Biblioteca Central César Lattes na UNICAMP. Nas primeiras sessões da oficina, em 2016, nós que providenciamos a cessão do espaço para os encontros na biblioteca do PAGU, pois já havia passado o período de inscrição das oficinas e a equipe do programa não conseguia mais reservar espaços nas unidades do *campus* nos dias e horários propostos. Já em 2017, submetemos a proposta da oficina no período de inscrições, em julho, desta maneira a equipe coordenadora que realizou a reserva da sala para os encontros no prédio da Biblioteca Central.

Observei que as pessoas muitas vezes se inscrevem em alguma atividade do programa e depois desistem, sem frequentar. Por exemplo, esta oficina que oferecemos no programa no segundo semestre de 2017 abriu vagas para dez pessoas, tiveram sete inscrições, e compareceram apenas três inscritos por sessão. A equipe coordenadora cobra a presença dos alunos inscritos através de ligações telefônicas, *e-mail* e também via aplicativo de mensagem instantânea de aparelho *smarthphone WhatsApp*. Desta forma, verifica-se que há um certo grau de evasão dos inscritos nas oficinas e que há notificações por parte da coordenação cobrando a frequência.

3.3 Atores envolvidos na "troca": equipe, instrutores voluntários e alunos do programa

"Ninguém é suficientemente perfeito, que não possa aprender com o outro e ninguém é totalmente destituído de valores que não possa ensinar algo ao seu irmão. – Francisco de Assis", é no sentido desta frase, inspiradora do programa, que consta na sua descrição no *site*[36], que a equipe coordenadora convida os potenciais voluntários a proporem atividades e serem instrutores no programa. O que vai ao encontro da fala do reitor, José Tadeu Jorge, na abertura e apresentação do programa em 2017:

> Acho que essa é uma característica muito importante, que eu sempre insisti na maneira de formatar o programa UniversIDADE, todo mundo aqui está aprendendo e todo mundo aqui está ensinando, essa é uma característica fundamental, não é o ensino formal, é um ensino de troca, ensino de convivência, o ensino de história de vida que cada um tem e todos aqui são pessoas diferentes uma da outra, não há duas histórias de vida iguais aqui, portanto isso adquire uma riqueza enorme e muitas pessoas podem aprender com essas histórias de vida. Não estou falando de aprender do ponto de vista formal, aprender a riqueza que é a vida de cada um aqui, com várias facetas, com várias identidades, com várias histórias e poder enriquecer com essa convivência com outras pessoas. Essa eu acho que é a característica mais fundamental do programa UniversIDADE, é a troca, é o intercâmbio, é conhecer e poder relatar os entendimentos e aquilo que cada um viveu ao longo de todo o seu tempo.

Pelos depoimentos dos participantes também pôde ser percebida a valorização desta "troca", dessa atuação voluntária dos instrutores, e considera-se enriquecedor o convívio e aprendizados no programa. Conforme depoimento da participante Arlete:

> Somos privilegiados por poder usufruir desse programa e compartilhar grande parte do nosso tempo, vendo em meio a tantos grandiosos instrutores voluntários, vários jovens se doando nesse projeto, com tanta dedicação, prazer e generosidade, compartilhando seus conhecimentos num carinho imenso por seus "alunos avós". A cada dia, afortunadamente, mergulhamos mais nos novos aprendizados, exercitando o cérebro, espírito e corpo, no desejo infinito de querer saber e aprender sempre mais.

[36] Disponível em: http://www.programa-universidade.unicamp.br/sobre.php?s=SOBRE_O_PROGRAMA . Último acesso em: 29/10/2017.

Em um dos encontros da oficina Confraria das Avós, Lúcia também relatou esta valorização do trabalho voluntário dos instrutores no programa UniversIDADE:

> A aula do balé (atividade do programa UniversIDADE), exemplo, hoje era dia de ir na ginecologista, e era tudo de manhã, então se eu estivesse fazendo balé em qualquer outro lugar, não iria à aula. Nossa, a professora voluntária, está deixando de fazer a atividade que ela já faz, para vir aqui de voluntária me dar aula de balé, e eu não vou lá para a aula de balé? Eu venho! (...) eu valorizo muito o professor, sabe? Porque eu acho que é tão legal a pessoa se dedicar, sair da casa, pegar carro, pegar ônibus, tem gente que vem de longe.

Cora, também na Confraria das Avós, relatou a valorização da atuação dos voluntários no programa, valorizando assim como Arlete a relação intergeracional que o programa possibilita:

> Para mim é uma oportunidade de me expandir. Conhecimentos, relacionamentos. É tão interessante a gente conhecer pessoas diferentes, assim esse relacionamento intergeracional é muito enriquecedor. Os jovens de outras faixas etárias. Ultimamente eu não tenho (esses relacionamentos) porque meus filhos já são mais velhos. E é muito bom a gente vir. Os jovens aí, cheios de sonhos, de entusiasmo, tantas coisas boas para realizar, então isso também dá uma energia boa para gente (...). Realmente a gente vem com vontade, não quero perder essa oportunidade (...). Essa oportunidade acho que a gente não pode nem desperdiçar nem menosprezar. Acho que tudo o que a gente escolhe comprometidamente, a gente vê esse trabalho, dedicação, do pessoal que oferece, então é uma coisa gratuita, uma oportunidade. Como não valorizar?! Então para mim é uma oportunidade muito grande de sempre me expandir um pouco mais, de cultivar novos relacionamentos. É tão bom, a gente encontrar pessoas novas, diferentes, que ajudam a gente a pensar melhor, enxergar melhor. (...) eu acho que essa experiência é um enriquecimento mútuo. Essa relação intergeracional é muito enriquecedora, é que de ambas as partes tem que ter abertura para isso, os jovens têm que ter paciência para escutar os velhos que as vezes misturam as coisas e fazem umas confusões, eu faço, de vez em quando eu faço, esqueço as coisas, mas, eu acho que é muito legal sabe, para gente é, e a gente também se atualiza. Vê ainda coisas que a gente nem pensou, ou a gente nem sabe que existe, os jovens já falam.

3.3.1 A UniversIDADE dos funcionários da UNICAMP: perfil dos instrutores e equipe coordenadora

"Instrutor" é o termo utilizado pelo programa para se referir a quem ministra uma atividade, seja palestra ou oficina. Os instrutores atuam voluntariamente no programa submetendo suas propostas de atividade em um formulário pelo *site* do programa, neste formulário deve constar a descrição do conteúdo da atividade que pode ser na forma de palestra ou oficina; as datas em que a mesma irá ocorrer; um mini currículo da pessoa que está propondo e o número de participantes. A divulgação é feita pela internet, através do *site* da UNICAMP, do *site* do programa UniversIDADE, por *e-mail* e pelo *site* da rede social *Facebook*. Alguns meses antes do início do semestre é aberto o período de inscrição e qualquer pessoa pode submeter uma proposta. As propostas são analisadas pela equipe coordenadora, que aprova ou não, e a equipe providencia os espaços necessários na universidade para a realização das atividades. No início do semestre os participantes do programa, pelo *site* ou na secretaria do programa, acessam as atividades aprovadas e se inscrevem.

A equipe do programa possui duas coordenadoras: a coordenadora executiva, que assumiu em abril de 2017, Profa. Dra. Kátia Stancato da Faculdade de Enfermagem da UNICAMP, e a coordenadora associada, Isabel Cristina Araújo Floriano, que atua no programa desde sua criação em 2015 e é funcionária da UNICAMP na Diretoria Geral de Recursos Humanos. Além das coordenadoras, outros funcionários da UNICAMP compõem a equipe do programa UniversIDADE, sendo cada um responsável por uma função dentro da equipe. Há uma funcionária responsável pela "Assistência Técnica de Coordenação", uma pelas atividades do eixo temático de "Saúde Física e Mental", uma pelas atividades dos eixos de "Arte e Cultura" e o de "Sócio-Cultural e Geração de Renda", e uma pelas atividades do eixo de "Esporte e Lazer". Há um funcionário responsável pela parte administrativa, e outro que é o profissional de informática do programa. Além desses funcionários que compõem a equipe, o programa também abre vagas para estagiários – alunos de cursos de graduação da UNICAMP, que recebem uma bolsa do Serviço de Apoio ao Estudante da UNICAMP. No segundo semestre de 2017, a equipe contou com seis estagiários que eram responsáveis pelo atendimento aos participantes na secretaria do programa e por auxiliar a organização das atividades. Estes são dados da equipe do ano de 2017, quando já houve um aumento do número de seus componentes. Em 2015, por exemplo, primeiro ano do programa, o número de funcionários que atuavam no

programa era mais reduzido, tendo início com as duas funcionárias da reitoria, Alice Helena de Danielli e Isabel Cristina Araújo Floriano.

Pesquisar o programa UniversIDADE foi testemunhar a posição central que os funcionários da UNICAMP ocupam como instrutores e coordenadores no programa. Observei que os instrutores voluntários são, em sua maioria, funcionários da UNICAMP, além de alunos de graduação e pós-graduação, gerontólogos (alunos do mestrado e/ou doutorado em Gerontologia da UNICAMP), professores da UNICAMP, professores aposentados da UNICAMP, os próprios alunos do programa UniversIDADE, entre outros. Os professores e alunos da graduação e pós-graduação da UNICAMP que se voluntariam para instruir alguma atividade no programa normalmente também realizam pesquisas acadêmicas na atividade ministrada com os participantes. Este é o caso de duas doutorandas em Gerontologia da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP que ministraram palestras, oficinas e cursos no programa; de um mestrando do Instituto de Artes da UNICAMP que ministrou as aulas do coral; entre outros.

No quadro a seguir podemos visualizar que tipo de vínculo os instrutores das atividades oferecidas no segundo semestre de 2017 possuem com a UNICAMP. Notamos como é grande a adesão à atuação voluntária por parte dos funcionários da UNICAMP que compõem a maior parte dos instrutores, mais do que os próprios professores universitários e estudantes de graduação e pós-graduação.[37] A tabela completa com a profissão/formação específica de cada instrutor, que estão reunidas nos conjuntos do quadro abaixo, encontra-se no Anexo 7 (Quadro 8) da dissertação.

[37] Gostaria de fazer aqui um agradecimento especial à professora Helena Sampaio que, no exame de qualificação, sugeriu que nos atentássemos à esta centralidade da atuação dos funcionários da UNICAMP no programa UniversIDADE.

Quadro 3 – Instrutores do segundo semestre de 2017

Tipo de vínculo com a UNICAMP	Número de instrutores
Funcionários da UNICAMP (profissionais de administração, bibliotecária, técnicos em diversas áreas, entre outras funções)	44
Sem informação de vínculo com a UNICAMP (além de ser voluntário no Programa UniversIDADE)	36
Professores e pesquisadores da UNICAMP	17
Alunos da UNICAMP (Graduação e pós-graduação)	13 (Graduação – 3, Mestrado – 3, Doutorado – 6 e Aprimoramento – 1)
Alunos do Programa UniversIDADE	7
Professor e funcionário aposentados da UNICAMP	2
TOTAL	119

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do *site* do Programa UniversIDADE, pesquisa no *site* de busca *Google*, pesquisa no *site* da Plataforma Lattes e no aplicativo de *smartphone* "Salários UNICAMP".

Destes dados dos instrutores apresentados no quadro, 70% são mulheres e apenas 30% homens. O que vai ao encontro dos dados dos alunos inscritos nas atividades, que apresento no tópico a seguir, em que a maioria é composta por mulheres.

Como já apontado, percebe-se a posição central que a funcionária da reitoria que criou o programa e veio a coordená-lo ocupou no programa. Em uma entrevista para a Rádio Senado[38] publicada em 20 de fevereiro de 2017, ela fala como teve a ideia:

> A ideia do programa UniversIDADE surgiu com a minha própria história, já tenho mais de trinta anos de trabalho, estou prestes a me aposentar, e eu sempre tive os receios da vida, o que fazer depois da aposentadoria. Então pensando na minha própria história, foi que surgiu a ideia de criar um programa do qual as pessoas após a sua aposentadoria, ou as pessoas que não trabalham, tivessem alguma atividade para continuarem ativas. Foi pensando

[38] Disponível em áudio no site do programa: http://www.programa-universidade.unicamp.br/noticia.php?p=79&noticia=R%C3%81DIO_SENADO_ENTREVISTA_COORDENADORA_DO_UNIVERSIDADE&q=undefined Último acesso em: 18/10/2017. E na página do Senado Federal: https://www12.senado.leg.br/radio/1/conexao-senado/programa-universidade-oferece-cursos-para-adultos-com-mais-de-50-anos . Último acesso em: 18/10/2017.

> dessa forma que eu desenhei o programa UniversIDADE, o qual foi acatado na gestão do professor José Tadeu Jorge, atual reitor da Unicamp, e que colocou no seu programa de gestão.

O entusiasmo dos funcionários da UNICAMP como alunos e instrutores fica evidente no depoimento de Vânia, aluna e instrutora:

> Estou na UNICAMP desde 1986. Aprovada em concurso para trabalhar como escriturária, estive na FEAGRI – Faculdade de Engenharia Agrícola, no NEPO – Núcleo de Estudos de População "Elza Bequó" e, quando eu pensava que poderia começar a pensar na aposentadoria, a vida me surpreende e, a partir do segundo semestre deste ano, estou no NICS – Núcleo Interdisciplinar de Comunicação Sonora. (...). Foram anos de muito trabalho, aprendizado e conquistas. Perdas também, algumas pessoas se foram (...). Por um tempo era comum olhar o cadastro e consultar a provável data de aposentadoria, ela parecia sempre tão distante. Como num passe de mágica a data estava mais próxima e aí aquele sentimento de que o tempo havia voado. O filho e a filha cresceram, alguns lutos passaram já outros serão eternos e o que eu vou fazer agora? Inscrevi-me no programa UniversIDADE, em poucas atividades, pois, conciliar o horário de trabalho ainda era um grande desafio. Então, começa a despertar um sonho que estava adormecido. Com o apoio de meu esposo, e com o incentivo da amiga, comadre e xará, Vânia, criei o Projeto "Entre Linhas e Agulhas, Semeando, Bordando e Realizando Bons Sonhos". A partir dele apresentei uma proposta de oficina de bordado livre que foi realizada no primeiro semestre e, a pedido das alunas, me senti estimulada a propor outras duas para este semestre. E assim, um sonho do passado, o sonho de ser professora está se concretizando no presente. Considero isto uma benção divina e um presente que a vida me trouxe nesta melhor idade. A juventude já passou para nós que estamos no programa, o tempo cronológico é implacável, mas a jovialidade, a renovação e a alegria só dependem das nossas escolhas. Já posso aposentar-me, já tenho todos os requisitos, contudo, o programa UniversIDADE proporciona tanta alegria em cada encontro que me sinto no início de uma nova carreira porque: eu bordo, tu bordas, nós arrasamos e somos alegres!

Importante considerar que se o programa UniversIDADE foi criado para proporcionar às pessoas da comunidade da UNICAMP "condições para a preparação do indivíduo em estágio de pré-aposentadoria, aposentadoria e pós-aposentadoria", conforme sua descrição, o programa prepara também indivíduos para uma nova experiência ao transformar seus funcionários em instrutores, encarregados de ensinar na UNICAMP. É como se depois de um grande número de anos trabalhando como funcionários de uma instituição de ensino superior, e convivendo com estudantes e professores, essa longa experiência oferecesse um capital cultural que possibilitasse não apenas sua transformação em "docentes" mas permitisse

revolucionar a própria visão do que é a universidade, uma instituição que nas palavras do reitor, José Tadeu Jorge, possibilitasse um "conhecimento com carinho", uma universidade aberta para a sociedade, para seus setores mais frágeis e carentes. Além disso, uma universidade que não é apenas gratuita, mas na qual o trabalho de docentes, na condição de instrutores, não precisaria ser remunerado, o voluntariado é valorizado.

3.3.2 Perfil dos alunos inscritos no programa

No quadro a seguir relato o número de participantes nas atividades que observei no primeiro semestre de 2016 nos meses de maio e junho. A partir destes dados podemos constatar que a maioria dos participantes é mulher. Dados que vão ao encontro do que a literatura já levantou a respeito da participação de homens e mulheres em programas da terceira idade, ou seja, de que mais de 80% são mulheres (cf. DEBERT, 2012; GUERRERO, 1994; VERAS e CAMARGO JR., 1995).

Quadro 4 – Atividades assistidas e número de participantes por sexo (2016)

	Data e Horário	Atividade	Local	Participantes Mulheres	Participantes Homens
1	31/05/2016 9:30h às 11:30h	Atividade física funcional	Tenda II do Hospital das Clínicas (HC)	6	1
2	01/06/2016 10h	Aula de pintura em tela	Casa do Lago	10	0
3	01/06/2016 9h às 11h	Jogos digitais	Instituto de Computação IC 3 – Sala 304	6	2
4	01/06/2016 13:30h	Páginas da vida – edição 2016	Biblioteca Central (Cesar Lattes) – Sala de treinamento	5	0
5	01/06/2016 14h	Pintura anti-stress	Biblioteca Central (Cesar Lattes) – Sala de reuniões	8	1
6	03/06/2016 10h ao 12h	Jogos teatrais	Tenda II do Hospital das Clínicas – HC	4	1
7	07/06/2016 9h	Apresentação do Coral Universidade na "Semana do Meio Ambiente"	Centro de Convenções	34	11
8	14/06/2016 9:30h	Bordado Livre	Instituto de Geociências – IG	3	0
9	14/06/2016 10h	Atividade Física Funcional	Tenda II do Hospital das Clínicas – HC	11	1
10	15/06/2016 9:30h	Atividade Física Funcional	Tenda II do Hospital das Clínicas – HC	9	1
11	17/06/2016 10h	Jogos teatrais	Tenda II do Hospital das Clínicas – HC	5	2
12	17/06/2016 13h	As 7 maravilhas da terra de Carlos Gomes	Instituto de Geociências – Sala IG 07	11	1
13	20/06/2016 14:30h	Critério para escolha de livros infanto-juvenis	Instituto de Geociências	12	2
14	21/06/2016 9h	Cineclube Rex	Anfiteatro da Biblioteca Central Cesar Lattes	13	3

15	22/06/2016 14h	Pintura anti-stress	Biblioteca Central Cesar Lattes – Sala de reuniões	8	3
16	27/06/2016 10h	Espanhol	Instituto de Geociências – Sala EB 04	8	0
17	27/06/2016 14h	Palestra "Paixão, amor e sexo"	Instituto de Geociências – Sala IG 07	20	3
18	28/06/2016 9h	Manejo e cultivo de plantas	Mandala – Meio Ambiente	7	1
19	30/06/2016 11h	Palestra "Mitos e verdades sobre o envelhecimento – conhecer para não pré-julgar"	Anfiteatro da Biblioteca Central Cesar Lattes	21	9

Fonte: Elaborado pela autora a partir de observação direta nos meses de maio e junho de 2016.

Constata-se que são atividades que atraem mais as mulheres do que os homens. O fato de nos programas para a terceira idade o número de mulheres ser maior tende a ser explicado pelo fato de a esperança de vida das mulheres ser maior do que a dos homens. Essa explicação, como mostra Debert (1999), não se sustenta porque em outras formas de congregação de pessoas mais velhas a participação masculina tende a ser maior, como é o caso das associações de aposentados e pensionistas. O interesse de mulheres pelo programa UniversIDADE ficou evidente nos casos em que relataram a dificuldade de trazer os maridos para a UniversIDADE, que se negam a participar de cursos e oficinas que suas esposas consideram muito interessantes.

Vemos ainda que o número de participantes em cada uma destas atividades observadas é relativamente pequeno, com exceção do coral que contou com quarenta e cinco participantes. Essa foi também a atividade que contou com um número maior de homens, onze participantes.

Tive acesso também aos dados dos alunos inscritos no primeiro semestre de 2016, que foram compilados no programa Excel pelo profissional de informática que dá suporte ao programa UniversIDADE. Na planilha deste programa constam dados socioeconômicos de 817

participantes como: data de nascimento, faixa etária, faixa salarial, bairro, cidade e se é aposentado ou não. Nos quadros a seguir busco sistematizar estes dados.

Quadro 5 – Número de inscritos por faixa etária (2016)

Faixa etária	Inscritos	Porcentagem
50 a 59	248	30,3%
60 a 69	361	44,1%
70 a 79	175	21,4%
80 a 89	32	3,9%
90 a 99	1	0,1%
Total	817	100%

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos alunos inscritos no primeiro semestre de 2016 que foram cedidos pela coordenação do programa UniversIDADE.

Na questão da idade, 30,3% estão na faixa de 50 a 59 anos e 44,1% estão na faixa de 60 a 69, ou seja, a grande maioria dos inscritos têm entre 50-69 anos e menos de 5% possuem uma idade mais avançada, de 80 anos ou mais. Portanto, a maioria tem menos de 70 anos. São, na sua maior parte, mulheres de uma faixa etária relativamente jovem quando se pensa na aposentadoria por idade. São pessoas com alto nível de autonomia funcional, que chegam à UNICAMP dirigindo seus próprios carros ou de ônibus e se deslocam pelo *campus* da universidade.

Quadro 6 – Cidade de residência dos inscritos (2016)

Cidade/Região	Cidade	Número de participantes	Porcentagem
Campinas	Campinas	751	92%
Região metropolitana de Campinas	Paulínia	28	7,5%
	Sumaré	11	
	Hortolândia	7	
	Valinhos	4	
	Itatiba	5	
	Jaguariúna	2	
	Cosmópolis	2	
	Holambra	2	
Cidades próximas a Campinas	Piracicaba	2	0,5%
	Salto	1	
	Leme	1	
	Rio Claro	1	

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos alunos inscritos no primeiro semestre de 2016 que foram cedidos pela coordenação do programa UniversIDADE.

Observa-se que quase a totalidade é da cidade e da região metropolitana de Campinas. A participante Beatriz, que é ex-funcionária terceirizada da UNICAMP, por exemplo, reside com seu marido num sítio em Monte Mor, região metropolitana de Campinas, mas disse que possui uma quitinete no centro de Campinas, onde fica quando sai tarde da UNICAMP.

Quadro 7 – Nível de escolaridade dos inscritos (2016)

Nível	Número de participantes	Porcentagem
Nível superior completo	447	54,7%
Nível médio completo	233	28,5%
Estudam na educação formal em algum dos níveis	8	0,9%
Nível fundamental completo	81	9,9%
Nível fundamental incompleto	48	5,8%
Total	817	100%

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos alunos inscritos no primeiro semestre de 2016 que foram cedidos pela coordenação do programa UniversIDADE.

Sobre o nível de escolaridade percebemos que é um público altamente escolarizado, a maioria tem nível superior completo e apenas 5,8% tem nível fundamental incompleto. Por um lado, é interessante essa convivência entre pessoas com níveis educacionais tão diferentes – "todo mundo tem algo a ensinar, ninguém é suficientemente perfeito", conforme a descrição do programa no *site*. Por outro lado, é importante levar em conta que há uma ampla possibilidade de escolhas entre cursos, palestras e oficinas diferentes.

Lúcia, que participou da oficina Confraria dos/as Avós, disse que teve interesse numa oficina sobre o escritor Monteiro Lobato e a obra "Sítio do Picapau amarelo", o título da oficina era "Fuxicando com Monteiro Lobato e os personagens do Sítio do Picapau Amarelo" - atividade oferecida no segundo semestre de 2017. Ela se inscreveu na atividade, no entanto, teve uma surpresa ao participar oficina, que a deixou frustrada, pois a atividade era para aprender a fazer um tipo de artesanato chamado "fuxico" e não como ela esperava para discutir a obra literária do autor que ela preza e lê com entusiasmo.

A sugestão do reitor sobre a importância da convivência com pessoas com níveis socioeconômico distintos é reiterada pelos participantes, como no caso do depoimento de Maria, que participou na Confraria dos/as Avós, sobre o que ela sente ao participar do programa UniversIDADE:

> Eu sinto uma coisa maravilhosa, que é assim, você ser gente, não importa o que você foi, aquilo que você tem, você não compete. Isso é maravilhoso! Eu vou para uma academia (...) mas tem um certo posicionamento em relação a aparência, aqui não. Aqui você é gente, você é você, e isso é tudo para nós. Para todos nós, principalmente na situação que nós estamos (de ter se mudado com seu marido recentemente para Campinas), no contexto que nós estamos aqui há 3 meses, então é fabuloso. (...) Acho tão legal ver a movimentação dos alunos da faculdade, de ver os jovens, essas pessoas caminhando para fazer as oficinas, isso pra mim está sendo um espetáculo, maravilhoso.

Quadro 8 – Renda individual dos inscritos (2016)

Faixa salarial	Número de participantes	Porcentagem
1-3 salários mínimos	385	47,1%
4-6 salários mínimos	233	28,5%
Acima de 6 salários mínimos	199	24,3%
Total	817	100%

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos alunos inscritos no primeiro semestre de 2016 que foram cedidos pela coordenação do programa UniversIDADE.

Sobre a renda, quase a metade, 47,1%, está na faixa salarial mais baixa de acordo com os níveis de renda fornecidos pela coordenação do programa. Sendo esses dados relativos à renda individual, pode-se supor, levando-se em conta os níveis de renda da população brasileira, que é um setor que detém uma renda garantida que lhe permite certa autonomia e poder de escolha para a realização de atividades voltadas para a terceira idade.

E o último dado é a respeito da aposentadoria, no qual 718 participantes afirmaram não receber aposentadoria para 99 participantes que recebem, isto é, 87,8% disseram que não são aposentados e apenas 12,1% disseram que recebem aposentadoria.

***

Os dados apresentados neste capítulo demonstram a heterogeneidade do público inscrito no programa, as características e a diversidade de atividades oferecidas e o interesse por parte dos funcionários da UNICAMP na criação, gestão e participação como instrutores voluntários no programa UniversIDADE.

CAPÍTULO 4 – "Um conhecimento com carinho": sentidos e significados do programa UniversIDADE

Neste capítulo buscarei apontar os significados que pude apreender na investigação realizada sobre o programa UniversIDADE, os sentidos deste programa para as pessoas envolvidas, com quem tive contato, e nas situações observadas por mim durante a pesquisa.

4.1 Um centro de convivência na "multiversidade"

Conhecimento ou convivência? O reitor da UNICAMP, José Tadeu Jorge, na cerimônia de abertura do programa no segundo semestre 2016, responde à esta pergunta: é "um conhecimento com carinho". Assim como nesta fala, e a partir de vários relatos de participantes, instrutores, coordenadores e gestores, percebe-se que o conhecimento, e este conhecimento sobre como envelhecer ativamente com saúde e qualidade de vida, não é o único objetivo do programa. A convivência e os afetos envolvidos parecem ganhar centralidade no que programa proporciona.

Como já apontam outros estudos sobre as universidades da terceira idade (GUERRERO, 1994), no programa UniversIDADE também é visível a busca dos participantes pela ampliação do círculo de amizades. A coordenadora, Alice Helena de Danielli, ressalta que a "integração" e a "convivência" trazem um dos grandes benefícios do programa na vida das pessoas que participam:

> As pessoas estão recomeçando os relacionamentos, saindo daqueles momentos de solidão, tem pessoas que já criaram aí grupos de amigos, isso é bastante importante, então a gente percebeu que isso tem se tornado o grande antídoto do programa UniversIDADE, essa convivência, essa integração entre vocês (...). Eu sei que os três meses que vocês ficaram em casa sem aula, foi uma tortura para muitos de vocês, e que a ansiedade para estar aqui hoje também foi muito grande, então a gente gosta de ver toda essa integração.

O programa da UNICAMP também é inspirado nas leis criadas para as pessoas idosas, que apresentei no segundo capítulo. Conforme a descrição no *site*, o programa se inspira

no Estatuto do Idoso da Lei nº 10.741 de 10/10/2013; na Cartilha do Idoso – um livreto que explica em linguagem clara e direta os direitos individuais e sociais das pessoas idosas[39]; bem como nas propostas do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), e também na Lei Orgânica de Assistência Social do município de Campinas-SP. A resolução que institui o programa UniversIDADE é a "Resolução GR 038/14", publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo em 09/10/2014, que encontra em sua íntegra no Anexo 6.

As situações presentes na descrição do programa – "preparação do indivíduo em estágio pré-aposentadoria, aposentadoria e pós-aposentadoria" – são do ponto de vista dos promotores do programa, situações que exigem uma preparação específica e especializada. Desta forma, o programa UniversIDADE parece ser uma espécie de atividade curativa ou preventiva de um declínio físico e psicológico que pode ser combatido. Além de oferecer este conhecimento sobre como ser saudável e ativo na vida longeva, atuando nesta questão de prevenção e de promoção da saúde, o programa oferta muitas atividades recreativas e, como observei, um dos significados centrais do programa para as pessoas envolvidas é o da "convivência".

O programa UniversIDADE parece, então, se situar entre três modelos de programas voltados às pessoas idosas: (1) os programas de preparação para a aposentadoria, (2) os centros de vivência ou grupos de convivência dos idosos ou da terceira idade e (3) as universidades da terceira idade.

Os programas de preparação à aposentadoria (PPAs), analisados por Deborah Stucchi (2009, 1994)[40], são oferecidos por empresas, fundações, institutos e prefeituras aos trabalhadores mais velhos. Os PPAs, nessas instituições, são implantados pela área de recursos humanos e serviço social, ou, ainda, comprados de prestadores de serviços às empresas, destinando-se a trabalhadores que estão na fase final da carreira. Segunda a autora, estes programas se caracterizam pelo objetivo de transformar o significado da velhice de algo negativo em um momento potencialmente positivo. Como o programa UniversIDADE é voltado aos funcionários e ex-funcionários, e servidores e ex-servidores da UNICAMP, ou seja,

[39] "Trata-se de instrumento de cidadania realizado pelo Grupo de Atuação Especial de Proteção ao Idoso – GAEPI, e pelo Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça Cíveis, do Idoso e das Pessoas com Deficiência – CAO Cível, ambos do Ministério Público do Estado de São Paulo, com os Órgãos de atuação da Defensoria Pública". Disponível em: https://www.anadep.org.br/wtksite/cartilhaidoso.pdf Último acesso em: 18/10/2017.

[40] Em sua dissertação de mestrado, Stucchi analisa, principalmente, os PPAs de duas empresas: a Companhia Paulista de Força e Luz de Campinas-SP e a Refinaria de Paulínia-SP.

à “comunidade da UNICAMP”, e tem o objetivo de proporcionar “condições para a preparação do indivíduo em estágio pré-aposentadoria, aposentadoria e pós-aposentadoria”, pode-se dizer que esses aspectos o aproximam deste modelo dos programas de preparação à aposentadoria. Além de que, muito de seus participantes, seja aluno ou instrutor, são funcionários e funcionárias da UNICAMP.

Os centros de vivência ou grupos de convivência são programas que oferecem atividades recreativas, esportivas, que proporcionem lazer, para as pessoas idosas. Programas promovidos pelas prefeituras em muitas cidades no Brasil, assim como na cidade de Campinas, e também pela iniciativa privada como “grupos da terceira idade” em clubes privados, por exemplo. O programa UniversIDADE oferece várias atividades que também o aproximam deste modelo, dos centros de vivência ou grupos de convivência (do idoso ou da terceira idade).

E se constitui como um programa de universidade para a terceira idade que procura envolver os participantes no ensino universitário – os participantes podem solicitar matrícula em disciplinas regulares dos cursos de graduação e pós-graduação da universidade, na pesquisa universitária – como participantes voluntários em pesquisas que são desenvolvidas no programa por professores e alunos de graduação e pós-graduação, e é, propriamente, um programa de extensão universitária.

O programa se entrepõe entre os modelos citados, compartilhando seus objetivos, além de atuar, como foi dito, nesta questão de prevenção e promoção da saúde. Mas o aspecto central, que constatei, que foi bastante frisado, seria o da convivência. Portanto, é a universidade proporcionando através de um programa de extensão a convivência para pessoas acima de cinquenta anos e, ademais, o conhecimento, ou melhor, o “conhecimento com carinho” como disse o reitor.

Helena Sampaio (1991) analisa as transformações do ensino superior brasileiro e aponta que a legislação que busca modernizar o sistema universitário no Brasil, em 1968, define seu tríplice papel: ensino, pesquisa e extensão. Sobre a extensão universitária, Durham e Schwartzman (1992) definem:

> O termo ‘extensão’ engloba pelo menos três tipos distintos de atividades: as de treinamento profissional dos estudantes, sob a supervisão dos professores, através de hospitais universitários, colégios de aplicação, escritórios-modelo e mecanismos semelhantes; atividades assistenciais a setores menos favorecidos da comunidade, na forma de serviços ou experiências de ‘pesquisa ação’ realizados por professores, com eventual participação de estudantes; e os cursos de aperfeiçoamento e reciclagem, dados geralmente por professores e cobrados dos alunos ou seus empregadores. (DURHAM, SCHWARTZMAN, 1992, p. 8)

Esta ideia das múltiplas funções da universidade, das suas múltiplas demandas, vai ao encontro do sentido desenvolvido por Clark Kerr de “multiversidade” na obra “Os Usos da Universidade” (1982). A *multi*versidade, em vez de *uni*versidade, seria um reflexo do pluralismo da sociedade, isto é, com as mudanças na sociedade, a universidade também se transforma e se pluraliza.

Em sua análise, o ex-reitor da Universidade da Califórnia, mostra como a universidade que começou como uma comunidade singular, de mestres e estudantes, se transforma em uma série de comunidades e atividades interligadas sob um nome comum (KERR, 1982).

> A “Ideia de Universidade” era um povoado com seus padres. A “Ideia de Universidade Moderna” era uma cidade – uma cidade de uma indústria só – com sua oligarquia intelectual. A “Ideia de Multiversidade” é uma metrópole de infinita variedade” (KERR, 1982, p. 44).

Kerr (1982) argumenta que uma das justificativas da “moderna multiversidade” seria a coerência com a sociedade. O pluralismo que o autor define a multiversidade seria os vários propósitos, os vários centros de poder, e as várias clientelas que a universidade, no seu caso a americana a partir de 1960, começa a atender.

Longe da torre de marfim que se encarrega da formação de uma elite de profissionais e pesquisadores, a universidade atende a públicos distintos – internos e externos – que formam comunidades distintas e independentes entre si. O reitor, mais do que apresentar novos modelos de universidade e propor novos objetivos, é uma espécie de mediador de objetivos e interesses dos grupos variados que incluem graduação, pós-graduação, pesquisa pura, pesquisa aplicada, gerência de hospitais, parques tecnológicos, consultoria para governo e empresas, cursos de capacitação para trabalhadores, cursos à distância. Além de gerar

conhecimentos a universidade deve transmitir e divulgar esses conhecimentos por meio da editoria de livros e periódicos em várias áreas, como ocorre na UNICAMP. Com humor, Kerr considera que o único fator de unidade é o estacionamento, porque todos concordam que o número de vagas é muito limitado.

Esta mesma ideia poderia ser usada para interpretar os múltiplos papeis que a UNICAMP, uma universidade reconhecida internacionalmente por sua excelência na área do ensino e pesquisa[41], vem tentando cumprir neste caso da extensão universitária executando o programa UniversIDADE para atender pessoas acima de cinquenta anos, assim como inúmeras outras universidades que possuem o programa de universidade para a terceira idade.

Este pluralismo social que Kerr aponta com base no contexto estadunidense da segunda metade do século XX diz respeito ao avanço das questões democráticas na ampliação de direitos e suas garantias aos diversos grupos sociais que reivindicam por estarem marginalizados. O que faz parte de um movimento mais amplo, de nível internacional, de ampliação de direitos como é o caso dos direitos das pessoas idosas, conforme apresentado no capítulo dois. As universidades, neste contexto social, se transformam e se comprometem com as novas demandas sociais. Podemos, portanto, considerar os programas de universidade da terceira idade um exemplo deste compromisso por parte das universidades.

4.2 Envelhecimento bem-sucedido longe da depressão: a sociabilidade e o conhecimento como "antídoto"

Vários depoimentos apontam sobre "vencer uma depressão" a partir do ingresso no programa UniversIDADE. A coordenadora do programa, na abertura do primeiro semestre de 2017, fez um relato sobre as mudanças que a equipe observou nos participantes neste sentido:

> Uma coisa que a gente percebeu nesses dois anos de atividade que muitos alunos chegam aqui depressivos, solitários, carentes, muitos chegam aí pós-luto, marido morreu, esposa morreu, a pessoa está totalmente se sentindo sozinha, solitária, então ela vem em busca disso, de buscar companhia, e aqui

[41] Em 2018, a UNICAMP é apontada como a melhor universidade da América Latina pelo segundo ano consecutivo (pelo ranking *Times Higher Education*). Notícia disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/07/18/pelo-segundo-ano-unicamp-e-apontada-como-melhor-da-america-latina Último acesso em: 18/07/2018.

> ela encontra muito mais do que só buscar a companhia, ela consegue encontrar conhecimento, então ela aproveita dessa oportunidade pra isso, isso são reflexos de vivência, o que a gente vê a transformação na vida de muitos de vocês, muitos de vocês chegaram aqui cabisbaixos, tristes, hoje a gente olha pra vocês e vê o quanto a vida de vocês mudou, e mudou pra melhor. Então isso nos satisfaz muito.

A avaliação positiva das vantagens de estar na universidade no combate à depressão é reiterada pelas pessoas inscritas no programa. O entusiasmo com a atividade do coral é expresso de maneira muito sensível por Carmen num depoimento publicado no *site* da rede social *Facebook* em 2016, em um grupo criado se referindo ao programa – "Todos nós da UniversIdade", do qual fazem parte coordenadoras, instrutores e alunos. Ela comenta sua experiência no coral do programa UniversIDADE:

> Assim sou eu. Meu coração vive cantando o amor. A música é minha arte meu dom, princípio e fim de tudo. Nasci dentro dela e fui me apaixonando por ela a cada ano de minha vida. (...) E assim alegrei muitas reuniões da minha adolescência. Muita serenata, muito violão, muito alto astral. Saudades eu tenho de tudo isso tempo bom que não volta mais. Desde o ano passado revivo todos esses momentos quando tive oportunidade de voltar a cantar no coral da UniversIDADE. Além da música que corre no meu sangue foi ali que venci uma depressão... e conheci gente como eu. Gente que ama, gente que chora que ri, que desafina, que canta lindo, que fala demais, que é feliz, que encanta. Cada terça e quinta a gente vive uma história de fadas com príncipes e princesas sonhos coloridos que fazem nós vovôs e vovós sonharem com flores, chocolates, arco íris e reviver como eu as alegrias da minha juventude. Não importa de quem começou tudo isso mas é tudo tão verdadeiro que se tornou um tesouro, uma ligação para a vida toda. Valeu Daniel Duarte[42] por esse espaço. Uma amizade como essa que sinto por você por Léo, por Guga, Rebeca e Nina é um meio amor. E por você mestre Ângelo[43] que nos faz compartilhar todas as semanas um mundo de música e um coração unido por um arco íris colorido. Sabemos que estarão com seus rouxinóis não importa quanto o caminho seja difícil. Amo vocês!!!

Carmen realiza verbalmente o que os organizadores do UniversIDADE esperam que o programa proporcione aos participantes. Assim como Carmen, outros participantes também relatam "vencer uma depressão" após procurar o programa UniversIDADE.

[42] Mestrando no Instituto de Artes da Unicamp e instrutor das aulas do coral.
[43] Professor titular do Instituto de Artes da Unicamp, instrutor das aulas do coral e orientador do outro instrutor Daniel Duarte.

Ser um espaço que incentiva a sociabilidade está entre os objetivos dos programas e universidades da terceira idade, posto que a solidão tende a ser interpretada como um problema que afeta as pessoas idosas.

Em março de 2018, a *The Gerontological Society of America* – Sociedade Norte-Americana de Gerontologia – publicou um comunicado para a imprensa em que afirmava que o isolamento social é um problema de saúde pública[44]. Conectividade social e um engajamento social significativo, afirma o comunicado, devem ser promovidos como parte integral do envelhecimento saudável de acordo com as novas pesquisas apresentadas no último número do *Public Policy & Aging Report* (PP&AR). Essa publicação[45], da referida sociedade, aponta ainda as iniciativas que se forem replicadas prometem reduzir o isolamento dos idosos. O comunicado expõe que cerca de 8 milhões de pessoas, com 50 anos ou mais, não contam com apoio de amigos, da família ou da comunidade o que pode ser desastroso para sua saúde, posto que o isolamento social está relacionado com a alta pressão arterial, gripe e outras doenças infecciosas, um risco maior de doenças cardíacas e com o início precoce de demência.

A fala da psicóloga canadense, Susan Pinker, na conferência – TED Talk 2017 – com o título "*The secret to living longer may be your social life"*[46] explora esta questão do isolamento social como um problema de saúde pública de nosso tempo. Pinker traz dados de um estudo em uma vila na ilha italiana de Sardenha, onde há tantos homens superlongevos quanto mulheres. Nesta vila a quantidade de pessoas centenárias existente é dez vezes maior que na América do Norte e seis vezes maior que na própria Itália em seu território continental. Ela viaja até a ilha e verifica que uma das causas desta longevidade é que as pessoas que ali vivem, ao longo de toda a vida e também quando envelhecem, estão sempre cercadas por familiares, amigos, vizinhos e pessoas da comunidade em geral. Que elas nunca levam uma vida solitária. A estes dados Susan Pinker relaciona estudos da neurociência que evidenciam os benefícios que a integração social face a face traz e estudos que mostram que as amizades entre as pessoas criam um escudo biológico contra doenças e declínios. A autora estabelece, ainda, a seguinte hierarquia de condições que poderiam garantir a longevidade:

---

[44] Disponível em https://eurekalert.org/pub_releases/2018-03/tgso-gts031218.php Último acesso: 06/01/2019.
[45] *Public Policy & Aging Report*, Volume 27, Issue 2, 1 May 2017, Pages 41-43, disponível em https://doi.org/10.1093/ppar/prx010 Último acesso em 06/01/2019.
[46] Em português: "O segredo para uma vida longa pode estar na sua vida social". Disponível em: https://www.ted.com/talks/susan_pinker_the_secret_to_living_longer_may_be_your_social_life?language=pt-br Último acesso em 06/01/2019.

> Ar puro, que é ótimo, não prediz quanto vamos viver. Se tivermos nossa hipertensão sob controle é bom. Mas também não é um indicador forte. Podemos parar de sentir culpa por magreza ou sobrepeso [...]. Exercícios [...] também é apenas um indicador moderado. Se, após um problema cardíaco, estivermos nos recuperando e exercitando, começa a ganhar um valor mais alto agora. Vacinar-se contra a gripe. Vocês sabiam que a vacina contra a gripe nos protege mais do que fazer exercícios? Beber álcool e parar, ou beber moderadamente, não fumar, ou fumar e largar (são indicadores moderados). E indo para os indicadores mais altos estão duas características de nossa vida social. Primeiro, os relacionamentos próximos. Trata-se das pessoas a quem podemos pedir dinheiro emprestado se precisarmos de repente, que vão chamar um médico se estivermos passando mal, ou que vão nos levar para o hospital, ou que vão ficar conosco se tivermos uma crise existencial, se estivermos desesperados. Essas pessoas, esse pequeno grupo de pessoas, são fortes indicadores de quão longevos seremos, se as tivermos. E aqui algo que me surpreendeu, algo que se chama integração social. Isso se refere a quanto interagimos com as pessoas ao longo do dia. Com quantas pessoas conversamos? E tanto podem ser laços fracos quanto fortes, não apenas com pessoas próximas, importantes para nós, mas, tipo, o cara que trabalha no café. Conversamos com o carteiro? Conversamos com a mulher que passeia com o cachorro, e que vemos todos os dias? Jogamos bridge ou pôquer, frequentamos um clube do livro? Essas interações são os indicadores mais fortes de quanto vamos viver.[47]

Pinker conclui, a partir dos estudos citados por ela, que a interação social reforça o sistema imunológico, libera hormônios de bem-estar e nos ajuda a viver mais.

A "ideologia da terceira idade", que discuto no primeiro capítulo, produz novas imagens do envelhecimento e, de acordo com Debert (2012)

> a tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. (…) as idades não são mais marcadores pertinentes de comportamentos e estilos de vida. Uma parafernália de receitas, envolvendo técnicas de manutenção corporal, medicamentos e novas formas de lazer, é proposta, desestabilizando expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres mais velhos (p.14).

[47] Fala transcrita, disponível em: https://www.ted.com/talks/susan_pinker_the_secret_to_living_longer_may_be_your_social_life?language=pt-br Último acesso em 06/01/2019.

Do mesmo lado deste conjunto de valores expressos na ideia de "terceira idade" está uma certa ideologia de que um envelhecimento bem-sucedido é sinônimo do sujeito ser ativo, autônomo e independente na vida longeva. Por essa razão, de início a oposição entre holismo e individualismo e a noção de pessoa foram as ferramentas principais utilizadas para pensar a experiência social no programa UniversIDADE, conforme tento demonstrar a seguir.

4.2.1 Entre 'indivíduo' e 'família'

Por experiência social estou querendo dizer o modo como as pessoas organizam a experiência vivida na relação com outras pessoas, expresso no conceito 'noção de pessoa'. O conceito *noção de pessoa*, inicialmente trabalhado por Mauss (2003) em "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de 'eu'" (1938)[48], tem sua especificidade na organização da *experiência social*, como construção coletiva, que dá significado ao vivido (SEEGER et ali, 1979). É, como categoria do espírito humano, uma ideia que normalmente se acredita natural, inata; mas que se desenvolve ao longo dos séculos sendo flutuante, sempre passível de maior elaboração. Um conceito que os homens criam a seu respeito, que varia ao passar das épocas. Da *persona* latina; à pessoa cristã; *a* pessoa, ser psicológico; entre outras, Mauss (2003) mostra como essa noção muda ao longo dos séculos, demonstrando a não-universalidade da representação da espécie humana adotada pela civilização ocidental.

Duarte e Gomes (2008) mostram que há um terreno fartamente cultivado nas ciências sociais sobre a discussão do(s) estatuto(s) das pessoas, da construção social da pessoa, no campo comparado das culturas.

> Como têm sublinhado muitos autores, a cultura ocidental moderna repousa sobre um postulado cosmológico fundamental: a existência de "indivíduos" que compõem as "sociedades". Esses "indivíduos" ideais são caracterizados por uma autonomia primordial, garantida por uma série de atributos: o da "alma" individualmente criada e portada; o da "razão" naturalmente implantada em cada sujeito humano; o da "igualdade" que deve presidir a sua posição no mundo; o da "vontade" (ou "livre-arbítrio") que permite à razão se expressar numa agência particular; o da "propriedade" de si e das coisas do mundo; o da "interioridade" em que se espraia sua autoconsciência; o da "singularidade" que os torna insubstituíveis em relação a cada um de todos os demais seres humanos; e o da "criatividade" que lhes permite inventar a

[48] Texto extraído do *Journal of the Royal Anthropological Institute,* v.68, 1938, Londres.

> singularidade de suas "vidas individuais". Essas características ou dimensões não se combinam em todas as interpretações do fenômeno, muito pelo contrário (DUARTE; GOMES, 2008, p. 242-243).

Duarte e Gomes (2008) apontam que a experiência comparativa da antropologia permitiu relativizar esse postulado e interpretá-los à luz de modelos diferentes, que têm em comum a negação da universalidade da existência de "indivíduos".

Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (1979), em "A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras", afirmam que existem sociedades que constroem sistematicamente uma noção de indivíduo onde a vertente interna é exaltada (caso do Ocidente) e outras onde a ênfase recai na noção social, quando o indivíduo é tomado pelo seu lado coletivo: como instrumento de uma relação complementar com a realidade social. Segundo os autores, é isso que ocorre nas sociedades chamadas "tribais" e é aí que nasce a noção básica de "pessoa" conforme os mesmos a elaboram; os autores propõem assim *"*A noção de pessoa como categoria*"*. Como apontado por Mauss (2003), as variações na definição desta "categoria do espírito humano" são enormes, de sociedade para sociedade.[49]

Duarte e Gomes (2008) apontam o esforço de relativização da noção ocidental de "indivíduo", por meio de diferentes testemunhos históricos e etnográficos do fato de que

> as "pessoas" (ou agentes) socialmente pertinentes não são necessariamente seres humanos (ou, pelo menos, não o que a cultura ocidental entende como tal), nem, muito menos, seres humanos necessariamente delimitados pelo que Dumont chamou de "agente empírico" (DUARTE; GOMES, 2008, p. 244).

Na obra "Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações" (2008[1979]) Dumont distingue dois sentidos de *indivíduo*, que seriam: homem particular empírico e homem portador de valor. Dumont defende que o individualismo é um valor fundamental das sociedades modernas. Segundo o autor, a coexistência do individualismo e do seu oposto na ideologia[50] do nosso tempo se impõe com mais força, e defende que se a configuração individualista de ideias e valores é característica da modernidade, ela não lhe é coextensiva; coexistindo aspectos não individualistas como a permanência de elementos pré-modernos e mais ou menos gerais como a Família, entre outros. O próprio emprego dos valores

[49] Ver também Eduardo Viveiros de Castro "O conceito de sociedade em antropologia" (2000, 2002).
[50] Dumont (1985) entende ideologia como um sistema de ideias e valores que tem curso num dado meio social, aponta que a configuração da ideologia moderna é individualista, que toma o indivíduo como valor.

individualistas desencadeou, segundo Dumont (1985), uma dialética complexa que teve por resultado combinações em que eles se misturam sutilmente com seus opostos.

Dumont (1985) aponta que, no processo complexo de interação das culturas, ideias e valores individualistas da cultura dominante se propagam através do mundo, e sofrem localmente modificações que dão origens a novas formas, estas formas modificadas ou novas podem passar por sua vez para a cultura dominante e nela figuram como elementos modernos de pleno direito; dessa forma a ideologia moderna é uma combinação de elementos heterogêneos, "a absorção pelo individualismo de elementos estranhos e mais ou menos opostos tem por resultado uma intensificação, um recrudescimento em potência ideológica, das representações correspondentes" (DUMONT, 1985, p. 30).

A análise de Dumont (1985) busca desvendar, a partir da comparação com a Índia, um problema geral:

> Como, a partir do tipo geral das sociedades holistas, pôde desenvolver-se um novo tipo que contradizia fundamentalmente a concepção comum. Como foi possível essa transição estes dois universos antiéticos, essas duas ideologias inconciliáveis? (p. 37).

A análise do autor mostra que o artificialismo moderno só pode ser compreendido como uma consequência histórica longínqua do individualismo. O individualismo seria o sistema moderno que desloca a representação da totalidade para o indivíduo e ainda agencia a fragmentação do todo social em "domínios autônomos", como as instâncias política, econômica, ideológica, etc.[51]

Em que medida podemos pensar no programa UniversIDADE como um desdobramento próprio desta ideologia do individualismo tal como concebido por Dumont? Como mostram Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981), desde o momento em que o individualismo – e os correspondentes valores de liberdade e igualdade em oposição ao holismo e os correspondentes valores de hierarquia e complementaridade – se afirma como corpo de representações dominantes, está em processo uma contínua e incessante fragmentação e autonomização de esferas. Para essas autoras, o feminismo representaria o desdobramento da

[51] Viveiros de Castro e Araújo em "Romeu e Julieta e a Origem do Estado" (1977) mostram que a noção de amor está indissoluvelmente ligada à noção de indivíduo, onde a escolha, opção fora dos ou contra os grupos sociais é fundamental. Os autores argumentam que nesta passagem que o Ocidente sofre do modelo holista para o individualista, apontado por Dumont (1985), acontece também a autonomização do domínio afetivo e a ligação deste com o surgimento de outros domínios.

ideologia individualista investido sobre a família, um dos domínios mais renitentes à destotalização.

No que diz respeito ao programa UniversIDADE, a "terceira idade" parecia expressar em outros termos a mesma ideologia individualista, investindo também contra a família.

A coordenadora, na abertura do programa em 2017, opõe a vida com os filhos à experiência no programa UniversIDADE e também mostra a ambiguidade presente na ideia de família:

> Nessa crise econômica que nós estamos vivendo, o que que acontece, para onde os filhos correm, alguém sabe me dizer, quando aperta lá na casa do filho, dos netos, para onde os filhos vão correr? Para casa da avó, o filho não tem condições de pagar o aluguel, para onde ele vai correr, na pensão da avó, na aposentadoria dos avós, dos pais, então além dele acarretar problema para sua própria vida ele acarreta problema ainda maior para vida dos avós, isso tudo vai caminhando para longevidade, são problemas que ele leva para vida longeva dele e para vida longeva dos pais e avós, então o objetivo do programa é trazer a comunidade para dentro da universidade, de forma a acolher essas pessoas, a promover estímulos, colocá-las num desenvolvimento social porque muitas pessoas chegam aqui solitárias apesar de ter família, tem muitas pessoas que se sentem solitárias, porque os filhos já tem sua vida própria, tem seus compromissos e de certa forma acabam deixando os pais com sua própria vida, e esse desenvolvimento social que acontece aqui dentro da universidade tem transformado muito a vida das pessoas.

A família traz problema, mas a ausência dela também traz, se deixa "os pais com sua própria vida", ficam solitários. Deste modo, o programa UniversIDADE, que cria uma "nova família", promove o desenvolvimento social que melhora a vida das pessoas.

Sol, participante do programa UniversIDADE, no depoimento abaixo resume o que considera ser o "conceito" do programa:

> O conceito é a gente viver a nossa vida, nós já criamos os filhos, nós já fizemos tudo pelos filhos, o viver o presente. Passado já foi, nós já fizemos, já conquistamos o passado. Já plantamos, já fizemos nosso alicerce, o alicerce dos nossos filhos. Agora nós temos que ver o presente. O futuro é amanhã. Hoje é hoje. Vamos viver hoje. Esse é o lema do projeto UniversIDADE. Vamos viver hoje, vamos nos ajudar. Você vê, eu já estou aqui no quarto semestre. Eu conheço todo mundo. Sou arroz de festa. Eu sou sincera, muito franca. Ao mesmo tempo que eu angariei muitos amigos eu também atraí muitos inimigos. Só que esses inimigos hoje dizem que são gratas a mim, que

> me veem como um espelho, que eu tenho vida própria, eu ganho um salário mínimo por mês, 880 reais. É minha aposentadoria. Aí ganho mais 880 pela viuvez, quer dizer, eu vivo com 1600 reais por mês, eu não dependo de nenhum filho.

Sol parece ser uma interlocutora que compartilha alguns dos ideais e valores do programa UniversIDADE, de um envelhecimento ativo com independência, autonomia e liberdade; os ideais do indivíduo como valor, como proposto por Dumont (1985), e a ideia da independência das relações de parentesco. Ela contou que desde que se casou com dezenove anos se afastou de seus pais, pois o pai não foi favorável ao seu casamento. E só após sua aposentadoria é que ela voltou a interagir mais com eles, que após o falecimento de seu pai, Sol disse que ficou quatro meses morando com a mãe e, segundo ela, "chegou num ponto que eu achei que eu estava sendo tosada da minha liberdade (...), então eu falei: não, eu tenho uma vida própria", outra situação em que aparece a condição individualizada, do valor da liberdade.

As considerações de Cora, que participou na oficina Confraria dos/as Avós acompanhada de seu marido João, mostra que eles não compartilham dos papeis tradicionais de gênero, em que o homem trabalha fora de casa para prover a família enquanto que a mulher realiza os trabalhos domésticos e de cuidado com a família. Com a aposentadoria de João e o avanço da idade dos dois, ambos têm a preocupação de manter a independência do casal e principalmente que o marido consiga também realizar os trabalhos domésticos sem depender dela ou de outra mulher. Cora afirma, com a aparente concordância do marido que:

> Você tem que saber cuidar de si mesmo, e se fizer escolha, fazer escolhas boas, sabe? Porque eu quero o bem dele, então, saber fazer escolhas boas, até de uma outra mulher que se eu for primeiro, tem que saber, escolha uma boa companheira, mas não assim por dependência, de acomodado, 'quero alguém que cuide de mim'. Não! Você tem que saber se cuidar, não é mesmo? Se não você não é uma pessoa livre. E eu acho que é muito importante isso. (...) Ser independente, ser livre. Ser independente nesses aspectos, porque de uma certa forma a gente sempre é meio dependente. Mas, para a sua vida, ser livre, uma pessoa livre, que faz escolhas, boas escolhas, para poder continuar vivendo legal.

O depoimento enfatiza os valores individualistas, de liberdade, autonomia e independência, e Cora questiona ainda o fato de alguns casos as avós dedicarem sua vida exclusivamente aos cuidados dos netos, ela diz, mostrando, novamente, uma situação de condição individualizada:

> Eu não acho muito saudável, porque nós na idade que nós estamos também temos também as nossas necessidades, a gente está viva ainda, então a gente precisa também cuidar-se. E tocar nossa vida porque afinal a gente não vive só para os netos. Os netos são parte da sua vida, são muito importantes, adoro, entendeu? Mas não são toda a minha vida, eu tenho marido, tenho grupo de amigos, tenho outros grupos que a gente tem outras obrigações. A gente quer ter lazer também, um tempo de descanso. A gente está numa idade que não está mais preso no trabalho, então a gente gosta de viajar.

Da mesma forma, Beatriz, que era funcionária terceirizada da UNICAMP, participou também da oficina Confraria dos/as Avós, no depoimento abaixo aponta para o interesse de estar fora de casa:

> Eu, quando eu ficava só dentro de casa, eu, meu deus do céu, eu ficava tão triste, tão sozinha, porque meu marido é que nem um cavalo xucro, dá coice para todo lado, está com 78 anos, está velho, já está caducando. Mas gente, eu ficava lá dentro de casa só no fogão, só no tanque, só na cama. Comecei a vir para cá, você sabe que eu melhorei cem por cento, porque conversa com um, conversa com outro e às vezes pede opinião, às vezes a gente mesmo conversa entre colega.

Um outro depoimento sobre a importância da convivência e do afeto para as participantes, é o da Raquel que fala o que acha do programa, exprimindo com emoção que os objetivos da UniversIDADE podem ser concretizados:

> Isso aqui é uma coisa maravilhosa, isso aqui é uma continuação da vida. Eu não sei, o idoso, se todos forem como eu, tem o coração muito cheio de amor, e aqui você extravasa, você abraça um, abraça outro, a gente tem muitos amigos aqui, isso no fim da vida é maravilhoso viu.

Isso não quer dizer que o conhecimento tenha um valor secundário do ponto de vista das participantes do programa. Beatriz disse que é muito ativa e que gosta de trabalhar a tal ponto que explica que só está na UniversIDADE porque a coordenadora ficou insistindo para que ela continuasse participando "e eu quero sair (do programa) e a Leninha (coordenadora) não deixa. Eu vou sair porque eu tenho que fazer isso, eu tenho que fazer aquilo…" diz, mas estar na universidade também "é bom porque conversa, distrai, e eu que falo demais, falo com um, falo com outro, é bom, é bom", ela diz. O aprendizado é valorizado, pois

após participar de uma oficina sobre alimentação, ela contou que não precisou mais tomar mais "o remédio de pressão":

> Ela (a professora) explica direitinho o alimento que faz bem, o alimento que não faz. Ela explica direitinho. Aí eu falei, eu tenho o aparelho de pressão, eu vejo a minha, eu vejo a dos outros. Aí eu falei: espera aí, mas se a gente fizer assim conforme ela está explicando, vamos ver o que que vai virar. E não precisou mais.

O mesmo pode ser observado no depoimento de Maria Gema, que aponta valores que poderiam ser identificados com o individualismo na sua relação com o conhecimento, ou em suas palavras de "ter uma vida produtiva" de "poder aprender e crescer":

> Trabalhei durante quarenta e sete anos cuidando de uma pessoa especial que amava como filha, seu nome era Kika, quando ela faleceu há três anos, fiquei perdida. Foi minha cunhada que falou da UniversIDADE e me inscrevi em 2015, comecei a participar e conheci novos amigos, hoje faço roda de conversa, já fiz dança, ginástica, participei da biblioteca de leitura, faço computação, participo de palestras e várias atividades. O que tiver para fazer, faço com muita alegria. Esse programa faz parte da minha vida, agradeço a Deus todos os dias por ter encontrado muitos amigos maravilhosos, que ajudaram a ter uma vida produtiva, na qual eu posso aprender e crescer todos os dias (...).

"Preencher o vazio", fazer amigos e o conhecimento também é valorizado por Maria Lúcia:

> A partir do momento que entrei no Programa UniverIDADE, minha vida mudou completamente, conheci pessoas, fiz muitos amigos, muitas atividades como: ginástica, coral, bordados, espanhol, alimentos saudáveis, e muitos outros cursos. Passei a preencher todo o vazio e insatisfação, hoje sou uma pessoa muito mais feliz e alegre, pelas amizades e vasto conhecimento que adquiri ao longo desses dois anos, só tenho a agradecer a UNICAMP e ao PROGRAMA UniversIDADE.

Esta valorização da interação, que muitos participantes consideram um "enriquecimento" pode ser percebida em vários depoimentos em que o saber e os conhecimentos que a universidade proporciona são valorizados.

> Minha história no Programa UniversIDADE começou em janeiro de 2016, estava toda atarefada com os preparativos do noivado de minha filha, vi uma mensagem no *Facebook* de uma amiga minha alertando a irmã dela para a abertura das inscrições. Nunca havia ouvido falar nada sobre isso e nunca havia pensado em voltar às salas de aula, mas aquela mensagem chamou minha atenção como que mágica. Não deu nem tempo de consultar nem comunicar a família sobre minha nova condição de universitária. Me joguei. Entrei com tudo e hoje posso dizer que sou muito feliz por ter muitos amigos novos e muito mais conhecimento e disposição para aprender cada vez mais sobre como viver bem! – Lu

Lu expressa sua "nova condição universitária" e que se tornou "muito feliz" por fazer novos amigos e ter conhecimento e "disposição para aprender mais". A valorização de estar na UNICAMP também pode ser observada no depoimento de Sueli que "realiza um sonho":

> Sou muito feliz por estar no programa, conheci através de uma amiga, posso aprender, preencher e compartilhar. Realizei um sonho que era estudar na UNICAMP, espero que esse projeto se mantenha por muito tempo e sirva para manter em atividade das pessoas idosas e aposentadas.

Doraci, funcionária da UNICAMP, soube do programa através de sua caixa de *e-mails* institucional. Ela também expressa a realização de um sonho ao participar do programa UniversIDADE:

> Trabalho no Caism[52] há 23 anos. Depois de 18 (anos) na UTI de prematuros (neonatologia), desenvolvi pânico e vivia tímida com medo de novos rumos e novas amizades. Conheci o programa no *e-mail* que recebi do Caism. Depois encontrei a Bel[53] perto do restaurante do HC (Hospital das Clínicas da UNICAMP), já a conhecia há um tempo, ela me falou que estaria na implantação do programa e me incentivou a me inscrever. Me matriculei, escolhi algumas matérias que seriam úteis para meu serviço, negociei horários com a chefia. Cheguei tímida como caloura do primeiro ano, finalmente o sonho da faculdade realizado, amei de primeira todas as reuniões, aulas, fiz amigos. Senti-me fazendo um *upgrade* no cérebro, aprendi coisas infindáveis, dancei no grupo do professor Henrique. Foi um ano incrível, mestres admiráveis, com tanta paciência e calma que enternece a alma, nos valorizando e incluindo no mundo digital, e outras matérias com muita informação. São inesquecíveis. No ano seguinte, no dia da matrícula, meu filho estava internado na enfermaria de Hemato no HC. Perdi o ano cuidando de meu filho. Mas recebi um imenso apoio dos amigos que fiz na

[52] Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher da UNICAMP.
[53] Isabel Cristina, coordenadora associada do programa UniversIDADE.

> UniversIDADE, da Bel e da Leninha (coordenadoras). Tentei voltar no segundo semestre do ano passado, mas aí, era eu quem estava doente. Por todo estresse passado com a doença de meu filho e minha caçula fazendo tratamento na mama, com risco de tumor maligno, não consegui acompanhar as aulas, com o apoio dos amigos e da Bel consegui me restabelecer, me tratar, e voltei nesse semestre em algumas aulas. Recebo todo apoio de professores, amigos antigos e novos. Agora meus filhos estão bem, meu filho sendo tratado no hemocentro, com medicação de ponta, minha filha operou e não tem mais nada e eu em ampla recuperação recebendo alta de alguns médicos. E tenho o melhor remédio possível para uma pessoa sênior: a UniverIDADE.

> Desde o primeiro momento que soube da existência do programa UniversIDADE, vi ali uma grande oportunidade de me socializar, era tudo o que eu procurava no momento, me inscrevi em várias oficinas: espanhol, exercícios de alongamento e fortalecimento, yoga, dança, autoconhecimento, físico mental, e espiritual e ótimas palestras. Muito está sendo acrescentado em minha vida, desde então, me sinto feliz, o meu tempo sendo útil. Em paralelo, tive grande realização com trabalho voluntário e o grande grupo de amigos que hoje tenho. Todos os dias, recebo e dou abraços e beijos, vejo gente sorrindo, agradecidas pela vida. Aprendo um pouco mais a cada encontro. Só tenho a agradecer, esta equipe de seres humanos que se dedicam de corpo e alma para manter vivo este tão importante programa da UniversIDADE UNICAMP. – Regina

O programa UniversIDADE é um sucesso porque fornece conhecimentos e amizades sendo uma espécie de antídoto contra a depressão e o isolamento.

Mas trata-se inclusive de preservar a noção de família, definindo UniversIDADE enquanto tal. É nesses termos que a coordenadora do programa expressou o interesse da UniversIDADE na apresentação do início do semestre em 2016 quando afirmou: "nós estamos criando uma família". Uma família que é capaz de propiciar conhecimento além da saúde, da qualidade de vida e da longevidade, também o combate à depressão e ao isolamento.

A visão do programa UniversIDADE como uma nova família exige uma reflexão sobre a complexidade do individualismo nas sociedades contemporâneas, levando em conta as considerações de Duarte (1986 e 1987) sobre a difusão diferencial da ideologia do individualismo.[54]

[54] Duarte e Gomes (2008) desenvolvem o conceito de "auto-afirmação", que consiste em diversos processos de assunção de uma agência própria, pessoal, com algum componente, mais ou menos intenso, de afastamento do englobamento originário. Pensar "auto-afirmação" nas classes populares só faz sentido, defendem, "situacionalmente", do ponto de vista de uma construção comparativa experimental localizada, tentativa e aproximativa. E que essas "situações" se superpõem na designação do "individualismo" como critério de fronteira. Por exemplo, Duarte (1986) analisa que a cultura das "classes trabalhadoras urbanas" como "hierárquica", "holista", "não individualista", não é universal, mas uma situação do discurso e da comparação. Conferir também Foucault (1977, 1984a e b, 1987), Elias (1994), Strathern (1992), Simondon (2005), Renault (1998).

4.2.2 Entre indivíduo e sociedade: o programa UniversIDADE como congregação

Luiz Fernando Dias Duarte (2006) no texto "Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação" afirma que a história das instituições religiosas no mundo ocidental moderno e também as práticas públicas e privadas dependem de um complexo nó de ênfases nestes três termos: indivíduo, família e congregação. Estas ênfases decorrem de características gerais das dinâmicas das sociedades modernas, "que se tencionam entre as implicações práticas da hegemonia ideológica do individualismo e a necessária preservação das condições coletivas, comunitárias ou associativas, da vida social" (DUARTE, 2006, p. 51).

Segundo o autor, há uma disposição diferencial para se adequar a alguma das possíveis combinações entre estes três termos e que isso corresponde "a uma fórmula de equacionamento do *ethos* privado de cada sujeito social, no quadro complexo e conturbado das alternativas de construção de si existentes nas sociedades ocidentais modernas" (DUARTE, 2006, p. 52-52)[55]. Impõe-se "aos sujeitos de nossas sociedades combinações concomitantes ou alternativas entre a ênfase em sua autonomia individual e seu englobamento ativo na 'família'" (p. 52).

> Trata-se de questão extremamente complexa, dadas as sutilezas empíricas da transposição – sempre parcial, tendencial – da ideologia do individualismo para a prática concreta da construção da pessoa nas sociedades modernas. Entre as muitas dimensões a levar em conta, avulta a contraposição ou tensão com as instituições da 'família' e do que chamo aqui de 'congregação' (para expressar prioritariamente o sentimento de pertencimento a um agregado social, cuja coesão se afirma por algum tipo de referência 'religiosa'). Tanto uma instituição quanto a outra são partícipes da ambiguidade constitutiva de toda 'coletividade' no mundo individualista: são representadas oficialmente como 'associações', ou seja, como conjuntos de relações adquiridas entre sujeitos (a 'família' apresenta problemas e desafios até nesse nível), mas vivenciadas como 'comunidades', ou seja, como conjuntos dados *a priori*,

[55] Gilberto Velho (1981) ao juntar a problemática de Dumont e a de Schutz afirma que ao perguntar quem é o *sujeito* do projeto "pode haver forte variação quanto à ênfase e preocupação que é dedicada às peculiaridades, gostos, preferências, traços particulares dos agentes empíricos. Isso se associa não só a uma *visão de mundo* (ou um *eidos*) em que a noção de biografia é central, com uma concepção de tempo bastante definida mas também a um *ethos*, um *estilo de vida*, uma *organização das emoções* (ver Bateson, 1958 e Geertz, 1978) em que a experiência do agente empírico sacralizada como individual é foco e referência básica" (p. 26).

> independentes da ou superiores à ‘opção individual’ (DUARTE, 2006, p. 54-55).

Duarte (2006) mostra que ‘família’ e ‘congregação’ são vistas como instâncias intermediárias entre os indivíduos e a sociedade (na condição de ente englobante) e que precisam ser analisadas à luz do processo histórico de concepção e institucionalização do que se pode chamar de ‘ordem pública’ e os seus múltiplos derivados. O autor afirma que toda cultura tem demarcações que diferenciam domínios próprios a certas dimensões da vida social,

> a nossa insiste estruturalmente na fronteira que separa a circulação social dos ‘cidadãos’, ou seja, dos partícipes do contrato social que garante a vida coletiva, dita justamente ‘pública’, da circulação (...) dos sujeitos individuais nas esferas indiferentes à garantia da vida coletiva, que serão chamadas de ‘privadas’ (DUARTE, 2006, p. 55).

Sobre ‘congregação’, Duarte (2006) afirma que o fato de se tratar de uma dimensão inevitável da vida nas sociedades modernas em suas versões laicas e religiosas é fundamental para compreender os mecanismos de pertencimento contemporâneo do indivíduo. Segundo o autor, os sujeitos de nossa sociedade não podem deixar de pertencer – sucessiva ou concomitantemente – a diversas dessas congregações ao longo de suas vidas. Defende ainda que é fundamental entender que os modos e vias do pertencimento congregacional estão estreitamente relacionados à experiência da ‘família’, especialmente da ‘origem’, e aos modos de emergência e consolidação de um sentido de personalidade individual, com a presença dos parâmetros da ideologia do individualismo, o que ocasiona afinidades eletivas com certos tipos de pertencimento em detrimento de outros.

4.3 Família e UniversIDADE

Vimos que para uma parte das interlocutoras inscritas no programa, estar na universidade é privilegiar valores em sintonia com o individualismo. Contudo, é surpreendente o fato de que a tensão identificada entre valores contrapostos do individualismo e da vida familiar pareceu ter sido solucionada por boa parte dos alunos quando reiteram, com um certo

orgulho, que estar na universidade foi uma sugestão ou mesmo uma exigência dos membros mais jovens da família, sobretudo, dos filhos e filhas.

Suzu, que participou da oficina Confraria dos/as Avós em 2016, disse que havia se tornado viúva recentemente, “fiquei triste, fiquei depressiva, porque meu marido foi embora”. Após a morte de seu marido sua filha, genro e o neto recém-nascido foram morar com ela e são eles que insistem para ela fazer atividades fora de casa. Ela disse que faz atividade de Tai Chi Chuan no SESC-Campinas, além das atividades no programa UniversIDADE. Suzu contou que seu genro que insistiu para que ela se matriculasse no programa. Ela sempre trabalhou como cabeleireira e disse que sentiu dificuldade ao ter que se “aposentar”, inclusive foi por isto que o genro insistiu para ela fazer atividades, “para esquecer de cabeleireira” disse ela e completou:

> Foi uma mudança tão grande que eu não queria desgrudar do cabelo, gosto muito, falei: ‘nossa, tenho que mudar da rotina’, porque você levanta com o cabelo, freguesa, tudo, não, “agora você curte mesmo, vai viajar, vai fazer coisa diferente” (diz seu genro), então eu estou fazendo.

Ela que é descendente de japoneses disse que sua filha e o genro programaram uma viagem para ela ao Japão, ela foi e ficou quarenta e cinco dias por lá, e que já está se adaptando a não trabalhar mais, que o seu salão, que era na sua própria casa, já virou lavanderia e que “mandou tudo embora” do salão. “E estou achando coisa boa, porque a gente tem direito, de curtir a vida no fim, já fui avó, já cuidamos de todos” disse.

Assim como Suzu, outras participantes também disseram que conheceram o programa UniversIDADE por causa dos filhos e que por insistência deles é que se inscreveram no programa. A participante Lin disse que suas filhas e a neta que insistiram para ela sair e ter atividades fora de casa.

Lin também participou da Confraria dos/as Avós em 2016 e, como a colega Suzu, havia se tornado viúva recentemente, pouco antes de entrar no programa UniversIDADE. Lin mora em Campinas com sua filha mais velha, disse que sente falta da outra filha e netos que moram em São Paulo, que quando seu marido era vivo e os netos mais novos, a filha a visitava com maior frequência, e que agora “a casa ficou sem barulho” ela diz. Após o falecimento de seu marido ela disse que ficou com “muita depressão, triste” e que sua neta ligava para ela todo dia pedindo para ir ao médico e sair de casa, e que aí suas filhas fizeram sua inscrição no programa UniversIDADE, pedindo para ela ir estudar.

> Eu falei: 'Filha, eu já tenho 73, quem fica estudando é jovem.'. 'Não, mãe, estudar não tem idade' (diz a filha). Eu falei: 'Ai, será que eu tenho capacidade? Porque memória já… começa a enfraquecer'. Mas daí ela fez (inscrição) em um monte, um monte, eu até confundi a data, o horário. Uma confusão danada. Mas depois eu comecei a organizar direitinho então eu participei de todas as aulas, e eu gostei. – Lin

A filha de Lin também a inscreveu em aulas de pilates e hidroginástica e insiste para ela sair e ir ao cinema.

Lúcia, que participou no encontro da Confraria dos/as Avós, tem 53 anos e é casada, seu marido, que é um ano mais velho, é engenheiro e empresário. Ela disse que suas duas filhas cobram que ela tenha atividades e que priorize suas atividades em detrimento de possíveis favores no cuidado com os netos. Ela também faz aula de balé e disse que a filha não aceita que ela falte da aula para poder ficar com a neta. Para Lúcia a explicação disso seria que:

> Acho que elas gostam muito de mim. Elas estão me protegendo, de repente, para que eu tenha minhas atividades. Assim, que eu não me anule, não cancele minha vida, o que eu gosto de fazer.

"Que eu não me anule" e "não cancele minha vida" pode-se dizer o mesmo sentido de Sol, de "ter vida própria", ou seja, a condição individualizada, de se libertar e não viver exclusivamente em função da família, que é, também, uma exigência dos filhos.

Lúcia soube do programa UniversIDADE em seu condomínio residencial e resolveu se inscrever. Ela contou que antes tinha uma loja no *shopping* Parque Dom Pedro em Campinas, durante oito anos, e comentou sobre as mudanças após decidir fechar o comércio:

> Eu não fazia nada, eu vivia em função da minha loja. E quando eu parei (...) a casa da gente, grande, com os filhos, daí vai todo mundo embora e ficou só eu e meu marido. Ai que susto! Porque você fica com a pessoa... Daí ele ia para o escritório, ele ficava no computador, eu ficava assistindo televisão. De repente você encontra com a pessoa, perde o ponto de ligação que são os filhos. Eu estava me sentindo um pouco assim. Aí quando veio os netos daí volta tudo de novo. A integração na casa tem que ser total, porque precisa. Daí quando ela (sua vizinha) falou (do programa UniversIDADE) eu pensei será que eu vou, será que eu não vou. E minha netinha já ia para a escolinha, eu só tinha ela. Aí foi o semestre que eu assim fiz mais atividades.

Assim que Lúcia deixou a loja sua filha engravidou e ela pôde ajudar a cuidar da neta recém-nascida. Quando a neta vai para a escola, Lúcia resolve participar do programa UniversIDADE.

Obviamente o programa UniversIDADE não é uma igreja, conforme o conceito de congregação (DUARTE, 2006) na sua versão religiosa, mas poderíamos entendê-lo na versão laica do conceito de congregação. Sendo a universidade, imagem do saber científico, que valoriza a participação. Mas, como disse o reitor, é "um conhecimento com carinho", e é a solidariedade, o afeto e a convivência que fazem o sucesso desta experiência.

A tensão entre as implicações práticas da hegemonia do individualismo e dos ideais da terceira idade e o interesse na preservação das relações de complementaridade parece ter sido solucionada por boa parte das interlocutoras quando reiteram que é a família, o amor dos familiares que exige sua participação no programa UniversIDADE. Boa parte das participantes conciliam assim valores em tensão e expressam com satisfação os benefícios que a participação no programa proporciona.

Não temos dados mais específicos sobre a evasão, mas pudemos observar que menos da metade dos inscritos na oficina que propomos compareceram aos encontros[56], mesmo assim estar na universidade é verbalizado como o antídoto contra a depressão. O que explicaria essa "mágica"?

Talvez essa não seja a chave explicativa, mas ao falar de magia, não se pode deixar de lembrar de Lévi-Strauss em "O feiticeiro e sua magia" (2008 [1949]) e da noção de eficácia simbólica. A eficácia de certas práticas mágicas, como explica o autor, implica a crença na magia que se dá a partir de três aspectos complementares: a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas, a crença do doente que ele trata ou da vítima que ele persegue no poder do próprio feiticeiro e, por fim, a confiança e exigências da opinião coletiva. A cura xamânica seria fundada nesta tripla experiência: a do xamã, a do doente e a do público. Elementos que são indissociáveis e estão dispostos ao redor de dois polos – a experiência do xamã e o consenso coletivo. No programa UniversIDADE, a coordenadora afirma, reitor afirma, participantes e instrutores reiteram, com inúmeros exemplos, as benéficas transformações operadas, seus familiares são incisivos em enumerar as vantagens e também gerontólogos e geriatras dão o aval científico à importância da conectividade social e um engajamento social significativo para um envelhecimento bem-sucedido. Não foi a intenção deste trabalho realizar uma análise

[56] Como apontado no terceiro capítulo.

estrutural das transformações benéficas comparando-as à cura xamânica, mas percebe-se o polo coletivo, deste consenso social, sobre as melhorias que o programa traz na vida dos participantes.

Tratar da velhice nesse contexto é expor os riscos envolvidos nesta situação, particularmente na experiência da aposentadoria, tida como uma situação que necessita de um preparo especial para impedir os sofrimentos que o programa UniversIDADE se propõe a combater. Há um acordo entre professores, instrutores e também entre os participantes na consideração de que o envelhecimento pode levar ao isolamento, à depressão e à dependência da família. São esses os males que em uníssono os promotores do programa consideram ser possível evitar, reiterando a visão de que essa pode ser uma fase privilegiada da vida para a aquisição de novos conhecimentos e para a criação de novas amizades e de novas formas de família, sem os contratempos e as demandas das famílias consanguíneas.

Se como afirma Elias (2001) a velhice é um segredo desagradável, que não queremos conhecer e para a qual encontramos formas cada vez mais sofisticadas de negar a existência, é essa desordem que o programa UniversIDADE ordena com fervor, dando afetivamente e intelectualmente um novo sentido à experiência de envelhecimento. Não se trata de dizer se essas representações são falsas ou verdadeiras, mas é, certamente, um sentido muito mais gratificante para essa experiência tão carente de significados.

As alunas que participam ativamente das atividades programadas e que entrevistei não apenas adotam essas concepções tidas como autorizadas da velhice, porque são reiteradas pelos docentes e pesquisadores da UNICAMP, mas também as corroboram, encarnando, como uma espécie de provas vividas, a velhice bem-sucedida.

Nesse sentido o programa UniversIDADE da UNICAMP é, indubitavelmente, um sucesso, pois todos concordam que o programa melhora a vida das pessoas, cria uma “nova família” e possibilita um “conhecimento com carinho” para quem já tem mais de cinquenta anos. Nas conversas com as alunas que aceitaram ser entrevistadas pude perceber a eficácia destas concepções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo aqui realizado podemos constatar que o programa UniversIDADE, criado em 2015 na UNICAMP, insere-se num contexto mais amplo de políticas sociais voltadas ao segmento mais velho da população e inspira-se em leis que buscam ampliar os direitos das pessoas idosas a partir das últimas décadas do século XX. Os programas para a terceira idade, que surgem neste contexto, indicam mudanças na sensibilidade em relação à velhice. A ideia do envelhecimento associada às perdas contínuas nesta etapa da vida pode ser revista e passar a ser associada a um momento de buscar novos projetos de vida, de se interessar pelo aprendizado de novos conhecimentos e pela realização de novas amizades que o programa UniversIDADE pode oferecer.

A intenção aqui não foi isolar o programa UniversIDADE e tê-lo como uma unidade independente e autocontida, como alerta Velho (1981) sobre o risco de se analisar grupos em sociedades ditas complexas. Mas, investigar de perto para compreender os significados e sentidos do programa para as pessoas envolvidas.

Com essa finalidade procurei compreender as representações sobre a velhice e as formas de gerir o envelhecimento presentes no programa UniversIDADE da UNICAMP. Observei eventos e atividades, realizando conversas informais com participantes e ainda propondo, como estratégia de pesquisa uma oficina com a participação de pessoas inscritas no programa.

Como muitos autores das ciências sociais já apontaram, o envelhecimento humano é um processo de múltiplos e complexos aspectos, que envolve uma inseparabilidade de processos fisiológicos e experiências sociais. As divisões entre as idades são construções que podem variar de sociedade para sociedade e ao longo da história. O interesse do primeiro capítulo foi recuperar de maneira sintética essas reflexões, particularmente o modo como se deu a criação de um novo período da vida expresso na categoria "terceira idade" que orientou a criação de programas e atividades específicas voltadas ao público idoso.

No item "Entre natureza e cultura: envelhecimento como um processo social e seus limites fisiológicos" do primeiro capítulo**,** procurei mostrar que refletir sobre os cursos da vida nos leva às diferentes experiências e formas de representar as fases da vida e o desafio da pesquisa antropológica é justamente mostrar a força do investimento cultural nos processos tidos como biológicos (DEBERT, 2000; GOLDENBERG, 2011; LIMA, 1999; LINS DE

BARROS, 2009; PEIXOTO, 1997). No item sobre "A gerontologia e o problema social da velhice" retomo a ideia de que nas sociedades modernas, a velhice começa a ser tratada como um problema social, sendo criada no início do século XX, inclusive, áreas de saber científico específicas sobre ela, a Gerontologia e a Geriatria. Nos primeiros estudos inspirados na Gerontologia são associadas à esta etapa da vida imagens negativas, como a decadência física e ausência de papeis sociais. O que foi fundamental para legitimar direitos sociais como a universalização da aposentadoria (SIMÕES, 2000) e criar estes novos sujeitos de direitos, 'o aposentado' e 'o idoso'.

Ainda nesse primeiro capítulo, no item "Os programas para a terceira idade e a reprivatização da velhice", retomo a consideração de que a criação da "terceira idade" indica uma nova sensibilidade investida nas etapas mais avançada da vida, posto que se associa a esta condição um momento para se ter lazer, férias e serviços de saúde, buscando reverter a ideia da condição de solidão e marginalidade das pessoas mais velhas, contexto esse em que há uma ampliação das camadas médias assalariadas (GUILLEMARD, 1986). Inventa-se a ideia da "terceira idade" para justamente negar o envelhecimento (LÉNOIR, 1979). Novos signos se associam a esta ideia, desta etapa da vida, que passa a ser vista como momento para o exercício de novas atividade e de satisfação e realização pessoal.

A partir de 1960, diversos programas imbuídos da ideia de 'terceira idade' são criados para atender as pessoas idosas, o que pode ser entendido como resultado da socialização crescente da gestão do envelhecimento (DEBERT, 2000). A reprivatização da velhice seria que, graças à visibilidade destas novas experiências com o apoio da mídia, as situações de dependência funcional e os problemas ligados à velhice passam a ser tratados como um problema de quem não é ativo, tornando os problemas da velhice como que uma responsabilidade individual (DEBERT, 2012).

No segundo capítulo, "Os novos sujeitos de direitos, envelhecimento bem-sucedido e os desafios de uma etnografia no programa UniversIDADE", procuro mostrar que os programas para a terceira idade indicam mudanças na sensibilidade em relação à velhice expressas em políticas sociais formuladas em planos internacionais, pelos Estados nacionais e por organizações não governamentais. De início apresento as molduras legais e políticas sociais do Estado brasileiro que tomam como alvo as pessoas idosas e mostro como os programas para a terceira idade estão pautados na ideia de promover um "envelhecimento bem-sucedido", inclusive os programas de universidade aberta à terceira idade.

A preocupação com a qualidade de vida no envelhecimento humano vem aumentando e se tornou pauta de diversos órgãos internacionais, como a Organização Mundial de Saúde e a Organização das Nações Unidas, que promovem planos de ação internacionais que são adotados por diferentes países. O documento da Assembleia Mundial de Viena promovida pela ONU em 1982, de um Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, marca o desenvolvimento de uma agenda de políticas públicas para a população idosa no contexto internacional. No Brasil, o artigo 230 da Constituição de 1988 já traz as pessoas idosas como sujeitos de direitos estabelecendo que é dever da família, da sociedade e do Estado ampará-las, "assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar". Em 1994, é implementada a lei 8.842 que institui a Política Nacional do Idoso enfatizando os direitos sociais das pessoas idosas e tornando-os pauta de diversas políticas públicas. Inclusive há um item referente à área de educação que regulamenta o apoio a criação de programas de "universidade aberta para a terceira idade" como parte das iniciativas que redefinem o que é envelhecer com dignidade.

Em 2002 o Brasil assina o Plano de Ação Internacional na II Assembleia Mundial do Envelhecimento promovida pela ONU em Madri. E em 2003, a lei 10.741 institui o "Estatuto do Idoso" no Brasil com o objetivo de regular os direitos assegurados às pessoas idosas. Neste contexto há um aumento significativo da variedade e número de inciativas voltadas ao público idoso, inclusive dos programas de universidade para a terceira idade que, como mostra Cachioni (2012), têm o objetivo de manter a educabilidade dos idosos, promover interações sociais e qualidade de vida.

É para as pesquisas e reflexões sobre os programas para a terceira idade e as universidade que os itens finais deste capítulo se voltam. O interesse é mostrar que essas análises – tanto as mais como as menos sofisticadas em termos metodológicos – são unânimes em mostrar que os programas investigados trazem melhorias na qualidade de vida, sociabilidade e até mesmo na saúde dos idosos que deles participam.

No terceiro capítulo –"UniversIDADE: um programa para a longevidade" – realizo uma descrição do modo como foi criado o programa na UNICAMP, quais são as atividades oferecidas e apresento o perfil sociológico dos alunos inscritos e dos instrutores, realçando o sucesso do empreendimento em especial para o corpo de funcionários das UNICAMP. O programa UniversIDADE está inserido no contexto de políticas sociais voltadas ao segmento mais velho da população e é inspirado pelas leis que buscam ampliar os direitos das pessoas idosas. O programa é visto pelo reitor que o instituiu como uma lacuna a ser preenchida na

UNICAMP, que “chegou atrasada”, ele diz, visto que muitas outras instituições de ensino superior brasileiras ofertam, desde o final do século passado e o início dos anos 2000, programas de universidade da terceira idade.

O programa foi idealizado pela funcionária de recursos humanos da reitoria, Alice Helena de Danielli, que coordenou o programa desde sua criação até abril de 2017. O grande número de pessoas inscritas no programa é um dos principais elementos que legitima o acerto da iniciativa. Descrevi as atividades oferecidas nas oficinas, palestras, eventos de abertura e seminários, que acontecem por todo o *campus* da UNICAMP no distrito de Barão Geraldo em Campinas em espaços cedidos pelas unidades.

Uma das principais características do programa é que todas as atividades ofertadas são realizadas por meio do voluntarismo, o que é valorizado pelos participantes, que muitas vezes também se voluntariam como instrutores em alguma atividade. As atividades, segundo a descrição do programa, estariam vinculando a “educação acadêmica à educação popular”. E como nas falas do reitor citadas no terceiro item deste capítulo “todo mundo aqui está ensinando e todo mundo aqui está aprendendo”, seria, segundo ele, um “ensino de troca”, um “ensino de convivência”.

No subitem – “A UniversIDADE dos funcionários da UNICAMP” – mostro que a maioria dos instrutores das atividades do segundo semestre de 2017 são funcionários da UNICAMP. O programa permite uma nova experiência para os funcionários transformando-os em instrutores encarregados de ensinar na UNICAMP.

Os alunos inscritos, como ocorre em outros programas deste tipo, são em sua maioria mulheres e, a partir dos dados dos inscritos do primeiro semestre de 2016, constatou-se uma grande heterogeneidade nos quesitos renda e escolaridade. Nestes dados, a maior parte dos inscritos tem entre 50 e 70 anos e um pouco mais da metade possui nível superior completo representando um público altamente escolarizado. Sobre à renda individual declarada pelos inscritos quase a metade diz ter a faixa salarial mais baixa, que neste questionário corresponde de um a três salários mínimos.

O quarto capítulo se volta para os significados do programa para o público envolvido, interessa particularmente mostrar como o envelhecimento, as relações com a família de origem e a convivência com os colegas são concebidos; e o modo como a universidade pode se constituir como “antídoto” contra a depressão entre outras doenças tidas como próprias do envelhecimento.

Mostrei que o programa é apresentado por seus promotores como um sucesso não apenas porque há um número crescente de inscritos, mas sobretudo porque, ao oferecer novos conhecimentos próprios da academia, redefine as relações com a família, oferece a possibilidade de novas relações combatendo o isolamento e a depressão que caracterizariam as condições dos velhos e velhas na nossa sociedade. Essas características que marcam o sucesso são constantemente reiteradas nos eventos de abertura, nas falas oficiais e nos depoimentos publicados em redes que citamos ao longo do capítulo.

"Depressão" é um termo presente em muitas das falas que registrei, fazendo parte do repertório de todos as pessoas envolvidas, termo esse que parece muitas vezes como sinônimo de tristeza e parece ser parte do senso comum entre os alunos participantes do programa que esse é um espaço em que relatos amargurados e de sofrimento não têm lugar, como ficou visível nas falas em grupo. Muitos participantes relataram ter superado depressão ao ingressar no programa UniversIDADE como mostro no item "Envelhecimento bem-sucedido longe da depressão: a sociabilidade e o conhecimento como "antídoto"". A sociabilidade possibilitada pelo programa é vista, pelos promotores e também participantes, como um "antídoto" ao problema da solidão e da depressão que podem afetar as pessoas mais velhas. O que vai ao encontro de estudos recentes, levantados pela psicóloga Susan Pinker, que apontam a conectividade social como um fator crucial para uma vida longeva e ao tema recente da Sociedade Norte-Americana de Gerontologia, sobre isolamento social, afirmando ser este um problema de saúde pública, como mostrei no capítulo.

A reiteração constante de que para se ter um envelhecimento bem-sucedido é preciso ser um sujeito ativo, autônomo, independente e livre nos levou também a refletir sobre a noção de pessoa (MAUSS, 2005) e sobre os valores do individualismo (DUMONT, 1985). No subitem "Entre 'indivíduo' e 'família'", busquei mostrar algumas situações de condição individualizada que apareceram nos depoimentos de minhas interlocutoras, particularmente quando criticam as relações na família ou demonstram que estão livres delas. Apontei situações em que esses valores são defendidos pelos promotores e participantes do programa UniversIDADE – como a importância de poder viver a própria vida, ser livre e independente, em oposição aos valores de hierarquia e complementariedade próprios do holismo. No entanto, a integração entre as pessoas que o programa possibilita, permitindo criar grupos de amigos, é chamada de uma "nova família" pela coordenadora e também por várias participantes.

Isto nos fez refletir sobre as ambiguidades dos valores que envolvem a 'família' e que convivem com os valores em torno do 'indivíduo'. Envelhecer com autonomia,

independência e liberdade é um ideal a ser atingido pelos participantes e o programa busca contribuir para isto. E ao mesmo tempo criar laços de amizade, uma "nova família", parece significar que esta nova interação social substitui a carência afetiva que viria da família de origem. Tensões que parecem estar resolvidas quando, em vários casos, as interlocutoras disseram que são os próprios familiares, em sua predominância os filhos, que estimulam a participação no programa UniversIDADE.

Interpretei também este sentimento de pertencimento possibilitado pelo programa como o que Duarte (2006) expressa através do conceito de congregação. Pelas características dinâmicas de nossa sociedade em que se tensionam implicações práticas da hegemonia ideológica do individualismo e a necessária preservação das condições coletivas da vida social, a congregação, em suas versões laicas e religiosas, seria uma dimensão inevitável da vida nas sociedades modernas (DUARTE, 2006).

O pressuposto que organiza o programa é que esta integração faz com que pessoas se curem de depressão, melhorem a saúde através das oficinas de atividade física e que "profilaxiem" os possíveis declínios do envelhecimento, obtendo conhecimentos de como ter hábitos alimentares saudáveis, de que cuidados preventivos com a saúde em geral os participantes podem ter, isto tudo através de diversas palestras e oficinas que o programa oferta.

O programa UniversIDADE permite, portanto, que a ideia do envelhecimento associada às perdas contínuas seja revista, associando esta etapa da vida a um momento de buscar novos projetos, de se interessar por novos conhecimentos e pela realização de novas amizades, que o programa pode oferecer de modo a garantir a longevidade e uma velhice bem-sucedida. Na pesquisa aqui realizada verifica-se que a comunidade científica afirma, promotores do programa afirmam, familiares reiteram e participantes se preparam para vivenciarem um envelhecimento bem-sucedido, negando os estereótipos da velhice ou a inexorabilidade do envelhecimento.

O programa é um sucesso para os jovens idosos, para o segmento mais velho que detém um alto nível de autonomia funcional e pode participar do conjunto de atividades. Para os estágios mais avançados da velhice, para as pessoas com perdas sérias da autonomia e que necessitam de cuidados em tempo integral o acesso a essa experiência parece estar praticamente vedado, pois no período estudado não identificamos cadeirantes ou cuidadores com os alunos inscritos no programa.

Esse sucesso só pode ser entendido num contexto em que as instituições de ensino superior passam a adquirir, a partir da década de 1960, múltiplas funções; além do ensino e pesquisa, passam a ofertar ações de extensão universitária, dentre elas atividades assistenciais a setores menos favorecidos da comunidade. O programa UniversIDADE reflete o compromisso que a UNICAMP passa a assumir para contribuir com as políticas sociais voltadas às pessoas idosas.

Inúmeras questões surgem a partir do que pude descrever e analisar neste trabalho. Um aprofundamento etnográfico sobre a experiência dos participantes no programa UniversIDADE certamente nos trará maior riqueza sobre os significados da participação neste programa da UNICAMP e também sobre a experiência do envelhecimento em nossa sociedade. Um mergulho que busque compreender em mais detalhes o que os participantes, a longo prazo, incorporam deste aprendizado, quais são as características das vivências nas atividades em função das diferentes idades cronológicas e perfil socioeconômico dos participantes, como se desenvolvem as novas amizades estabelecidas e como familiares avaliam os efeitos do programa na experiência dos mais velhos, bem como a comparação do programa da UNICAMP com outras UnATIs, entre outras questões, são caminhos de pesquisas abertos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, P. **História social da criança e da família.** 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014 [1981].

BATESON, Gregory. ***Naven; A survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of New Guinea tribe drawn from three points of view.*** Stanford, Stanford University Press, 2ª ed. 1958.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOURDIEU, Pierre. "A juventude é apenas uma palavra". In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 77, 5 jan.1994.

_____. Lei no 10.741, de 1o de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Ofcial da União**, Brasília, p. 1, 3 out. 2003.

_____. Ministério da Saúde. Portaria no 2.528, de 19 de outubro de 2006. Regulamenta a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa e dá providências. **Diário Ofcial da União**, Brasília, p. 142, 20 out. 2006.

BRITTO DA MOTTA, Alda. "Envelhecimento e sentimento do corpo" In: MINAYO, MCS., and COIMBRA JUNIOR, CEA. orgs. **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

_____. "Chegando pra idade". In: BARROS, Myriam Moraes Lins de Barros (org.). **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

CACHIONI, Meire. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a Terceira Idade: A experiência dos alunos da Universidade São Francisco.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. Universidade da Terceira Idade. In: NERI, A. L. (Org.), **Palavras-chave em Gerontologia.** Campinas: Alínea, 2005.

_____. **Universidades Abertas à Terceira Idade como contextos de convivência e aprendizagem: implicações para o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico.** Revista Temática Kairós Gerontologia,15(7), 23-32. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Dez 2012.

CACHIONI, Meire. e BATISTONI, S.S.T. **Bem-estar subjetivo e psicológico na velhice sob a perspectiva do conviver e do aprender**. Revista Temática Kairós Gerontologia,15(7), 09-22. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Dez 2012.

CACHIONI, M. e ORDONEZ, T.N. Universidade da Terceira Idade. In: Freitas, E.V.de & Py, L. (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia** (1): 1655-63. (3a ed.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan, 2011.

CACHIONI, M. e PALMA, L.S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. *In*: Freitas, E.V. *et al.* (Orgs.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**, 1456-1465. (2ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan, 2006.

CASTRO, P.C., TAHARA, N., REBELATTO, J.R., DRIUSSO, P., AVEIRO, M.C. & OISHI, J. Influência da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) e do Programa de Revitalização (REVT) sobre a qualidade de vida de adultos de meia-idade e idosos. São Carlos (SP): **Revista Brasileira de Fisioterapia**, 11(6), 461-467. 2007.

COHEN, Lawrence. "Não há velhice na Índia: os usos da gerontologia". In: DEBERT, Guita Grin. (org). **Antropologia e velhice.** Textos didáticos, n. 13, janeiro de 1998.

CUNHA, Raquel Vieira da. "Introdução". In: **Envelhecimento e Gerontologia**, São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae, 1976.

_____."Educação permanente como perspectiva da integração social do idoso". **Cadernos da Terceira Idade,** n. 6:7-8, São Paulo, SESC, 1980.

DEBERT, Guita Grin. "Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice". In: DEBERT, Guita Grin. (org). **Antropologia e velhice.** Textos didáticos, n. 13, janeiro de 1998.

_____. "Terceira idade e solidariedade entre gerações". In: DEBERT, Guita Grin. e GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). **Políticas do corpo e o curso da vida.** Editora Sumaré, São Paulo, 2000.

_____. "A dissolução da vida adulta e a juventude como valor". **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 16, n.34, p.49-70, jul./dez. 2010.

_____. **A reinvenção da velhice, socialização e processo de reprivatização do envelhecimento.** 1. Ed. [2 reimp.]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012 [1999].

DEBERT, Guita Grin. e DESTRO DE OLIVEIRA, Gláucia S. "Os dilemas da democracia nos conselhos de idosos". In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. (Orgs.) **Política nacional do idoso: velhas e novas questões.** Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

DEBERT, Guita Grin. e GOLDSTEIN, Donna M. (Orgs.). **Políticas do corpo e o curso da vida.** Editora Sumaré, São Paulo, 2000.

DEBERT, Guita Grin*. e* SIMÕES, Júlio Assis. "A aposentadoria e a invenção da "terceira idade"". In: DEBERT, G. G. (Org.). **Antropologia e Velhice.** Textos Didáticos, nº 13 – Janeiro de 1998. 2. ed. IFCH, Campinas. 1998.

_____. "Envelhecimento e velhice na família contemporânea". In: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

DESTRO DE OLIVEIRA, Gláucia da Silva. **Os velhos como sujeitos de direitos: uma análise da gestão de velhice nos conselhos de idosos.** Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.

DEWEY, John. **Vida e educação**. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
_____. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação.** 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

DOLL, Johannes. "Educação e envelhecimento, fundamentos e perspectivas". **A terceira idade.** São Paulo, v. 19., n. 43, p. 7-26, out. 2008

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa (nas classes trabalhadoras urbanas).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar/CNPq, 1986.

_____. "Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas". In: LOPES, J. S. (Org.). **Cultura e identidade operária.** Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero/Proed, 1987.

_____. "Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação". In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN, Maria Luiza; LINS DE BARROS, Myriam; PEIXOTO, Clarice (orgs.). **Família e religião.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

DUARTE, Luiz Fernando Dias de.; GOMES, Edlaine de Campos. "Pertencimento familiar, auto-afirmação, individualização". In: DUARTE, L. F. D. de.; GOMES, E. C. **Três Famílias: Identidades e Trajetórias Transgeracionais nas Classes Populares.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** Rio de Janeiro: Rocco, 1985 [1983].

_____. **Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações.** Tradução Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 [1979].

DURHAM, Eunice R.; SCHWARTZMAN, Simon (orgs.). **Avaliação no ensino superior**. São Paulo, EDUSP, 1992.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **A solidão dos moribundos**, seguido de, **Envelhecer e morrer.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 [1982].

FEATHERSTONE, Mike. "O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento". In: DEBERT, Guita Grin. (org). **Antropologia e velhice.** Textos didáticos, n. 13, janeiro de 1998.

FEATHERSTONE, M. e HEPWORTH, M. "Envelhecimento, tecnologia e o curso da vida incorporado". In: DEBERT, G. G.; GOLDSTEIN, D. M. (orgs.). **Políticas do corpo e o curso da vida.** São Paulo: Editora Sumaré, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. ***L'usage des plaisiris*.** Paris: Gallimard, 1984a. (Historie de la sexualité 2).

_____. ***Le souci de soi.*** Paris: Gallimard, 1984b. (Historie de la sexualité 3).

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. "Antropologia e Feminismo". In: Bruna Franchetto; Maria Laura Cavalcanti; e Maria Luiza Heilborn (Orgs.); **Perspectivas Antropológicas da Mulher** - Vol.I. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume; ARANTES, Valéria A. (org.) **Educação formal e Não-Formal.** São Paulo: Ed. Summus, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002 [1991].

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Educação Não Formal e o Educador Social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **A Bela Velhice.** 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2015 [2013].

GOMES L. Papel da geriatria: aliado à técnica, muito amor. **Revista Humanidades.** Terceira Idade. Brasília, Editora UnB, 46: 111-112,1999.

GOMES, Lucy; LOURES, Marta Carvalho; ALENCAR, Josélia. Universidades abertas da terceira idade. **História da Educação.** ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas, n. 17, p. 119-135, abr. 2005.

GUERRERO, Patricia. **A Universidade para a Terceira Idade da PUC de Campinas e a experiência de envelhecimento.** Trabalho final de graduação. IFCH-Unicamp: Campinas, 1994.

GUILLEMARD, Anne-Marie. ***Le déclin du social: formation et crise des politiques de la vieillesse.*** Paris, PUF, 1986.

HEBESTREIT, L.. *The role of the University of Third Age in meeting needs of adult learners in Victoria*, Australia. ***Australian Journal of Adult Learning***, 48(3): 547-565, 2008.

HOCHMAN, Gilberto. "Políticas de Previdência Social no Brasil: Gênese, História e Possibilidades." In: DEBERT, Guita Grin & GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). **Políticas do corpo e o curso da vida.** Editora Sumaré, São Paulo, 2000.

IRIGARAY, T. Q.. **Dimensões de Personalidade, Qualidade de Vida e Depressão em Idosas da Universidade para a Terceira Idade.** Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

IRIGARAY, Tatiana Quarti; SCHNEIDER, Rodolfo Herberto. Participação de Idosas em uma Universidade da Terceira Idade: Motivos e Mudanças Ocorridas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 24 n. 2, pp. 211-216, 2008.

_____. IRIGARAY, T.Q. & SCHNEIDER, R.H.. Impacto na qualidade de vida e no estado depressivo de idosas participantes de uma universidade da terceira idade. **Estudos de Psicologia: 25**(4), 517-525. Campinas (SP). 2008.

KERR, Clark. **Os usos da universidade**. Trad. Débora Cândida Dias Soares. Fortaleza: EFC; 1982.

LASLETT, P. "*The emergence of Third Age."* ***Aging and Society***, n. 7, 1987.

LÉNOIR, Remi. *"L'invention du 'troisième âge': constitution du champ des agentes de gestion de la vieillesse"*. ***Actes de la Recherche em Sciences Sociales*****,** 26:83-107, 1979.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural.** São Paulo: Cosac Naify, 2008 [1958, 1974].

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 12 ed. São Paulo, Cortez, 2010.

LIMA, Marcelo Alves. **A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a UNATI/UERJ.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: 1999.

_____. "A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a terceira idade: a Unati/UERJ". In: VERAS, Renato Peixoto. (org.). **Velhice numa perspectiva de futuro saudável.** Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2001.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes (org**). Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: FGV, 2009 [1998].

_____. "A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira". In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MAUSS, Marcel. "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de 'eu'" [1938]. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MAZO, G. Z.; CARDOSO, A. S.; DIAS, R. G.; BALBÉ, G. P.; VIRTUOSO, J. F. . "Do diagnóstico à ação: Grupo de Estudos da Terceira Idade: alternativa para a promoção do envelhecimento ativo". **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde.** Volume 14, Número 1, 2009.

MINAYO, M.C.S., e COIMBRA JUNIOR, CEA. orgs. **Antropologia, saúde e envelhecimento** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 209 p. ISBN: 85-7541-008-3. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

MOODY, H. R. *"Overview: what is critical gerontology and why is it importante?"* In: COLE, T. R. *et alii* (orgs.). **Voices and Visions of Aging : Toward a Critical Gerontology.** New York, Springer, 1993.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Jogo de espelhos: Imagens da Representação de si através dos Outros.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, R. C. S.; OLIVEIRA, F. S.; SCORTEGAGNA, P. A. "Universidades abertas para a terceira idade: a construção de saberes para um novo olhar sobre a velhice." In: TONI, I. M.; VIEIRA, C. M. S. S.; D'ALENCAR, R. S. (Org.). **Dossiê: experiências de educação para velhice – universidades abertas à terceira idade.** Ilhéus: Editus, 2004.

ORDONEZ, T.N., BATISTON, S.S.T. & CACHIONI, M.. *Síntomas depresivos en adultos mayores participantes de una universidad abierta a la tercera edad*. **Revista Española de Geriatría y Gerontología**, *46*(5), 250-255, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Direcção Regional Européia. Actividade Física e Saúde na Europa. Evidências para Acção**. Tradução: Centro de Investigação em Actividade Física e Lazer, Portugal. Organização Mundial de Saúde, 2006.

PALMA, L. T. S. **Educação permanente e qualidade de vida: indicativos para uma velhice bem-sucedida.** Passo Fundo: UPF Editora, 2000.

PAZ, Serafim Fortes. e GOLDMAN, Sara Nigri. "Capítulo 151 O Estatuto do Idoso". In: FREITAS, E. V. de. Et al. **Tratado de geriatria e gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PEIXOTO, Clarice. "De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos", In: VERAS R. P. (org.), **Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio**, Rio de Janeiro, Relume&Dumará/UnATI/UERJ, 1997

_____."Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade..." In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** 4.ed.

Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006 [1998].

PEREIRA, Jesus Vasquez. "Educação para a participação". **Cadernos da Terceira Idade**, n.6:9-12, São Paulo, SESC, 1980.

RENAULT, Alain. **O indivíduo. Reflexão acerca da filosofia do sujeito.** Rio de Janeiro: Difel, 1998.

RODRIGUES, N. da C. Políticas públicas em relação ao idoso. *In*: HERÉDIA, V. B. M.; DE LORENZI, D. R. S.; FERLA, A. A. (Org.). **Envelhecimento, saúde e políticas públicas**. Caxias do Sul: Educs, 2007.

SALGADO, Marcelo Antônio. "Escola aberta para idosos; uma nova abordagem sócio-educativa". **Cadernos da Terceira Idade**, n. 1:19-24, São Paulo, SESC, 1977.

_____."Velhice, uma nova questão social". **Série Terceira Idade**, São Paulo, SESC, 1982.

SAMPAIO, Helena. **Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990**. NUPES, documento de trabalho 8/91, USP. 1991.

SAUT, R. B. et al. **O Estatuto do Idoso: um diálogo urgente.** Editora Nova Letra, Blumenau, 2005.

SHUTZ, Alfred. "*The problem of social reality.* In: ***Collected papers.*** Haia, Martinus Nijhoff, v. 1. 1970.

SILVA, F. P.. **Motivos para freqüentar universidade da terceira idade, crenças em relação à velhice e bem-estar subjetivo.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SIMONDON, Gilbert. ***L'individuation: à la lumière dos notions de forme et d'information.*** Paris: Millon, 2005.

SIMÕES, Júlio Assis. "Solidariedade em Xeque: As mudanças na seguridade social e o movimento de aposentados e pensionistas no Brasil". In: DEBERT, Guita Grin & GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). **Políticas do corpo e o curso da vida.** Editora Sumaré, São Paulo, 2000.

STRATHERN, Marilyn. ***After nature: English kinship in the late twentieth century.*** Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

STUCCHI, Deborah. **Os programas de preparação para aposentadoria e o remapeamento do curso da vida do trabalhador.** Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP, datil. 1994.

_____. "O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria." In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (org**). Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** 2ª reimpressão. Rio de Janeiro: FGV, 2009 [1998].

TRILLA, Jaume. *El sistema de educación no formal: definición, conceptos básicos y âmbitos de aplicación"*. In: SARRAMONA, J. (org.). ***La educación no formal.*** Barcelona: CEAC, p. 9-50. 1992.

_____*. La educación fuera de la escuela - Âmbitos no formales y educación social.* Barcelona: Editorial Ariel. 1993.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura, Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea.** Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981.

VERAS, R. P. & CAMARGO Jr., K. R. “Idosos e Universidade: uma parceria para a qualidade de vida”. In: VERAS, R. (org.). **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro.** Rio de Janeiro, Relume Dumará/Unati, 1995.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O conceito de sociedade em antropologia”. **Teoria & Sociedade**. 5, pp. 182-199, junho de 2000.
_____. “Capítulo 5 O conceito de sociedade em antropologia”. In: **A inconstânciada alma selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. "Romeu e Julieta e a Origem do Estado". In: VELHO, G. (org.), **Arte e Sociedade: Ensaios de Sociologia da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar. pp.130-169. 1977.

WASHINGTON, Marília Leite. 1980. “Educação permanente na terceira idade”. **Cadernos da Terceira Idade,** n. 6:13-15, São Paulo, SESC.

World Health Organization. **Active Ageing: a Policy Framework**. 2002. Disponível em: < http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2009.

Anexo 1 - Atividades do primeiro semestre de 2016

Lista de atividades, oficinas e palestras, do Programa UniversIDADE ocorridas no primeiro semestre de 2016 por Eixo Temático:

Eixo Temático: Arte e Cultura

Oficinas:

- História da comunicação
- Curso básico de inglês 1
- Trabalhos manuais: reutilizar com arte
- Apresentação acervo de coordenadoria de documentos de música contemporânea
- Jogos teatrais e contação de histórias
- Coral UniversIDADE
- Exposição biodiversidade animal: estilos de vida
- Do gosto pela história ao trabalho de memória: lembrar, registrar, organizar
- Curso introdutório de história da arte: breve panorama da arte europeia do século XII ao início do século XX
- Usando a matemática para exercitar o raciocínio e memória;
- Curso de italiano iniciante
- Oficina de manejo e cultivo de plantas
- Curso básico de inglês 2
- Espanhol básico 2
- Oficina de pintura em tela acadêmica módulo I
- Espanhol básico 1
- Critério para escolha de livros infantis e infanto-juvenis
- Aulas de conversação em língua inglesa
- As sete maravilhas da terra de Carlos Gomes
- Elaborando e comunicando ideias
- Cine crocante
- Cineclube Rex
- "Ler e compreender" – novo olhar para a vida
- Língua e cultura italiana II
- A teia, o embrulho e a gota d'água na cabeça!
- Oficina de biblioterapia – leitura terapêutica
- Ecobrinquedoteca: jogos históricos e culturais para adultos
- Samba e sociedade
- História e cultura indígena nordestina
- Histórias que se cruzam – roteirização e filmagem
- O céu dos índios de Dourados

Palestras:

- Leitura e narrativa, a terapia das mil e uma noites

Eixo Temático: Esporte e Lazer

Oficinas:

- Consciência corporal em movimento
- Biodanza: a poética do encontro humano (rolando toro)
- Oficina de atividade física e qualidade de vida – iniciantes
- Esporte, saúde e qualidade de vida
- Atividade física e funcional
- Ginástica para corpos experientes: o prazer de mover-se
- Vôlei adaptado
- Dança e consciência corporal
- Relaxamento consciente: Yoganidrá e outras formas de me-editar
- Dança de salão: movimentos, ritmo, postura e equilíbrio
- Atividade física funcional – turma B
- Oficina de atividade física e qualidade de vida – iniciantes turma B
- Treinamento funcional para a melhor idade

Eixo Temático: Saúde física e mental:

Oficinas:

- Desenvolvimento do cérebro: comportamento e memória
- Saúde e qualidade de vida
- Segurança alimentar e nutricional para idosos
- Espiritualidade e qualidade de vida
- Medicamentos: um olhar mais de perto
- Brincando com a memória: um processo de cuidado
- Stress e qualidade de vida na melhor idade
- Você pode ser melhor
- A pintura de desenhos elaborados e detalhados como instrumento anti estresse para adultos
- Medidas de prevenção de acidentes domiciliar em idosos
- A importância de uma boa alimentação: envelhecimento saudável
- O que é estresse e como lidar com ele? – turma A e turma B
- Mais meditação, menos estresse
- Como ocorre a aprendizagem e a memória? – turma A e turma B
- Dando a volta por cima: proposta para um novo viver
- Grupos de vivência e convivência na terceira idade

- Mitos sobre alimentos processados
- Instituição de longa permanência para idosos: pode ser uma opção de vida?
- Cor ação – oficina de arteterapia
- Flores e luzes para a saúde – turma A e turma B
- Vivenciando o bem-estar e a beleza na terceira idade – turma A e turma B
- Vida saudável começa com uma boa alimentação e atividade física
- Cuidando-se no amor, na leveza e na alegria – turma A e B
- Odontologia na terceira idade - turma A e turma B
- Brincantes: exercitando a criatividade
- Primeiros socorros
- Páginas da vida edição 2016
- De olho no caminho - turma A e turma B
- Livrando-se de medos
- Dinâmicas de grupo
- Como manter seu cérebro ativo: parte II
- "Podemos ser mais felizes" – vivências terapêuticas
- Como manter sua memória ativa – parte 1

Palestras:

- Paixão, amor e sexo na melhor idade
- Afinal o que é a doença de Alzheimer?
- Sexualidade e envelhecimento: mitos e estereótipos
- Envelhecimento e qualidade de vida
- Mitos e verdades sobre o envelhecimento: conhecer para não pré-julgar

Eixo Temático: Sócio Cultural e Geração de Renda

Oficinas:

- Química para leigos
- Atitude vencedora: a chave do sucesso em qualquer idade
- Demonstrações físicas básica
- Bordado livre
- Inclusão digital – turma A
- Patch aplique em tecido – turmas A, B, C e D
- Simplificando a economia doméstica
- Ensino e desenvolvimento de jogos digitais (videogames) – avançado
- Bordado em sianinha/trançado e bordado em fita
- Tendências do futuro virando coisas do presente – turma A e turma B
- Logística criativa – turma A e B
- Mudanças climáticas
- Programa de planejamento e desenvolvimento pessoal e profissional

- A melhor idade na era digital (inclusão digital) – turma A e B
- Oficina minimalismo à brasileira – menos é mais!
- PROAF – Programa de autonomia financeira
- Ensino de desenvolvimento de jogos digitais (videogames)
- A internet como instrumento de aprendizagem participativa: cursos abertos e massivos online (MOOC)
- Inclusão digital – turma B
- Oficina de participação social na terceira idade
- Veja a luz como nunca viu – turma A, B, C e D
- Noções básicas e prática no uso do Word, do Excel e do PowerPoint – turma A e B

Anexo 2 - Atividades do segundo semestre de 2016

Lista de atividades, oficinas e palestras, do Programa UniversIDADE ocorridas no segundo semestre de 2016 por Eixo Temático:

Eixo Temático: Arte e Cultura:

Oficinas:

- Cine crocante
- Espanhol básico II
- Oficina de pintura abstrata
- Iniciação teatral
- Tango
- Coral UniversIdade
- Aulas de conversação de língua inglesa
- Samba e sociedade
- Curso básico de Inglês 3
- Composição fotográfica
- Leitura, um santo remédio – oficina de biblioterapia
- Comunicação e expressão no século XXI
- Oficina de manejo e cultivo de plantas
- Curso básico de inglês 2
- Espanhol básico 1
- Patch aplique em tecidos
- Acervo de documentação de música contemporânea CDMC
- Língua e cultura italiana II
- Compreendendo a produção artística da França do século XIX
- Bordado livre
- Cine Pagu na UniversIdade
- A razão áurea na natureza, nas artes e na geometria
- Introdução à língua e cultura italiana I
- Cinema & Ciências – discutindo geociências por meio de análise fílmica
- Análise de poema de Manoel Bandeira
- Exposição: veja a luz como você nunca viu – turma A
- Exposição: veja a luz como você nunca viu – turma B
- Exposição: veja a luz como você nunca viu – turma C
- Exposição: veja a luz como você nunca viu – turma D
- Exposição: veja a luz como você nunca viu – turma E
- Exposição: veja a luz como você nunca viu – turma F
- Exposição: veja a luz como você nunca viu – turma G
- Conversemos em Español
- Brincando com a arte de fotografar

- Jogos teatrais e contação de histórias
- Vida, fatos e fotos: uma reflexão sobre as transformações sócio-espaciais e os desastres ambientais
- Teia, embrulho e gota d'água
- Cineclube Rex

Palestras:

- Conversa sobre música
- História da comunicação
- Palestra sobre cultura e língua chinesa
- Palestra: leitura e narrativa, a terapia das mil e uma noites

Eixo Temático: Saúde física e mental

Oficinas:

- Cuidando-se no amor, na leveza e na alegria I
- A pintura de desenhos elaborados e detalhados como instrumento anti estresse
- Gênero e sexualidade nas diferentes linguagens
- Você pode ser melhor – módulo 2
- Pipocas de leitura edição 2016
- Exercício físico para saúde mental
- Envelhecimento ativo: possibilidades e desafios
- Envelhecimento ativo
- Programa de planejamento e desenvolvimento pessoal
- Como manter seu cérebro ativo – parte 1
- Montando sua autobiografia – qual a sua missão?
- Contribuição da psicologia e do cinema para o autoconhecimento e relacionamento interpessoal
- Dando a volta por cima: propostas para um novo viver
- De olho no caminho
- Primeiros socorros
- Cor Ação – oficina de arteterapia
- Como manter seu cérebro ativo parte II
- Cuidando-se no amor, na leveza e na alegria II
- Cuidando-se no amor, na leveza e na alegria I – turma B
- Jogos e dinâmicas de grupo
- Oficinas culinárias: alimentação sustentável
- Confraria masculina
- Mandala "Olhos de Deus"
- Etiqueta, comportamento e imagem pessoal
- Biotecnologia: uma alternativa para sustentabilidade, saúde e bem-estar – turma A

- Biotecnologia: uma alternativa para sustentabilidade, saúde e bem-estar – turma B
- Biologia da fé: efeitos da fé na saúde física e mental

Palestras:

- Sexualidade e envelhecimento: mitos e estereótipos
- Espiritualidade e qualidade de vida
- Segurança alimentar e nutricional para idosos
- Odontologia na terceira idade – turma A
- Afinal o que é doença de Alzheimer?
- Paixão, amor e sexo
- Aprenda a prevenir quedas – turma 1
- Aprenda a prevenir quedas – turma 2
- Aprenda a prevenir quedas – turma 3
- Mitos e verdades sobre o envelhecimento: conhecer para não pré-julgar
- Saúde e qualidade de vida
- Mitos sobre alimentos processados
- Vida saudável começa com uma boa alimentação
- Envelhecimento e memória: quando devo me preocupar e o que posso fazer para prevenir e tratar
- Elaborando e comunicando ideias
- Saúde preventiva pela alimentação – turma A
- Educação em saúde: refletindo sobre o câncer de mama e os cuidados necessários
- Todos podem meditar
- Alimentos que auxiliam a memória
- Afinal o que é continência urinária
- Afinal o que é doença de Parkinson?
- Cromopuntura – o avanço da luz na recuperação de doenças
- Odontologia na terceira idade – turma B
- Medidas de prevenção de acidentes domiciliar em idoso – turma A
- Medidas de prevenção de acidentes domiciliar em idoso – turma B
- O que é memória?
- Depressão em idosos
- Saúde preventiva pela alimentação – turma B
- Saúde preventiva pela alimentação – turma C
- Saúde preventiva pela alimentação – turma D
- Preparando-se para uma vida hiper longeva – turma 1
- Preparando-se para uma vida hiper longeva – turma 2
- História do meu futuro
- Longevidade e realização
- Cuidando da saúde oral no envelhecimento – turma A
- Cuidando da saúde oral no envelhecimento – turma B
- Preparando-se para uma vida hiper longeva – turma 3

- Brincar não tem idade
- Estresse e nutrição
- Flores para a saúde

Eixo Temático: Esporte e lazer

Oficinas:

- Biodanza: a poética do encontro humano – Rolando O Toro
- Vôlei adaptado
- Treinamento funcional na melhor idade
- Oficina de atividade física e qualidade de vida – iniciantes – turma 1
- Oficina de atividade física e qualidade de vida – iniciantes – turma 2
- Consciência corporal em movimento
- Atividade física funcional – turma 1
- Atividade física funcional – turma 2
- Prática de danças circulares
- Mapa vital e dança integrativa
- Dança circular
- Xadrez e jogos enxadrísticos
- Dança sênior
- Iniciação ao Badminton
- Yoga não tem idade
- Aprenda a jogar videogame
- Vivência em dança contemporânea: criatividade e técnica

Palestra:

- Esporte, saúde e qualidade de vida

Eixo Temático: Sócio-cultural e Geração de renda

Palestras:

- Química para leigos
- Rede social: ética e influência no ambiente pessoal – turma 1
- Rede social: ética e influência no ambiente pessoal – turma 2
- Rede social: ética e influência no ambiente pessoal – turma 3
- Você conhece os perigos da internet? Aprenda e proteja-se
- Mudanças climáticas

Oficinas:

- Demonstração de física básica

- Libras: introdução a aprendizagem da língua brasileira de sinais, no enfoque da educação inclusiva
- PROAF – Programa de autonomia financeira
- Venha ser um captador de informações para elaboração de livro biográfico
- Alfabetização de adultos e idosos: visão freiriana
- Colocando ideias em ação – como chegar aos primeiros passos
- Ensino e desenvolvimento de jogos digitais - videogames
- Nossa vida como Gaia

Anexo 3 - Atividades do primeiro semestre de 2017

Lista de atividades, oficinas e palestras, do Programa UniversIDADE ocorridas no primeiro semestre de 2016 por Eixo Temático:

Eixo Temático: Arte e Cultura

Oficinas:

- Brincando com a arte de fotografar
- Cinema em debate
- A antiguidade romana nos filmes e seriados estadunidenses – turma 1
- A antiguidade romana nos filmes e seriados estadunidenses – turma 2
- Cine crocante
- Cinema em debate
- Exposição veja a luz como nunca viu
- Oficina de jornalismo
- Oficina de manejo e cultivo de plantas
- Técnicas em encadernação manuais

Palestras:

- Apresentação acervo de coordenadoria de documentação de música contemporânea
- Origami
- Samba e sociedade

Eixo Temático: Esporte e Lazer

Oficina:

- Consciência corporal em movimento

Eixo Temático: Saúde Física e Mental

Oficinas:

- A pintura de desenhos elaborados e detalhados como instrumento anti estresse para adulto
- A travessia dos 9 portais do conhecimento, com amor, leveza e alegria!
- Aprenda a avaliar a sua saúde
- Arteterapia – turma 1
- Arteterapia – turma 2

- Biodanza: a poética do encontro humano (Rolando Toro)
- Estimulação cognitiva/ oficina da memória
- Oficinas culinárias: alimentação sustentável
- Promovendo uma vida saudável
- Nossa vida como gaia

Palestras:

- Câncer de mama e ginecológico na terceira idade: a prevenção é o melhor remédio - turma 1
- Câncer de mama e ginecológico na terceira idade: a prevenção é o melhor remédio - turma 2
- Desenvolvimento do cérebro: instinto, emoção (paixão, amor e sexo), e razão.
- Envelhecimento: desatando nós e construindo laços
- Sexualidade e envelhecimento: mitos e estereótipos

Eixo Temático: Sócio cultural e geração de renda

Oficinas:

- Artesanato com pedrarias
- Inclusão digital (informática)
- Oficina do bem - cachecol em tricô ou crochê

Palestra:

- Mudanças climáticas

Anexo 4 - Atividades do segundo semestre de 2017

Lista de atividades, oficinas e palestras, do Programa UniversIDADE ocorridas no primeiro semestre de 2016 por Eixo Temático:

Eixo Temático: Arte e cultura

Oficinas:

- Cinema em debate
- Apresentação acervo de coordenadoria de documentação de música contemporânea - CDMC
- Bordar projetos e reciclar conceitos - eu bordo, tu bordas, nós somos alegres!
- Brincando com a arte de fotografar
- Cartas e cartões
- Cineclube CPLP
- Composição fotográfica
- Conversação em espanhol
- Conversando sobre matemática
- Conversas sobre a cultura da américa latina
- Coral UniversIDADE
- Criando uma pintura abstrata do artista Mondrian - 1
- Criando uma pintura abstrata do artista Mondrian - 2
- Crochê básico
- Crochê com café 2
- Curso Inglês Básico I
- Curso Inglês Básico II
- Desenho livre e percepção musical – I
- Desenho livre e percepção musical – II
- Desenho livre e percepção musical – III
- Ecobrinquedoteca: exercitando o cérebro
- Espanhol básico 1
- Fuxicando com monteiro lobato e os personagens do Sítio do Picapau Amarelo
- Harry potter: história, cultura e relações de gênero no mundo mágico de J. K. Rowling
- Inferno: de Dante a Blade Runner, as novas topografias do inferno
- Inglês básico I
- Introdução a arquitetura de interiores: projetando espaços residenciais
- Jogos e desafios matemáticos
- Jogos teatrais I
- Jogos teatrais II
- Jogos teatrais e teatro invisível
- Leitura, um santo remédio - oficina de biblioterapia

- Libras: introdução a aprendizagem da língua brasileira de sinais, no enfoque educação inclusiva
- Mimos da vovó - aprenda a produzir um kit para recém-nascido
- Museu não é lugar de velharia
- O lugar onde ninguém quer ir, mas que todo mundo vai: inferno!
- Oficina de contação de histórias
- Oficina de jornalismo
- Oficina de manejo e cultivo de plantas
- Oficina de teatro para iniciantes
- Origami
- Os bons sonhos que eu quero bordar... E realizar!
- Pintura a lápis... Em lápis grafite
- Pintura Bauernmalerei
- Práticas fotográficas
- Prostituição e pornografia: uma história mal contada
- Quem conta um conto aumenta um ponto – oficina de leitura
- Química para leigos
- Tudo é história I
- Tudo é história II

Palestras:

- De rainha da Bitínia à general metrossexual: recepções da masculinidade de Júlio César
- Veja a luz como nunca viu - 1
- Veja a luz como nunca viu - 2
- Veja a luz como nunca viu - 3
- Veja a luz como nunca viu - 4
- Veja a luz como nunca viu - 5
- Veja a luz como nunca viu - 6
- Ecologia alimentar em um grupo indígena: comparação entre aldeias nambiquara de floresta de cerrado - I
- Ecologia alimentar em um grupo indígena: comparação entre aldeias nambiquara de floresta e de cerrado - II
- Os mitos em nossa vida - palestra-1: a deusa pessoal palestra-2: a lua em nossa vida, culto e mitos.

Eixo Temático: Esporte e lazer

Oficinas:

- Atividade física funcional
- Treinamento funcional para a melhorIdade
- Yogaterapia

- Atividade física funcional
- Atividade física: jogos e brincadeiras
- Aula de alongamento geral
- Ballet clássico para melhor idade
- Consciência corporal em movimento
- Dança de salão: movimentos ritmo postura e equilíbrio
- Dança e movimento
- Dança Sênior
- Dançando a vida
- Desvelando memórias do corpo: uma vivência em dança do brasil
- Esporte, saúde e qualidade de vida
- Oficina de atividade física e qualidade de vida - iniciantes
- Oficina de esportes adaptados e modalidades paralímpicas
- Oficina do corpo
- Tai Chi Chuan para a saúde
- Treinamento funcional
- Treinamento funcional para a “melhor idade”
- Vôlei adaptado
- Xadrez e jogos pré enxadrísticos
- Yogaterapia

Palestras:

- Exercício para qualidade de vida
- Humanos, bípedes e equilibristas

Eixo Temático: Saúde física e mental

Oficinas:

- Do gosto pela história ao trabalho de memória: minha(s) história(s) de amor
- Estimulação cognitiva/ oficina da memória deu branco
- A alimentação saudável na menopausa
- A doação de órgãos para transplantes: uma conversa sob múltiplos olhares
- A importância do equilíbrio corporal - como evitar quedas I
- A importância do equilíbrio corporal - como evitar quedas II
- A importância dos exercícios respiratórios
- A odontologia do futuro I
- A odontologia do futuro II
- A travessia dos 9 portais do conhecimento, com amor, leveza e alegria!
- Alimentação saudável
- Biodanza: a poética do encontro humano (Rolando toro)
- Biologia da fé: efeitos da fé na saúde física e mental.

- Buscando o equilíbrio energético utilizando práticas integrativas
- Coach transformação pessoal em qualquer idade I
- Coach transformação pessoal em qualquer idade II
- Colocando ideias em ação - como chegar aos primeiros passos
- Como a acupuntura e a medicina chinesa melhoram a vida na terceira idade I
- Como a acupuntura e a medicina chinesa melhoram a vida na terceira idade II
- Compartilhando experiências para o despertar da vida
- Confraria dos/as avós
- Conhecer e praticar: relaxamento, afirmações positivas, *mindfulness* e pintura de desenhos.
- Consciência e expansão dos 4 corpos, no amor, na leveza e na alegria.
- Constelação familiar - constelar, acolher e reconciliar.
- Cor Ação - oficina de arteterapia
- Crie significado, construa identidade
- Cuidando-se no amor, na leveza e na alegria
- Desenvolvimento do cérebro: instinto, emoção (paixão, amor e sexo), e razão.
- Do gosto pela história ao trabalho de memória: minha(s) história(s) de amor
- Emoções: aliadas ou adversárias?
- Encontros nunca acabam I
- Encontros nunca acabam II
- Engate seu vagão numa estrela- autoconceito e poder pessoal.
- Espiritualidade e qualidade de vida
- Espiritualidade na prática
- Estimulação cognitiva/ oficina da memória deu branco
- Fases da vida: ressignificando com colagem
- Fisioterapia na incontinência urinaria e fecal
- Flores para a saúde
- Higiene das mãos e sua saúde
- Imagem pessoal após os 60
- Interações medicamentosas benéficas e prejudiciais à saúde
- Lágrimas: uma pequena história liquida
- O avanço da luz na recuperação das doenças
- O milagre da felicidade nos dias atuais
- O programa nacional de segurança do paciente nas instituições de saúde: o que é importante você saber
- O que outras histórias podem me ensinar?
- Obesidade, diabetes e doenças associadas. Uma problemática da sociedade moderna
- Oficina de criatividade: reciclando significados
- Oficina de cultivo da presença: exercícios de observação, escuta, atenção e vida plena, no agora.
- Os fatores emocionais ligados às questões da economia doméstica
- Polifarmácia em geriatria e abuso de psicotrópicos I

- Polifarmácia em geriatria e abuso de psicotrópicos II
- Primeiros socorros
- Roda de conversa eu ontem eu hoje
- Saúde preventiva pela alimentação - com degustação e teste com corantes I
- Saúde preventiva pela alimentação - com degustação e teste com corantes II
- Você pode ser melhor

Palestras:

- Cuidando-se no amor, na leveza e na alegria
- Desmistificação da sexualidade na terceira idade
- Emoções: aliadas ou adversárias?
- Saúde do cérebro: como prevenir o AVC (acidente vascular cerebral) e desmistificando a epilepsia
- Sexualidade e envelhecimento: mitos e esteriótipos
- Síndrome da fragilidade - o que é isso?
- Mitos e verdades sobre o envelhecimento: conhecer para não pré-julgar
- Mitos sobre alimentos processados

Eixo Temático: Sócio cultural e geração de renda

Oficinas:

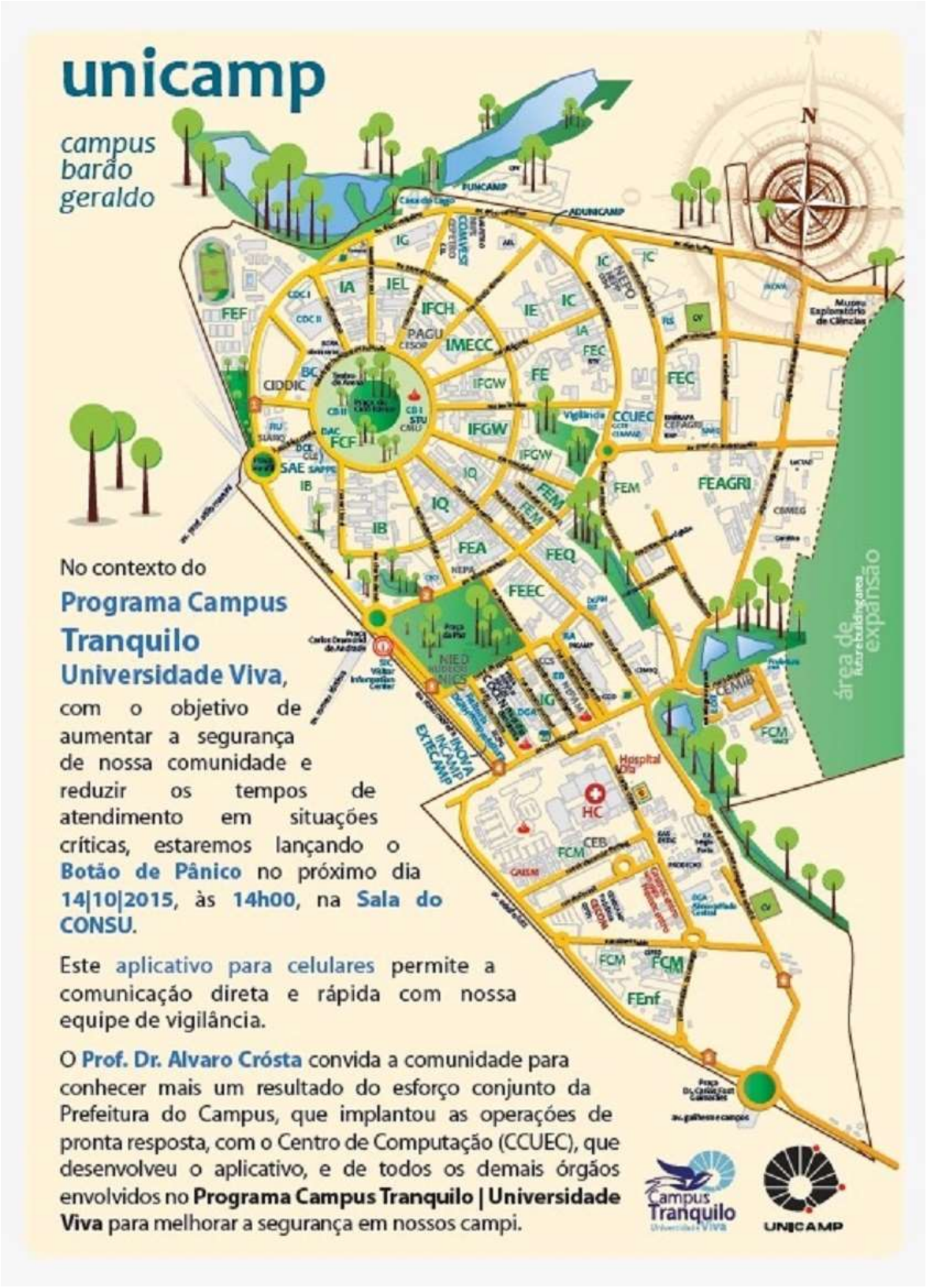
- Aprenda a jogar videogame
- Ensino de desenvolvimento de jogos digitais (videogames)
- Venha ser um captador de informações para elaboração de livro biográfico
- A indústria do petróleo: do início promissor aos atuais problemas da Petrobrás
- Aprenda a jogar videogame
- Bordado livre
- Comunicação em responsabilidade social: vamos ser um voluntário?
- Constituição, linguagem e democracia I
- Constituição, linguagem e democracia II
- Direitos da pessoa idosa: conhecer e participar
- Ensino de desenvolvimento de jogos digitais (videogames)
- Inclusão digital (informática) I
- Inclusão digital (informática) II
- Introdução a informática I
- Introdução a informática II
- Letramento em tecnologias móveis
- Luminárias artesanais com materiais reciclados módulo II
- Mala de viagem compacta, eficiente e versátil
- Mudanças climáticas
- Patch aplique

- Pedrarias
- Pintura e revestimento em caixas de MDF
- Programa de planejamento e desenvolvimento pessoal e profissional
- Rede de contatos
- Simplificando a economia doméstica
- Técnicas em encadernação manuais
- Troca de ideias sobre como agir em relação ao meio ambiente
- Venha ser um captador de informações para elaboração de livro biográfico
- Violência doméstica - Lei Maria da Penha
- Você conhece os perigos da internet? Aprenda e proteja-se I
- Você conhece os perigos da internet? Aprenda e proteja-se II

Palestras:

- I Encontro de Educação Sócio Ambiental na UNICAMP

Anexo 5 - Mapa da UNICAMP *Campus* Barão Geraldo



Anexo 6 - Resolução GR 038/14

Reitor: José Tadeu Jorge Cria o Programa UniversIDADE.

O Reitor da Universidade Estadual de Campinas, no uso de suas atribuições, considerando:

- a necessidade de prevenção, estimulação e capacitação do desenvolvimento emocional, visando preparar o indivíduo para o estágio pré-aposentadoria, aposentadoria e pós-aposentadoria, RESOLVE:

Artigo 1° - Fica criado, junto ao Gabinete do Reitor e a ele diretamente subordinado o Programa UniversIDADE.

Artigo 2° - O objetivo do Programa é proporcionar às pessoas da Comunidade, condições para enfrentar os desafios do período pós-aposentadoria, mantendo-se ativas tanto física quanto mentalmente.

§ 1º - As inscrições para participação no Programa serão feitas inicialmente para pessoas com vínculo direto com a Instituição.

§ 2º - No caso de vagas remanescentes nas oficinas/palestras, será aberto um novo período de inscrição para o público externo.

§ 3º - As condições e pré-requisitos para as inscrições do público externo serão determinadas pela Coordenação Executiva do Programa.

Artigo 3° - O Programa UniversIDADE é um curso gratuito, que vincula a educação acadêmica à educação popular, voltado para pessoas da meia idade e da terceira idade, considerando o mínimo de cinquenta anos.

Artigo 4° - A gestão do Programa UniversIDADE será executada por um Coordenador Executivo e por um Coordenador Associado, nomeados pelo Reitor.

Parágrafo único: A Coordenação Executiva terá como atribuição definir:

• a política de organização das atividades do Programa;

• propor novas atividades e Áreas Temáticas;

• gerenciar os projetos a ele vinculados;

• administrar sua estrutura em processo de implantação definitiva

• Coordenar toda política de sustentação de administrativa.

Artigo 5º - O Programa será estruturado em três semestres, e compreenderá quatro áreas temáticas:

I - Artes e Cultura - O objetivo das oficinas de arte e cultura é desenvolver a criatividade das pessoas para que elas possam utilizá-la em seu cotidiano.

II - Esporte e Lazer - O objetivo das oficinas de esporte e lazer é preservar a saúde física e emocional das pessoas, de modo que elas se tornem menos propensas a sofrer acidentes e mais aptas a desempenhar suas atividades diárias.

III - Saúde Física e Mental - Os objetivos das oficinas de saúde física e mental são contribuir com a prevenção de doenças e estimular o raciocínio lógico.

IV - Sócio Cultural e Geração de Renda - O objetivo das oficinas socioculturais e geração de renda é transmitir às pessoas orientações e conhecimentos específicos que poderão ser empregados posteriormente em sua vida pessoal e/ou no ambiente familiar.

§ 1º - Cada semestre será composto por pelo menos uma atividade de cada área temática.

§ 2º - Cada oficina/palestra terá duração de um semestre e os alunos receberão certificado de conclusão.

Artigo 6° - As oficinas/palestras serão oferecidas no período das 9h às 16h30, em horários e locais pré-definidos, e terão de 45 minutos à uma hora de duração.

Parágrafo único - Caso haja interesse e demanda para tal, as oficinas/palestras poderão ser oferecidas em horário noturno, conforme disponibilidade do monitor/palestrante.

Artigo 7° - Unidades e Órgãos, bem como professores, alunos e funcionários, poderão propor oficina/palestras, desde que respeitados os objetivos e o público-alvo do Programa.

Artigo 8° - A Coordenação Executiva do Programa analisará a proposta quanto à sua pertinência e adequação aos objetivos estabelecidos, podendo aprová-la, recusá-la ou sugerir possíveis modificações.

Artigo 9° **-** O Programa pretende utilizar recursos materiais e humanos da própria Universidade, contando com o apoio de seus docentes, alunos e
funcionários nos seguintes termos:

I - Aos funcionários e docentes, o Programa dará a oportunidade de transmitir seus conhecimentos e experiências a um grupo de indivíduos que buscam novos conhecimentos e qualidade de vida.

II - Aos alunos de graduação e pós-graduação, o Programa dará maior oportunidade em desenvolver atividades organizadas junto com seus orientadores, bem como proporcionar vivências em diversas áreas, com a finalidade de aproximar o aluno do conhecimento acadêmico e da sociedade, criando canais de acesso à informação e integração Universidade-Comunidade.

§ 1º - Caso entendam adequado, as Unidades poderão, com base em seus critérios, validar as horas/aula para fins de atividades extracurricular e horas de estágio dos alunos de graduação, sempre sob o acompanhamento de um Orientador.

§ 2º - Os alunos da graduação que participarem de oficinas com vínculo direto à sua área de atuação acadêmica, poderão fazer jus a uma Bolsa Auxílio, desde que atuem durante todo o semestre.

Parágrafo Único: As Bolsas Auxílio deverão ser instituídas e regulamentadas pela Pró Reitoria de Graduação para atender as demandas específicas do Programa.

Artigo 10º - A Coordenação do Programa poderá autorizar a participação de profissionais externos, na qualidade de voluntário, para as oficinas/palestras, desde que seja de interesse da Universidade e direcionados ao público alvo em questão.

Parágrafo Único: Cabe à Coordenação Executiva do Programa regular a participação de profissionais externos prevista neste artigo.

Artigo 11º - Os monitores/professores das oficinas/palestras receberão certificados de participação.

Artigo 12º - As Unidades que entenderem adequado e com base em seus critérios, poderão oferecer vagas nas disciplinas regulares de graduação e pós-graduação, de acordo com o cronograma que será estabelecido.

§ 1º - No caso de oferecimento de vagas nas disciplinas regulares, o interessado deverá preencher os requisitos estabelecidos pela Unidade, bem como cumprir o cronograma de atividades.

§ 2º - O interessado em se inscrever em disciplinas regulares deverá entregar currículo atualizado, cópia do certificado de conclusão do nível médio ou diploma de nível superior e uma carta justificando seu interesse em participar da disciplina.

§ 3º - O interessado em participar de disciplina regular somente estará apto a participar, após a análise e aprovação do docente responsável pela disciplina em questão, assim como da direção da Unidade.

Artigo 13º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Publicada no D.O.E. em 09/10/2014. Pág. 59.[57]

[57] http://www.programa-universidade.unicamp.br/sobre.php?s=RESOLUCAO_GR Último acesso em: 31/03/17.

Anexo 7 - Formação/profissão/vínculo dos instrutores

Perfil dos instrutores das atividades do Programa UniversiDADE no segundo semestre de 2017. Total: 177 atividades e 119 instrutores.

Quadro 9 – Profissão/formação dos instrutores das atividades oferecidas no segundo semestre de 2017

Profissão/formação do/a Instrutor/a e se tem vínculo com a UNICAMP	Atividade
1 - Funcionária da UNICAMP - bibliotecária	Apresentação acervo de coordenadoria de documentação de música contemporânea - CDMC
2 - Funcionária da UNICAMP – profissional de administração	Bordar projetos e reciclar conceitos - eu bordo, tu bordas, nós somos alegres! Os bons sonhos que eu quero bordar... E realizar!
3 - Funcionário da UNICAMP – técnico em bioterismo	Brincando com a arte de fotografar
4 - Funcionária da UNICAMP – operador de computador	Cartas e cartões
5 - Funcionário da UNICAMP - químico	Cineclube CPLP Química para leigos
6 - Psicóloga	Cinema em debate
7 – Informação sobre instrutor não encontrada	Composição fotográfica Práticas fotográficas
8 – Informação sobre instrutora não encontrada	Conversação em espanhol Espanhol básico 1
9 - Professor aposentado da UNICAMP – área de matemática	Conversando sobre matemática
10 - Informação sobre instrutor não encontrada	Conversas sobre a cultura da américa latina
11 - Professor doutor do Instituto de Artes da UNICAMP	Coral universidade
12 - Funcionária da UNICAMP – técnico químico	Criando uma pintura abstrata do artista Mondrian – turma A Criando uma pintura abstrata do artista Mondrian – turma B
13 - Aluna do programa UniversIDADE	Crochê básico
14 - Aluna do programa UniversIDADE	Crochê com café 2
15 - Aluna do programa UniversIDADE	Curso Inglês Básico – turma A

	Curso Inglês Básico – turma B
16 -Aluno da UNICAMP – Mestrado em História	De rainha da Bitínia à general metrossexual: recepções da masculinidade de Júlio César Harry Potter: história, cultura e relações de gênero no mundo mágico de J. K. Rowling
17 -Funcionária da UNICAMP – enfermeira (Admissão em 1986)	Desenho livre e percepção musical – Turma A Desenho livre e percepção musical – Turma B Desenho livre e percepção musical – Turma C
18 - Aluna do programa UniversIDADE	Ecobrinquedoteca: exercitando o cérebro
19 - Professora assistente doutora da UNICAMP – área de Biologia (Admissão em 1987)	Ecologia alimentar em um grupo indígena: comparação entre aldeias nambiquara de floresta e de cerrado – Turma A Ecologia alimentar em um grupo indígena: comparação entre aldeias nambiquara de floresta e de cerrado – Turma B
20 - Funcionária da UNICAMP – professora educação básica	Fuxicando com Monteiro Lobato e os personagens do Sítio do Picapau Amarelo
21 - Aluno da UNICAMP – doutorado em Artes Visuais	Inferno: de Dante a Blade Runner, as novas topografias do inferno O lugar onde ninguém quer ir, mas que todo mundo vai: inferno! Prostituição e pornografia: uma história mal contada Lágrimas: uma pequena história liquida
22 - Professora e mestre em educação	Inglês Básico 1
23 - Professor da UNICAMP – Instituto de Artes	Introdução a arquitetura de interiores: projetando espaços residenciais
24 - Aluno da UNICAMP – Graduação em Matemática	Jogos e desafios matemáticos
25 -Funcionária UNICAMP – Regente de Coral Admissão 1987	Jogos teatrais – Turma A Jogos teatrais – Turma B
26 – Informação de instrutor não encontrada	Jogos teatrais e teatro invisível
27 - Funcionária da UNICAMP – técnico em administração Admissão 1986	Leitura, um santo remédio - oficina de biblioterapia

28 - Funcionária da UNICAMP– técnico em administração Admissão 1988	Libras: introdução a aprendizagem da língua brasileira de sinais, no enfoque educação inclusiva
29 – Informação sobre voluntária não encontrada	Mimos da vovó - aprenda a produzir um kit para recém nascido
30-Funcionária de UNICAMP – profissional de pesquisa	Museu não é lugar de velharia
31 - Funcionária da UNICAMP – psicóloga organizacional Admissão 1985	Oficina de contação de histórias
32 - Funcionária da UNICAMP – Jornalista Admissão 1982	Oficina de jornalismo
33 -Funcionária da UNICAMP - profissional da educação básica	Oficina de manejo e cultivo de plantas I Encontro de Educação Sócio Ambiental na Unicamp Biodanza: a poética do encontro humano (Rolando Toro)
34 - Funcionária da UNICAMP – analista de desenvolvimento de sistema	Oficina de teatro para iniciantes
35 - Artista plástica e aluna do programa UniversIDADE	Origami Pintura Bauernmalerei Bordado livre
36 - Astróloga	Os mitos em nossa vida: Palestra-1: a deusa pessoal Palestra-2: a lua em nossa vida, culto e mitos.
37 – Informação sobre voluntário não encontrada	Pintura a lápis... Em lápis grafite
38 - Aluna da UNICAMP – Graduação em Letras	Quem conta um conto aumenta um ponto – oficina de leitura
39- Aluna da UNICAMP – graduação em História	Tudo é história – Turma A Tudo é história – Turma B
40- Professor da UNICAMP - Física	Veja a luz como nunca viu – Turma A Veja a luz como nunca viu – Turma B Veja a luz como nunca viu – Turma C Veja a luz como nunca viu – Turma D Veja a luz como nunca viu – Turma E
41- Funcionária da UNICAMP – orientadora fisiocorporal Admissão 1985	Atividade física funcional Atividade física: jogos e brincadeiras!

	Oficina de atividade física e qualidade de vida – iniciantes Vôlei adaptado
42 – Informação sobre instrutora não encontrada	Aula de alongamento geral Treinamento funcional
43 - Profissional de educação física	Ballet clássico para melhor idade Consciência corporal em movimento Oficina do corpo
44 – Professor de dança	Dança de salão: movimentos ritmo postura e equilíbrio
45 - Educador social	Dança e movimento
46 - Funcionária da UNICAMP - enfermeira	Dança Sênior
47 - Funcionária da UNICAMP – Casa do Lago	Dançando a vida
48 - Professora doutora da UNICAMP – Instituto de Artes	Desvelando memórias do corpo: uma vivência em dança do brasil
49 - Funcionária da UNICAMP – professora da educação básica	Esporte, saúde e qualidade de vida
50 – Informação sobre instrutora não encontrada	Exercício para qualidade de vida
51- Ex-aluna da UNICAMP – graduação em Educação Física	Humanos, bípedes e equilibristas
52 - Aluna da UNICAMP – doutorado em Fisiopatologia	Oficina de esportes adaptados e modalidades paraolímpicas Epilepsia: tudo o que você gostaria de saber!
53 - Atleta do Centro de Estudos de Artes Marciais Chinesas da UNICAMP (CEAMC)	Tai Chi Chuan para a saúde
54 - Professora doutora da UNICAMP – Faculdade de Educação Física	Treinamento funcional para a melhoridade
55 -Aluna da UNICAMP – doutorado em Engenharia Elétrica	Xadrez e jogos pré enxadrísticos
56 – Informação sobre a instrutora não encontrada	Yogaterapia
57 –Nutricionista	A alimentação saudável na menopausa
58 -Funcionária da UNICAMP – assistente social Admissão 1986	A doação de órgãos para transplantes: uma conversa sob múltiplos olhares
59- Funcionária da UNICAMP	A importância do equilíbrio corporal - como evitar quedas – Turma A

	A importância do equilíbrio corporal - como evitar quedas – Turma B
60 -Mestre em Gerontologia pela UNICAMP e aluna da Ufscar – doutorado em fisioterapia	A importância dos exercícios respiratórios Fisioterapia na incontinência urinária e fecal Síndrome da fragilidade - o que é isso ?
61 - Funcionária da UNICAMP – cirurgiã dentista	A odontologia do futuro – Turma A A odontologia do futuro – Turma B
62 - Funcionária da UNICAMP – assistente social	A travessia dos 9 portais do conhecimento, com amor, leveza e alegria! Consciência e expansão dos 4 corpos, no amor, na leveza e na alegria. Cuidando-se no amor, na leveza e na alegria
63 - Aluna da Unicamp – doutorado em Gerontologia	Afinal o que é doença de Alzheimer? Afinal o que é incontinência urinária? Mitos e verdades sobre o envelhecimento: conhecer para não pré-julgar Sexualidade e envelhecimento: mitos e estereótipos
64 - Professora doutora da UNICAMP - da Faculdade de Engenharia de Alimentos	Alimentação saudável
65 - Professor doutor da UNICAMP – Departamento de Biologia Estrutural e Funcional	Biologia da fé: efeitos da fé na saúde física e mental. Desenvolvimento do cérebro: instinto, emoção (paixão, amor e sexo), e razão.
66 - Funcionária da UNICAMP - enfermeira	Buscando o equilíbrio energético utilizando práticas integrativas O programa nacional de segurança do paciente nas instituições de saúde: o que é importante você saber.
67 - Profissional na área de negócios	Coach transformação pessoal em qualquer idade – Turma A Coach transformação pessoal em qualquer idade – Turma B
68 – Informação sobre o voluntário não encontrada	Colocando ideias em ação - como chegar aos primeiros passos

69 – Doutor em Clínica Médica pela UNICAMP	Como a acupuntura e a medicina chinesa melhoram a vida na terceira idade – Turma A Como a acupuntura e a medicina chinesa melhoram a vida na terceira idade – Turma B
70 - Funcionária UNICAMP aposentada - psicóloga	Compartilhando experiências para o despertar da vida
72 -Professora da Unicamp – Departamento de Antropologia	Confraria das(os) avós
73 - Funcionária da UNICAMP – profissional de administração	Conhecer e praticar: relaxamento, afirmações positivas, mindfulness e pintura de desenhos.
74 - Funcionária da UNICAMP – Agente publicitária Admissão 1986	Constelação familiar - constelar, acolher e reconciliar.
75-Funcionária da UNICAMP	Cor Ação - oficina de arteterapia Fases da vida: ressignificando com colagem
76 -Aluna da UNICAMP - Doutorado em gerontologia	Crie significado, construa identidade Emoções: aliadas ou adversárias?
77 - Professora universitária na área de enfermagem	Desmistificação da sexualidade na terceira idade Encontros nunca acabam - Turma A Encontros nunca acabam - Turma B
78 - Professor da UNICAMP – área de História na Faculdade de Ciência Médicas	Do gosto pela história ao trabalho de memória: minha(s) história(s) de amor
79 - Funcionária UNICAMP	Engate seu vagão numa estrela-autoconceito e poder pessoa
80 - Padre	Espiritualidade e qualidade de vida
81 - Professor da UNICAMP – área de administração	Espiritualidade na prática
82 -Aluna da UNICAMP – aprimoramento em ouvidoria hospitalar	Estimulação cognitiva/ oficina da memória deu branco
83 - Funcionária da UNICAMP – professora da educação infantil	Flores para a saúde O avanço da luz na recuperação das doenças
84 - Funcionária da UNICAMP – enfermeira Admissão 1984	Higiene das mãos e sua saúde
85 - Arquiteta	Imagem pessoal após os 60 Mala de viagem compacta, eficiente e versátil

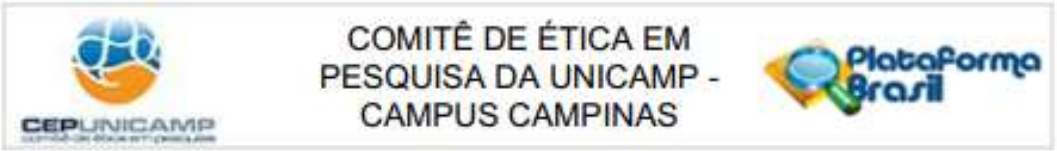
86- Professora da UNICAMP – instituto de química	Interações medicamentosas benéficas e prejudiciais à saúde
87 - Pesquisadora da UNICAMP - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação	Mitos sobre alimentos processados
88 - Funcionária da UNICAMP – profissional de administração Admissão 1987	O milagre da felicidade nos dias atuais
89 - Funcionária da UNICAMP – psicóloga do trabalho Admissão 1987	O que outras histórias podem me ensinar? Os fatores emocionais ligados às questões da economia doméstica
90 - Professor da UNICAMP – Instituto de Biologia	Obesidade, diabetes e doenças associadas. Uma problemática da sociedade moderna
91 – Informação sobre instrutor não encontrada	Oficina de criatividade: reciclando significados
92 - Aluna da UNICAMP – mestrado em educação	Oficina de cultivo da presença – exercícios de observação, escuta, atenção e vida plena, no agora.
93- Professora da UNICAMP – faculdade de enfermagem	Polifarmácia em geriatria e abuso de psicotrópicos – Turma A Polifarmácia em geriatria e abuso de psicotrópicos – Turma B
94 - Professora da UNICAMP – faculdade de enfermagem	Primeiros socorros
95 -Funcionário da UNICAMP – psicólogo Admissão 1989	Roda de conversa eu ontem eu hoje
96 - Funcionária da UNICAMP – secretária executiva e 97 - Funcionária da UNICAMP – enfermeira	Saúde do cérebro: como prevenir o AVC (acidente vascular cerebral) e desmistificando a epilepsia – Turma A Saúde do cérebro: como prevenir o AVC (acidente vascular cerebral) e desmistificando a epilepsia – Turma B
98 -Aluna do programa UniversIDADE	Saúde preventiva pela alimentação - com degustação e teste com corantes – Turma A Saúde preventiva pela alimentação - com degustação e teste com corantes – Turma B
99 - Professora da USP – área médica	Você pode ser melhor
100 – Informação sobre instrutor não encontrada	A indústria do petróleo : do início promissor aos atuais problemas da petrobrás
101 – Trabalha na área de tecnologia da informação	Aprenda a jogar videogame Ensino de desenvolvimento de jogos digitais (videogames)
102 - Funcionária da UNICAMP – agente de comunicação	Comunicação em responsabilidade social: vamos ser um voluntário?

103 – Informação sobre instrutor não encontrada	Constituição, linguagem e democracia – Turma A Constituição, linguagem e democracia – Turma B
104 - Aluna da UNICAMP – doutorado em gerontologia	Direitos da pessoa idosa: conhecer e participar
105 - Funcionário da UNICAMP – administrador de redes Admissão 1988	Inclusão digital (informática) – Turma A Inclusão digital (informática) – Turma B
106 - Advogado	Introdução a informática – Turma A Introdução a informática – Turma B
107- Aluno da UNICAMP – mestrando em ciência da computação	Letramento em tecnologias móveis
108 - Funcionário da UNICAMP – desenhista de produto Admissão em 1988	Luminárias artesanais com materiais reciclados módulo ii
109 - Pesquisadora da UNICAMP - Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas a Agricultura	Mudanças climáticas
110 - Funcionária da UNICAMP – profissional de administração Admissão 1985	Patch Aplique
111 – Informação sobre instrutora não encontrada	Pedrarias Pintura e revestimento em caixas de MDF
112 - Informação sobre instrutora não encontrada	Programa de planejamento e desenvolvimento pessoal e profissional
113 - Informação sobre instrutora não encontrada	Rede de contatos
114 - Funcionária da UNICAMP – profissional de administração Admissão 1986	Simplificando a economia doméstica
115 - Aluna do programa UniversIDADE	Técnicas em encadernação manuais
116 - Informação sobre instrutora não encontrada	Troca de ideias sobre como agir em relação ao meio ambiente
117 - Escritor	Venha ser um captador de informações para elaboração de livro biográfico
118 - Funcionária da UNICAMP – técnica em administração	Violência doméstica - Lei Maria da Penha
119 - Funcionário da UNICAMP – administrador de redes	Você conhece os perigos da internet? Aprenda e proteja-se – Turma A Você conhece os perigos da internet? Aprenda e proteja-se – Turma B

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do *site* do Programa UniversIDADE [58], pesquisa no *site* de busca *Google*, pesquisa no *site* da Plataforma *Lattes* e no aplicativo de *smartphone* "Salários UNICAMP" .

[58] https://www.programa-universidade.unicamp.br/ Último acesso em: 02/12/2017.

Anexo 8 - Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Representações do corpo e significados do envelhecimento no Programa UniversIDADE

Pesquisador: Ana Cláudia Muniz

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 56569016.0.0000.5404

Instituição Proponente: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.650.952

Apresentação do Projeto:

Introdução: O corpo em "Antropologia do corpo e modernidade" (2011) David Le Breton defende que "o corpo é um tema particularmente propício a uma análise antropológica, porquanto pertence de pleno direito à estirpe identificadora do homem" (p. 7). Cada sociedade, no interior de sua visão de mundo, delineia um saber singular sobre o corpo: seus elementos constitutivos, suas performances, suas correspondências, etc. Ela lhe confere sentido e valor (LE BRETON, 2011, p. 8). O saber aplicado ao corpo é cultural e "permite ao sujeito dar um sentido à espessura de sua carne, saber do que é feito, vincular suas doenças ou seus sofrimentos a causas precisas e conformes à visão de mundo de sua sociedade" (LE BRETON, 2011, p. 8). As representações do corpo são tributárias de uma visão de mundo, e, no interior dessa última, de uma definição de pessoa. O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si. Para o autor, as concepções do corpo construídas pela sociedade ocidental na modernidade estão ligadas ao avanço do individualismo enquanto estrutura social, à emergência de um pensamento racional positivo e laico sobre a natureza, ao recuo progressivo das tradições populares locais, e ligadas ainda à história da medicina, que encarna em nossa sociedade um saber, de certa forma, oficial sobre o corpo. (LE BRETON, 2011, p. 8). Segundo Le Breton assistimos hoje, na contemporaneidade, a uma aceleração dos processos sociais sem que o nível cultural a

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

acompanhe. Existe um divórcio entre a experiência social do ator e sua capacidade de integração simbólica, o que resulta numa carência de sentido que as vezes torna a vida difícil. A ausência de resposta cultural para guiar suas escolhas e suas ações faz com que o homem fique "abandonado à sua própria iniciativa, à sua solidão, desprovido perante numerosos eventos essenciais da condição humana: a morte, a doença, a solidão, o desemprego, o envelhecimento, a adversidade..." (LE BRETON, 2011, p. 20). Segundo o autor existe um divórcio entre um saber erudito e saberes populares nas representações atuais do corpo nas sociedades ocidentais. O saber biomédico é a representação oficial – o saber anatomofisiológico da medicina moderna – que é um elemento da cultura erudita, pouco partilhado. Segundo Le Breton (2011) cada ator vive com um conhecimento pouco nítido do seu corpo, conhecimentos rudimentares e superficial do saber biomédico, "o ator recorre paralelamente a muitas outras referências" (p. 128-129). Para Le Breton (2011) podemos assistir nas sociedades ocidentais a uma multiplicação de imagens do corpo, mais ou menos organizadas, em rivalidade umas em relação às outras. Cada um 'bricola' sua visão pessoal do corpo, agenciando-a à maneira de um quebra-cabeça, sem preocupar-se com as contradições, com a heterogeneidade dos empréstimos. Raramente, com efeito, essa representação aparece coerente. (...) As significações vinculadas ao homem e ao seu corpo põem-se a flutuar. (p. 136) Desse modo o ator das metrópoles ocidentais, segundo Le Breton, forja o saber que ele tem de seu corpo a partir de uma confusão de modelos heteróclitos, mais ou menos bem assimilados, sem se preocupar com a compatibilidade dos empréstimos. O autor abre caminho também para pensar a representação da pessoa idosa que, segundo ele, resvala lentamente para fora do campo simbólico, pois transgride os valores centrais da Modernidade: a juventude, a sedução, a vitalidade, o trabalho. A pessoa idosa seria a encarnação do recalcado. Um lembrete da precariedade e da fragilidade da condição humana, segundo Le Breton, ela é o rosto mesmo da alteridade absoluta. "Imagem intolerável de um envelhecimento que atinge todas as coisas em uma sociedade que cultua a juventude e não sabe mais simbolizar o fato de envelhecer ou de morre" (2011, p. 224). A velhice é um sentimento. Nela entrecruzam-se os dados que o campo social integra mal; o corpo, por um lado, porém mais ainda a precariedade e a morte. O status social das pessoas idosas, a denegação que marca a relação por cada um com seu próprio envelhecimento, a denegação também da morte, eis os sinais que mostram as resistências do homem ocidental em aceitar os dados da condição que faz dele antes de tudo, um ser de carne. (LE BRETON, 2011, p. 237) Envelhecimento e a terceira idade Em "A reinvenção da velhice", Guita Grin Debert (2012) chama atenção que, no ponto de vista de Moody (1993), a história da civilização ocidental está marcada por três etapas sucessivas em que a sensibilidade

investida na idade cronológica é radicalmente distinta: a pré-modernidade em que a idade cronológica é menos relevante do que o status da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma cronologização da vida; e a pós-modernidade, que operaria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário (p. 56). Segundo Debert, o curso da vida moderno burocratiza os ciclos da vida através da escola pública e da aposentadoria, demarcam-se três segmentos: a juventude/vida escolar, mundo adulto/trabalho e a velhice/aposentadoria. No entanto, na contemporaneidade (ou no curso da vida pós-moderno) assistimos a "uma proliferação de etapas intermediárias do envelhecimento" (1999, p. 77), dentre elas a da "terceira idade" – categoria que produz novos estilo de vida e cria mercados de consumo específicos. A invenção da terceira idade revela uma experiência inusitada de envelhecimento (...) que de acordo com Laslett (1987) requer a existência de uma 'comunidade de aposentados' com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de que esse período é propício à realização e satisfação pessoal. (DEBERT, 1999, p.77) Debert (2012) argumenta que espaços têm sido abertos para que experiências heterogêneas de envelhecimento possam ser vividas de maneira mais gratificante, no entanto, essas práticas que oferecem oportunidades para renovação do corpo, das identidades e autoimagens acabam por encobrir os problemas próprios da idade mais avançada; "o corpo ingovernável, as traições que o corpo faz às vontades individuais são, antes, percebidas como frutos de transgressões conscientemente impetradas, abominações da natureza humana" (p. 22). Essa visibilidade alcançada pela velhice é, na verdade, um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo. A concepção da velhice como um conjunto de perdas foi fundamental para a legitimação dos direitos sociais. Entretanto, as novas imagens do envelhecimento, na luta contra os preconceitos, tratam de acentuar os ganhos que o avanço da idade traz. A constituição do envelhecimento em um novo mercado de consumo sugere que o corpo é pura plasticidade e que é dever de todos manterem-se jovens (DEBERT, 2012, p. 68). Para Debert os conteúdos investidos na expressão "terceira idade", que foi entendida como resultado da socialização crescente da gestão do envelhecimento, são elementos ativos no que a autora chama de processo de reprivatização da velhice, que torna a velhice uma responsabilidade individual. Segundo ela, esse processo resulta da interlocução ente o discurso gerontológico, o público mobilizado nos programas para a terceira idade e a mídia. Nos programas para a terceira idade o envelhecimento deixa de ser um processo de perdas, segundo Debert (1997), as experiências vividas e saberes acumulados são ganhos que propiciariam aos mais velhos

oportunidades de explorar novas identidades, de realizar projetos abandonados em outras etapas da vida e de estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. A nova forma de reprivatizar a velhice seria "a promessa de que - com esforço pessoal, adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas – a velhice possa ser excluída do leque das preocupações dos indivíduos e da sociedade" (2012, p. 191). As concepções do corpo se associam a recodificação da velhice. Segundo Debert (2012) "as técnicas de manutenção corporal com ênfase no corpo jovem transformaram a meia-idade em uma espécie de platô que pode ser eternamente mantido" (p. 227). No contexto em que o envelhecimento se transforma em um novo mercado de consumo, não há lugar para a velhice, que tende a ser vista como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. O declínio inevitável do corpo, o corpo que não responde às demandas da vontade individual, é antes percebido como fruto de transgressões e por isso não merece piedade. Engolidos pelas concepções autopresevacionistas do corpo, os gerontólogos têm agora, como tarefa, encorajar os indivíduos a adotarem estratégias instrumentais para combater a deterioração e a decadência. Afinados com a burocracia estatal, que procura reduzir os custos com saúde educando o público para evitar a negligência corporal, os gerontólogos abrem também novos mercados para a indústria do rejuvenescimento (DEBERT, 2012, p.227). Segundo Debert (2012) podemos assistir à emergência de novos estereótipos, passa-se a louvar as pessoas saudáveis e bem-sucedidas que aderiram aos estilos de vida e à parafernália de técnicas de manutenção corporal veiculadas pela mídia. Desse modo, segundo a autora, "os problemas ligados à velhice passam a ser tratados como um problema de quem não é ativo e não está envolvido em programas de rejuvenescimento e, por isso, se atinge a velhice no isolamento e na doença, é culpa exclusivamente dele" (DEBERT, 2012, p.229). A Universidade da Terceira Idade De acordo com Meire Cachioni e Samila Batistoni (2012) as primeiras iniciativas brasileiras que ofereceram lazer e educação aos mais velhos aconteceram nas décadas de 1960 e 1970 com as Escolas Abertas do SESC (Serviço Aberto ao Comércio) de São Paulo, quase ao mesmo tempo que o aparecimento das Universidades do Tempo Livre, dos Grupos de Convivência e das Universidades da Terceira Idade europeias e norteamericanas. No Brasil, segundo as autoras, no final da década de 1980 e mais ainda no início de 1990, criaram-se as Universidades da (à, ou para a) Terceira Idade. Para Cachioni (2012) as Universidades Abertas à Terceira Idade (UnATIs) são marcadas pelo objetivo de manutenção da educabilidade dos idosos, da oportunidade de fortes interações sociais e da promoção da qualidade de vida. A autora chama atenção para o fato de que além da convivência, "o pensar, o fazer e o aprender favorecem o bem-estar" (p. 25). As UnATIs estão

inseridas no conceito de educação permanente, que foi proposto pela UNESCO, que significa que o aprendizado deve estar presente ao longo de toda a vida, "de forma constante, interativa e cumulativa para acompanhar as mudanças rápidas e contínuas da sociedade moderna" (p. 25). Cachioni (2012) relata que a primeira Universidade da Terceira Idade (The University Of Third Age – U3A) nasceu em 1970 na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse na França, por iniciativa do professor Pierre Vellas que pensava que a universidade poderia melhorar a vida das pessoas idosas. A partir desta iniciativa o movimento UnATI foi se espalhando pelo mundo, e atualmente milhões de pessoas idosas participam de tais programas que visam contribuir para um envelhecimento ativo e uma velhice bem-sucedida. As primeiras ações no modelo UnATI criadas no Brasil foram a partir da extensão universitária na área da gerontologia no início da década de 1980, com grande expansão em todo território nacional na década de 1990 (CACHIONI, 2012). Cachioni em seus estudos da área de Psicologia analisa o impacto que algumas UnATIs tiveram nos indivíduos participantes. As pesquisas acadêmicas encontradas sobre as UnATIs ou UTIs (Universidade da Terceira Idade) são de áreas como a Psicologia, Terapia Ocupacional, Medicina, Educação Física, Gerontologia, entre outras, em sua maioria. Pouco foi encontrado de estudos neste campo na área das Ciências Sociais. Assim, com este projeto de pesquisa espera-se contribuir para ampliar a discussão a respeito das UTIs na área da Antropologia. O Programa UniversIDADE: um programa para a longevidade A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), assim como inúmeras outras universidades do país, aderiu ao programa universidade para a terceira idade, implantando em 2015 o programa UniversIDADE: um programa para a longevidade. Segundo descrição do site do programa ele foi criado para proporcionar às pessoas da Comunidade da Unicamp e de Campinas, condições para a preparação do indivíduo em estágio pré-aposentadoria, aposentadoria e pós-aposentadoria, de modo a mantê-las ativa tanto física quanto mentalmente, atendendo as necessidade de prevenção, estimulação e capacitação do desenvolvimento físico e emocional através de atividades interdisciplinares que buscam fomentar os diálogos relacionados à Longevidade e Qualidade de Vida (Programa UniversIDADE, 2015). Segundo as informações contidas no site, o programa vincula a educação acadêmica à educação popular e é voltado para pessoas da meia idade e da terceira idade (considerando o mínimo 50 anos). O curso é estruturado em três semestres, com quatro áreas temáticas; conta com a participação de professores voluntários de áreas variadas (biológica, social, cultural, psicológica, filosófica, econômica, médica, esportiva, de saúde, etc); e contempla atividades nas áreas de Arte e Cultura, Esporte e Lazer, Saúde Física e Mental, Sócio Cultural e Geração de Renda. No ano de 2016 o programa teve inscrições de aproximadamente 600 participantes para o primeiro semestre

do mesmo ano, em que são divididas em três turmas, e conta com 127 atividades. Este projeto de pesquisa pretende investigar, a partir de um caso particular, questões teóricas maiores a respeito das representações do corpo e significados do envelhecimento. Portanto, a partir do trabalho de campo a ser realizado no programa UniversIDADE da Unicamp busca-se entender as novas concepções do corpo e do envelhecimento e como elas se associam. Hipótese: Este projeto de pesquisa tem as seguintes hipóteses: 1 - Ver em que medida o corpo envelhecido apresenta especificidades dadas pelo avanço da idade. 2 - Ver que o programa UniversIDADE tende a criar um espaço no qual o corpo de seus participantes não apresenta especificidades dadas pela idade e o interesse é ver quais são as marcas corporais realçadas pelas atividades envolvidas. Ou, alternativamente, as marcas dadas pelo avanço da idade ocupam um espaço central nas atividades envolvidas. 3 - Perceber as tensões e contradições existentes entre o discurso da gerontologia representado pelos executores do Programa e a visão dos idosos que participam do mesmo no que diz respeito às formas de representar o corpo. Ou, alternativamente, que não existem tensões e contradições entre os discursos da gerontologia e a visão dos participantes. 4 - Ver a relação que as representações do corpo mantêm com os (novos) significados do envelhecimento. Metodologia Proposta: A investigação se utilizará do método etnográfico. A pesquisadora através da observação participante acompanhará as atividades do Programa UniversIDADE. Os dados serão coletados através da observação direta, de conversas informais com os participantes e executores ao longo das atividades e de entrevistas semiestruturadas. Os dados e as impressões analíticas da pesquisadora serão registrados em caderno de campo. A coleta de dados será feita também a partir de mídias eletrônicas online como reportagens disponíveis no site da Unicamp e em redes sociais, a partir do próprio site do Programa UniversIDADE – por onde as informações a respeito de cronograma, inscrições, etc são veiculadas – e materiais impressos publicado sobre o Programa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Objetivo principal: A partir de um estudo microscópico de um programa para a terceira idade, o programa UniversIDADE da Universidade Estadual de Campinas, pretende-se investigar quais as representações do corpo construídas e evocadas pelos participantes e executores do programa. A partir de tais representações sobre o corpo busca-se compreender suas relações com os significados atribuídos à(s)experiência(s) do envelhecimento.

Objetivo Secundário: Objetivos específicos:1- Acompanhar as atividades do Programa UniversIDADE da Unicamp e investigar quais representações do corpo são evocadas e construídas

pelos sujeitos partícipes do programa (alunos/as e professores/as).

2- Analisar o conteúdo das palestras/oficinas/atividades do Programa UniversIDADE para investigar que concepções de corpo são utilizadas e de que forma elas são evocadas e articuladas nas atividades do Programa. 3- Perceber se existem tensões e contradições entre o discurso da gerontologia representado pelos executores do Programa e a visão dos idosos que participam do mesmo no que diz respeito às formas de representar o corpo.

4- Analisar a partir de um estudo teórico conceitual sobre corpo e envelhecimento na literatura antropológica qual a relação que essas representações do corpo mantém com os (novos) significados do envelhecimento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo informações do pesquisador: Riscos: Pesquisa sem riscos previsíveis. Benefícios: Há um possível benefício direto aos participantes e também para a sociedade, pois espera-se através dos dados dessa pesquisa ampliar a discussão sobre os temas envelhecimento, corpo e programas para a terceira idade, e os mesmos poderão ter acesso a este estudo, fazendo a leitura da dissertação de mestrado e demais publicações.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este protocolo refere-se ao projeto Representações do corpo e significados do envelhecimento no Programa UniversIDADE cuja Pesquisador Responsável é Ana Cláudia Muniz, sob a orientação da Profª Drª Guita Grin Debert. A pesquisa tratará da antropologia da velhice e embasará a dissertação de mestrado da pesquisadora. A Instituição Proponente é o IFCH da UNICAMP. Segundo as Informações Básicas do Projeto, a pesquisa tem orçamento estimado em R$ 10.000,00 (dez mil reais) e o cronograma apresentado contempla a coleta de dados para 01/11/2016, com término em dezembro de 2017. Serão abordados ao todo 50 pessoas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram analisados os seguintes documentos de apresentação obrigatória:

1 - Folha de Rosto Para Pesquisa Envolvendo Seres Humanos: Foi apresentado o documento "folha rostocep.pdf", de 12/05/2016, devidamente preenchido, datado e assinado.

2 - Projeto de Pesquisa: Foram analisados os documentos: "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_695546.pdf, de 14/07/2016 e "Projeto2.pdf", de 14/07/2016. Adequado.

3 - Orçamento financeiro: RS10.000 Adequado.

4 - Cronograma: Informações sobre o cronograma incluídas no documento

"PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_695546.pdf", de 14/07/2016. Adequado.
5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: Foi apresentado o documento "termo2.pdf", de 14/07/2016. Adequado.
6- Carta resposta: documento "cartaresposta.pdf", de 14/07/2016. Adequado.
7- Comprovação de vínculo com a UNICAMP: documento "matricula.pdf", de 10/05/2016. Adequado.

Recomendações:
1-Lembramos que o TCLE deve ser elaborado em duas vias, sendo uma retida pelo sujeito da pesquisa ou por seu representante legal e uma arquivada pelo pesquisador (resolução 466/2012).
2-Se o TCLE tiver mais de uma página, o sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas desse documento, apondo suas assinaturas na última página do referido termo (Carta Circular nº 003/2011/CONEP/CNS).
3-No cronograma, observar que o início do estudo somente poderá ser realizado após aprovação pelo CEP, conforme compromisso do pesquisador com a resolução 466/2012
4. Ao pesquisador cabe desenvolver o projeto conforme delineado, elaborar e apresentar
os relatórios parciais e final, bem como encaminhar os resultados para publicação,
com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico
participante do projeto (resolução 466/2012).
5. Em estudos retrospectivos, caso o pesquisador encontre dados que possam modificar o prognóstico ou tratamento dos sujeitos de pesquisa, recomenda-se que tais informações sejam transmitidas aos participantes e/ou anexadas ao prontuário para conhecimento da equipe clínica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Não há pendências; todas as pendências anteriores foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:
- O sujeito de pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

-Lembramos que segundo a Resolução 466/2012 , item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_695546.pdf	14/07/2016 17:06:31		Aceito
Outros	cartaresposta.pdf	14/07/2016 17:06:01	Ana Cláudia Muniz	Aceito

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNICAMP - CAMPUS CAMPINAS

Continuação do Parecer: 1.650.952

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo2.pdf	14/07/2016 17:05:26	Ana Cláudia Muniz	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto2.pdf	14/07/2016 17:04:53	Ana Cláudia Muniz	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	12/05/2016 19:35:51	Ana Cláudia Muniz	Aceito
Outros	matricula.pdf	10/05/2016 12:44:34	Ana Cláudia Muniz	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CAMPINAS, 27 de Julho de 2016

Assinado por:
Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador)

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo CEP: 13.083-887
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 Fax: (19)3521-7187 E-mail: cep@fcm.unicamp.br